



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório de Estágio

Associação Quinta Essência – Uma Nova Linguagem para a Incapacidade

Relatório de Estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em
Reabilitação Psicomotora

Orientador: Professor Doutor Pedro Jorge Moreira de Parrot Morato

Júri:

Presidente

Professor Doutor Vitor Cruz

Vogais

Professor Doutor Pedro Jorge Moreira de Parrot Morato

Professor Doutor Miguel Mata Pereira

Bianca Andreia Pina Duarte

2019

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Pedro Morato, pelos esclarecimentos prestados e pelas palavras de incentivo dadas ao longo do estágio profissionalizante, bem como pelas questões abstratas que me fizeram debruçar sobre temas mais específicos com vontade de melhorar o meu desempenho e a minha visão enquanto estagiária.

À Técnica Superior de Educação Especial e Reabilitação Rita Bernardo, pela transmissão de todos os conhecimentos, pela partilha de experiências e incentivo à espontaneidade no trabalho a desenvolver. Um agradecimento especial pela forma como me fez encarar esta profissão, fazendo-me acreditar que não há limites de imaginação quando o objetivo é ultrapassar uma dificuldade.

À Técnica Superior de Reabilitação Psicomotora Rita Carvalho, por me permitir explorar todas as minhas competências de forma a encontrar um registo de trabalho com o qual me identificasse. Pelo exemplo de dinâmica, foco e dedicação na profissão e responsabilidade no trabalho.

Ao Dr. Miguel Mata, por se disponibilizar a partilhar comigo toda a informação pertinente acerca da Associação Qe, assim como pela disponibilidade de partilha de experiências de trabalho no terreno.

À equipa da Associação Qe que me acolheu de forma simpática, mostrando-se sempre disponível para ajudar em qualquer eventualidade.

Aos meus pais e irmão, por me incentivarem a ser melhor todos os dias, a querer mais para dar mais. A eles que sempre foram um exemplo de que o esforço compensa e que nada se conquista sem passar por alguns obstáculos.

Resumo

O estágio profissionalizante descrito no presente relatório decorreu na Associação Quinta Essência, entre os meses de outubro de junho do ano letivo 2017/2018. Neste contexto a estagiária contactou com população maior de 16 anos onde o diagnóstico é, maioritariamente, de Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. A Associação Qe assenta a sua intervenção na filosofia do modelo *Gentle Teaching*, dando privilégio ao estabelecimento de relações de suporte. Será apresentada a intervenção desenvolvida na área da Reabilitação Psicomotora através da apresentação de dois grupos de trabalho e um estudo de caso individual. Questões relacionadas com a adolescência, a sexualidade e o envelhecimento serão descritas por forma a caracterizar a população apoiada pela Associação Qe.

Palavras-Chave: Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental; *Gentle Teaching*; Reabilitação Psicomotora; Adolescência; Sexualidade; Envelhecimento.

Abstrat

The presently described professional internship took place at “Associação Quinta Essência” between the months of October and June of the academic year of 2017/2018. In this context the intern had contact with a population over 16 years old whose majority is diagnosed with Intellectual and Development Difficulties. The “Associação Qe” bases its intervention in the Gentle Teaching model philosophy, focusing on establishing support relationships. The intervention undertake in Psychomotor Rehabilitation will be presented through the sample of two work groups and an individual study case. Matters related with adolescence, sexuality and ageing will be detailed as a way to characterize the population supported by “Associação Qe”.

Key-Words: Intellectual and development difficulties; Psychomotor Rehabilitation; Adolescence; Sexuality; Ageing

Lista de Abreviaturas

AF – Avaliação Final

AI – Avaliação Inicial

Associação Qe – Associação Quinta Essência–Uma Nova Linguagem para a Incapacidade

AGD – Atraso Global do Desenvolvimento

AVD – Atividades de Vida Diária

CA – Comportamento Adaptativo

CAO – Centro de Atividades Ocupacionais

DID – Dificuldade Intelectual e Desenvolvi mental

EET – Estruturação Espaciotemporal

EISP – Experiências de Integração Socioprofissionais

EM – Espaço Movimento

EP – Estágio Profissionalizante

FMH-UL – Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PC – Paralisia Cerebral

PDI – Plano de Desenvolvimento Individual

PEA – Perturbação do Espectro do Autismo

PM – Psicomotricidade

QdV – Qualidade de Vida

RPM – Reabilitação Psicomotora

T21 – Trissomia 21

TSERR – Técnica Superior de Ensino Especial e Reabilitação

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstrat	iv
Lista de Abreviaturas	v
Índice Geral	vi
Índice de Anexos	viii
Índice de Tabelas	viii
Introdução.....	1
Enquadramento da Prática Profissional	2
1. Associação Quinta Essência - Uma Nova Linguagem para a Incapacidade	2
1.1. História.....	2
1.2. Missão.....	2
1.3. Filosofia.....	2
1.4. Instalações.....	3
1.5. Serviços	4
1.6. Equipa Técnica	6
1.7. Articulação com a Comunidade.....	6
2. Gentle Teaching	6
3. Psicomotricidade na Associação Quinta Essência.....	8
4. Caracterização Geral da População Apoiada	8
4.1. DID.....	8
4.2. DID e Adolescência.....	9
4.3. DID e Sexualidade	10
4.4. DID e Envelhecimento.....	12
4.5. DID e Qualidade de Vida.....	13
	vi

Bianca Andreia Pina Duarte

Relatório de Estágio – Associação Quinta Essência - Uma Nova Linguagem para a Incapacidade

5. Caracterização Específica da População Apoiada.....	14
5.1. DID.....	15
5.2. Epilepsia	15
Realização da Prática Profissional.....	17
1. Organização e Calendarização.....	17
2. Intervenção em Pequenos Grupos.....	18
2.1. Grupo PM.....	19
2.1.1. Caracterização do Grupo PM	19
2.1.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação	22
2.1.3. Linhas Orientadoras da Intervenção	23
2.1.4. Análise e Discussão de Resultados.....	29
2.1.5. Reflexão Crítica do Grupo de PM	42
2.2. Grupo de Orientação.....	43
2.2.1. Caracterização do Grupo de Orientação.....	43
2.2.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação	47
2.2.3. Linhas Orientadoras da Intervenção	47
2.2.4. Análise e Discussão de Resultados.....	50
2.2.5. Reflexão Crítica do Grupo de Orientação	54
2.3. Intervenção em Estudo de Caso	55
2.3.1. Caracterização do Estudo de Caso	55
2.3.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação	58
2.3.3. Linhas Orientadoras da Intervenção	58
2.3.4. Análise e Discussão de Resultados.....	61
2.3.5. Reflexão Crítica do Estudo de Caso	67
Atividades Complementares	69
1. Projeto “Ginástica é Qe”	69
2. Projeto “Desporto Coletivo”	70
3. Projeto “Dança com as Ritas”	70

4. InterCentros.....	71
Conclusão.....	72
Referências Bibliográficas	74

Índice de Anexos

Anexo A - Organograma da Associação Qe	80
Anexo B - Escala de Avaliação do Grupo de PM	81
Anexo C - Planos de Sessão de Avaliação do Grupo de PM	87
Anexo D - Resultados de Avaliação Inicial do Grupo de PM.....	89
Anexo E - Resultados de Avaliação Final do Grupo de PM.....	99
Anexo F - Escala de Avaliação do Grupo de Orientação	110
Anexo G - Planos de Sessão de Avaliação do Grupo de Orientação	117
Anexo H - Resultados de Avaliação Inicial do Grupo de Orientação	121
Anexo I - Resultados de Avaliação Final do Grupo de Orientação	139
Anexo J - Escala de Avaliação do EC.....	153
Anexo K - Quadro de Plano de Sessão do Estudo de Caso.....	159
Anexo L - Resultados de Avaliação Inicial do Estudo de Caso	160
Anexo M - Resultados de Avaliação Final do Estudo de Caso.....	171

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Medicação Diária do ELF.....	16
Tabela 2 - Organização das fases do Estágio Curricular	17
<i>Tabela 3 - Horário de Estágio na Associação Qe.....</i>	18
Tabela 4 - Momentos de intervenção psicomotora com o Grupo PM.....	23
Tabela 5 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o Grupo PM	24
Tabela 6 - Pontos forte, menos fortes e aspetos a melhorar dos alunos do Grupo PM25	
Tabela 7 - Momentos de intervenção psicomotora com o Grupo de Orientação	48
Tabela 8 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o Grupo de Orientação	48
Tabela 9 - Características Individuais Observadas no ELF.....	57

Tabela 10 - Plano Geral de Intervenção com o ELF	59
Tabela 11 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o ELF	59

Introdução

O presente relatório surge no âmbito na unidade curricular de Aprofundamento de Competências Profissionais, inserida no segundo ano do mestrado em Reabilitação Psicomotora da Faculdade de Motricidade Humana, pertencente à Universidade de Lisboa, como forma de apresentação do Estágio Profissionalizante [EP] realizado pela aluna. Assim, o mesmo pretende fazer uma descrição detalhada do trabalho desenvolvido na Associação Quinta Essência – Uma Nova Linguagem para a Incapacidade [Associação Qe], local onde decorreu o estágio no passado ano letivo de 2017/2018. As seguintes páginas estarão divididas em três vertentes principais, sendo elas o **Enquadramento da Prática Profissional** onde será apresentada a Associação Qe, o seu funcionamento e filosofias em que assenta – modelo *Gentle Teaching* - assim como será descrita a população apoiada por esta entidade, sendo esta descrição suportada por teoria recolhida e tratada pela estagiária.

Segue-se a **Realização da Prática Profissional** que é a componente mais importante deste relatório pois é aqui que será descrito o trabalho prático desenvolvido ao longo do EP com os diferentes grupos de intervenção. Serão apresentados em detalhe os alunos que compõem os grupos, os resultados obtidos com a intervenção psicomotora, assim como o impacto que o trabalho com o grupo teve sobre a estagiária.

Para finalizar serão apresentadas as **Atividades Complementares**, sendo estas abordadas como um aditivo ao trabalho desenvolvido pela estagiária, mostrando assim as vantagens e desvantagens de intervir em diferentes contextos e as aprendizagens que os mesmos trouxeram à estagiária.

Enquadramento da Prática Profissional

1. Associação Quinta Essência - Uma Nova Linguagem para a Incapacidade

1.1. História

A Associação Quinta Essência [Associação Qe] surge em 2003 com o nome “Quinta Essência – Projetos de Reabilitação para a Pessoa com Deficiência, Lda”, sediada na Abrunheira, concelho de Sintra, pelas mãos de um grupo de pais e técnicos que tentam encontrar respostas mais adequadas às necessidades de pessoas com dificuldade intelectual e desenvolvimental [DID], podendo assim levar a uma mudança de atitude ao nível da integração e aceitação das mesmas no contexto socioprofissional (Associação Qe, 2017).

Ao longo da sua construção a Associação Qe integrou algumas atividades de intercâmbio a nível europeu no Programa Comunitário Sócrates, Grundtvig 2 e no Projeto Parcerias de Aprendizagem. Estas participações tiveram como objetivo estabelecer e promover a cooperação europeia no que toca à educação de adultos com DID, (Associação Qe, 2017).

Em 2009 passamos a ter a Associação Quinta Essência - Uma Nova Linguagem para a Incapacidade, sendo esta uma instituição sem fins lucrativos, recebendo meses depois o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social [IPSS], (Associação Qe, 2017).

1.2. Missão

A missão que move a Associação Qe prende-se com a melhoria de autonomia e integração social de pessoas com DID, com idade igual ou superior a 16 anos. Desta forma, a instituição pretende conjugar o papel da família com as fontes naturais e sociais de suporte, estando na base a criação de relação individuais e significativas, por forma a promover o desenvolvimento humano (Associação Qe, 2017).

1.3. Filosofia

A Associação Qe rege-se pelo modelo pedagógico *Gentle Teaching* [GT], que dá primazia aos sentimentos, sendo estes a base das necessidades do ser humano. Como tal as relações devem ser criadas tendo em conta este ideal, lembrando que cada ser humano é único, (Associação Qe, 2017). Esta filosofia será apresentada com maior detalhe mais à frente no relatório.

1.4. Instalações

As instalações da Qe estão divididas em quatro áreas diferentes, sendo elas o Centro de Atividades Ocupacionais [CAO], as Residências, os Espaços Verdes e a Quinta (Associação Qe, 2017). Começamos assim por apresentar o CAO, onde se pretende promover a autonomia, integração e dignidade da pessoa com DID. Aqui existem simuladores de atividades profissionais e ateliers onde são realizadas atividades que permitam desenvolver as competências do aluno, tendo por base o Programa de Desenvolvimento Individualizado (PIT) e o Currículo onde o próprio está inserido (Associação Qe, 2017). Estes são a base do CAO, tendo como objetivo principal facilitar os processos de aprendizagem que permitem transferir essas mesmas aprendizagens para o contexto real, promovendo assim a integração profissional dos alunos na comunidade. Estes simuladores encontram-se no espaço Qe e estão dependentes do número de clientes existentes e das parcerias profissionais estabelecidas, existindo atualmente os simuladores de restauração, jardinagem e compostagem, canicultura, serviço de mesa e bar, manutenção e limpeza (em desenvolvimento) e, apoio administrativo e secretariado (em desenvolvimento) (Associação Qe, 2017).

As Residências foram criadas para proporcionar um ambiente familiar ao utente e pretende-se que estes desenvolvam aqui competências de funcionalidade relativas à alimentação, ao vestuário, à higiene pessoal, às atividades da vida diária [AVD's] e de autossuficiência na comunidade. Atualmente as estadias podem ser feitas por duas vertentes, em forma de residência permanente, onde os utentes residem os 362 dias por ano, sendo que as mesmas estão encerradas no período do natal, ou em forma de residência ocasional, sendo esta de carácter pontual ou em colónia de férias. A Qe dispõe assim de duas residências, a Casa da Água e a Casa do Fogo, e cada uma delas é composta por uma sala de estar, uma despensa, uma lavandaria, 4 quartos duplos, 4 quartos individuais e WC privativo por cada duas camas. A monitorização destas é feita num período de 24 horas por dia (Associação Qe, 2017).

Os Espaços Verdes que envolvem a Associação Qe foram criados a pensar nas necessidades dos clientes, criando assim locais de produção e de lazer, tendo especial atenção na escolha da vegetação e equipamentos utilizados, sendo um dos objetivos a estimulação sensorial (Associação Qe, 2017).

A Quinta é composta pela estufa, o canil e a casa dos animais. Esta funciona como um espaço terapêutico que permite o contacto dos clientes com a natureza, sendo assim um complemento para um desenvolvimento equilibrado dos mesmos (Associação Qe, 2017).

1.5. Serviços

A Qe tem ao dispor dos seus clientes diversos serviços, passando estes pelo serviço de **Avaliação de Competências**, serviços de acompanhamento pedagógico **ACTIV**, serviço de acompanhamento pedagógico **Ateliers**, serviço de **Residências**, as **Experiências de Integração Socioprofissional [EISP]** e **Tempos Livres** (Associação Qe, 2017).

O serviço de Avaliação de Competências permite traçar um perfil de competências funcionais da pessoa com DID. Podem usufruir deste serviço candidatos e não candidatos à Associação Qe. O processo de avaliação decorre assim num período de 3 dias, nas instalações da instituição, podendo ser complementado por uma entrevista, uma avaliação psicológica e/ou do perfil vocacional dos candidatos. São assim avaliados parâmetros como a autonomia pessoal, comportamento social, desenvolvimento físico e desenvolvimento cognitivo. Posto isto e com base nas informações recolhidas acerca do comportamento, atitudes e desempenho do indivíduo, juntamente com a análise de relatórios anteriores e informações dadas pela família, é elaborado um relatório de avaliação onde são descritas duas vertentes, a) o perfil de competências de cada candidato e, b) um conjunto de propostas de intervenção adequadas às necessidades individuais dos candidatos, com base no perfil apresentado (Associação Qe, 2017).

O serviço ACTIV, apenas para alunos não residentes, tem uma frequência diária de segunda a sexta, das 09h00 às 17h00, tendo como objetivo a promoção e desenvolvimento de competências pessoais, sociais, motoras e cognitivas dos alunos. Tem como base uma intervenção psicoeducativa, estando assim mais focado na socialização, desenvolvimento profissional e, na aquisição de aprendizagens escolares. Este serviço apresenta as seguintes componentes: Plano de Integração Transitório [PIT]; Programa de Desenvolvimento Individualizado [PDI]; alimentação (almoço e lanche); frequência em atividades de CAO; apoio individualizado nas atividades; participação em atividades complementares; três atividades externas à escolha; delineamento, implementação e acompanhamento de uma EISP adequada ao perfil de competências do cliente; acompanhamento e monitorização; acompanhamento em urgências médicas e seguro de acidentes pessoais. Os clientes que usufruam do serviço ACTIV têm também à sua disposição e de forma gratuita: duas estadias em regime residencial por mês nas residências da Associação Qe; frequência nas colónias de verão em regime não residente e avaliação de competências em regime não residencial (Associação Qe, 2017).

O serviço Ateliers está disponível de segunda a sexta-feira, no horário das 09h00 às 17h00. Aqui é dada maior importância à vertente ocupacional e terapêutica, sendo o objetivo principal o bem-estar dos alunos, tendo em conta as suas experiências nas atividades de CAO, atividades externas e EISP. Podem ser observadas algumas componentes como: PIT; PDI; alimentação (almoço e lanche); frequência em atividades de CAO; uma atividade externa à escolha; delineamento, implementação e acompanhamento de uma EISP adequada ao perfil de competências do cliente; acompanhamento e monitorização; acompanhamento em urgências médicas e seguro de acidentes pessoais (Associação Qe, 2017).

No serviço de Residências objetiva-se dar uma resposta aos jovens que estejam num percurso profissional, ou que já tenham terminado, no espaço exterior à Associação Qe, mas que ainda assim necessitem de um serviço residencial. Este serviço proporciona então: alojamento em quarto individual ou duplo com casa banho privativa; alimentação (pequeno-almoço e jantar); higiene pessoal; acompanhamento e monitorização das 17H00 às 09h00; 2 consultas médicas de rotina/ano; acompanhamento em urgências médicas e seguro de acidentes pessoais (Associação Qe, 2017).

As EISP são criadas através de parcerias com empresas como a PANRICO e alguns restaurantes como o Lugar dos Sabores e o Colher de Pau. Tem como objetivo integrar os alunos nestas atividades laborais, dando-lhes assim competências de trabalho em cada uma das áreas específicas.

Os Tempos Livres são um serviço desenvolvido a pensar tanto no bem-estar dos alunos como no das famílias. Desta forma a Associação Qe pretende promover e facilitar o descanso, a tranquilidade e a confiança da população que está ligada à instituição. Assim é possível escolher entre uma vertente de lazer ou residencial (Residência Ocasional). Desta forma, na primeira, podem participar indivíduos a partir dos 10 anos de idade, sendo que se trata de um serviço com alojamento, alimentação e monitorização, com carácter pontual, correspondendo às necessidades e expectativas de cada participante. Os programas são desenhados com um carácter lúdico e têm componentes como: serviço de alojamento em quartos individuais e/ou duplos; serviço de alimentação; serviço de higiene pessoal; organização e prestação de atividades de lazer; serviço de monitorização e acompanhamento e possibilidade de monitorização individualizada (mediante orçamento). Já o formato de Residência Ocasional está disponível durante todo o ano, apresentando planos adequados às necessidades de cada um (Associação Qe, 2017).

1.6. Equipa Técnica

A equipa técnica da Associação Qe está organizada por áreas, tendo em conta o tipo de trabalho que desenvolvem, havendo assim: a Direção Executiva; a Área Pedagógica; a Área Logística, Administrativa e Financeira; e a Área de Comunicação e Imagem (Associação Qe, 2017).

Podemos ver no organograma da instituição (ANEXO A) que esta é constituída por uma equipa pluridisciplinar que trabalha de forma motivada com vista a tornar cada dia dos seus clientes numa experiência positiva e enriquecedora. Contamos assim com 3 elementos da direção, partindo depois para um total de 25 operacionais fixos na equipa CAO – 1 coordenadora pedagógica, 1 diretor pedagógico e 15 técnicos, juntamente com 1 coordenadora e 7 técnicos no Lar Residencial (Associação Qe, 2017).

1.7. Articulação com a Comunidade

A associação está bastante envolvida com a comunidade e, para ajudar no desenvolvimento de integração e autonomia dos seus clientes, criou parcerias e protocolos com algumas entidades para que o seu trabalho seja ainda mais produtivo. Assim temos, por exemplo, **parceiros Científico-Tecnológicos**, onde estão incluídas algumas faculdades e instituições; **parceiros Profissionais**, onde podemos encontrar algumas cadeiras de supermercados ou restaurantes; e parceiros de voluntariado, onde existem alguns projetos e fundos. Podemos ainda referir **outros protocolos** como o que permite a utilização da Piscina do Complexo Desportivo de Fitares ou o Picadeiro onde se realizam as atividades de Equitação Adaptada (Associação Qe, 2017).

Uma outra forma de comunicar com a comunidade são os **Intercentros** em que a Qe participa, sendo esta uma forma de proporcionar, mutuamente, convívio e competição aos clientes. Podemos também contar com as atuações realizadas pelos **projetos internos** como a “Dança com as Ritas”, a “Ginástica é Qe” e o “Quorum Ballet”, que fazem as suas apresentações em eventos específicos na comunidade (Associação Qe, 2017).

2. Gentle Teaching

Como já foi referido, a Associação Qe segue a filosofia do modelo pedagógico GT. Este termo surgiu por McGee, Menolascino, Hobbs e Menousek no decorrer da década dos anos 80. Segundo os autores o GT baseia-se numa psicopedagogia da interdependência, sendo assim um modelo que assenta na formação de redes de suporte que permitam um desenvolvimento sólido das relações humanas, havendo

assim a criação de relações significativas (McGee, Menolascino, Dobbs e Menousek, 1987). Os autores descrevem assim a metodologia como não violenta, sendo o objetivo desta a diminuição de comportamentos desafiantes, através da sua substituição pelas relações humanas, criando valores de respeito, empatia e solidariedade. Deste modo a criação de uma relação deve contemplar a descoberta de habilidades que evoquem nos clientes a sensação de camaradagem (McGee, 2016). Segundo McGee e Brown (2007), é necessário que sejam passados aos clientes os valores de **segurança**, **amar**, **ser amado** e de **compromisso**. Estes são designados como os quatro pilares do GT que devem ser assegurados pelos praticantes desta metodologia. Assim, uma relação de segurança permite que o cliente se sinta confrontável e em paz, evitando o medo. O sentimento de segurança permite a construção de autoestima, acreditando nas suas capacidades uma vez que a sua figura de referência também acredita. Amar significa ter a capacidade de fazer algo de bom pelos outros, querendo que os clientes se sintam confortáveis e seguros, utilizando as mãos ou os olhares como gestos de carinho. Ser amado é ter a percepção de que alguém cuida de nós, que se preocupa com o nosso bem-estar e, quando alguém é amado, aprende a sentir-se mais humano. É responsabilidade do cuidador transmitir este sentimento, demonstrando afetos. A noção de compromisso deve mostrar ao cliente que é bom criar momentos de partilha com os restantes pares, sendo este um conceito contrário à solidão. Os cuidadores devem encorajá-los a envolverem-se nas atividades, proporcionando-lhes tempo para que estejam em interação com os pares (McGee e Brown, 2007).

Posto isto é ainda importante referir que, os cuidadores estão munidos de ferramentas que os ajudam a estabelecer os princípios acima descritos. Entre elas estão a sua própria **presença**, o **toque**, as **palavras** e os **olhos**, que culminam todas com uma utilização similar, promovendo o sentimento de paz e aceitação, passando a mensagem de amor e segurança (McGee e Brown, 2007).

Neste sentido a Associação Qe apresenta um técnico responsável por cada cliente, sendo este uma figura que acompanha o mesmo nos mais diversos processos, quer de integração, de resolução de conflitos e de garantia do bem-estar do mesmo comprometendo-se a garantir o seu bem-estar e cumprimento de desejos. Esta relação alarga-se à família uma vez que há contacto permanente dos técnicos com os encarregados de educação, partilhando informações e ideias que culminem na manutenção de felicidade dos clientes.

3. Psicomotricidade na Associação Quinta Essência

A intervenção em psicomotricidade [PM] na Associação Qe é assegurada pelas Técnicas Superiores de Educação Especial e Reabilitação [TSEER] Rita Bernardo e Rita Carvalho. As sessões decorrem no atelier denominado Espaço Movimento [EM], encontrando-se aqui os materiais necessários ao desenvolvimento de atividade que permitam o cumprimento dos objetivos estabelecidos para a intervenção. As sessões são feitas em contexto de grupo, tendo no máximo 12 alunos, com uma duração de 90 minutos. A intervenção é feita de modo a equilibrar a psicomotricidade relacional com a psicomotricidade instrumental, adequando a mesma às necessidades de cada um dos grupos. Não existem intervenções em formato individual, há exceção dos Estudos de Caso realizados pelos estagiários. Por norma as TSEER contam com um ou dois apoios humanos na sessão para assegurara a qualidade do trabalho. A integração dos clientes nos grupos é feita tendo em conta alguns critérios, sendo eles a expectativas das famílias, i.e., os objetivos que os educandos pretendem ver trabalhados com os seus filhos, a satisfação pessoal do cliente, i.e., se este se sente confortável e motivado em determinada atividade, e por último, o número de elementos por grupo bem como a manutenção da coerência do mesmo.

4. Caracterização Geral da População Apoiada

4.1. DID

DID é a sigla utilizada para Dificuldade Intelectual e Desenvolvemental, como já foi referido, e esta é classificada pela American Psychiatric Association (APA) como uma perturbação com uma perspetiva multidimensional, funcional e bioecológica, sendo caracterizada por limitações a nível intelectual e no comportamento adaptativo [CA]. Estas limitações surgem antes dos 18 anos (APA, 2013).

De referir que, a mudança do termo de Deficiência Mental para DID mostra uma mudança no que concerne à compreensão da problemática. Tal acontece porque, a nomenclatura anterior tonava-se estigmatizante, associando a “deficiência” à impossibilidade de modificação de qualquer tipo de condição, sendo a nova “dificuldade” uma porta para uma visão mais otimista, incutindo a ideia de esperança para superar limitações (Morato e Santos, 2007).

Segundo Schalock, Gardner e Bradley (2010) as limitações refletem-se ao nível de atividades conceituais, práticas e sociais, sendo estas descritas como, (APA, 2013): **Domínio Conceitual** ou domínio académico, relacionando-se com habilidades de

memória, escrita, raciocínio lógico matemático e aquisição de conhecimentos práticos; **Domínio Social** que se relaciona com a empatia, habilidades de comunicação interpessoal e percepção de sentimentos; o **Domínio Prático** é relativo aos cuidados pessoais, organização de tarefas, controlo de dinheiro e autocontrolo comportamental. Há que ter em conta dois fatores fundamentais, sendo eles a **Capacidade Intelectual**, que abrange competências ao nível do raciocínio, planeamento, pensamento, compreensão de ideias complexas e resolução de problemas, bem como a aprendizagem (Tassé, Luckasson e Schalock, 2016), e o **CA** que, segundo Santos e Morato (2012), é um conjunto de competência aprendidas ao longo da vida que permitem desempenhar tarefas ao nível da independência, responsabilidade social e pessoal. Estas habilidades sofrem reajustes por forma a que os indivíduos possam corresponder aos padrões impostos pela sociedade, implicando isto a afirmação de um papel ativo como elemento da comunidade onde o mesmo se encontra inserido.

4.2. DID e Adolescência

Este capítulo surge também da necessidade de enquadrar vivências que o EP proporcionou à estagiária ao nível do conhecimento das relações interpessoais dos clientes. Isto porque, na sua maioria, os grupos de intervenção e de maior contacto da estagiária integravam jovens adultos, alguns ainda adolescentes na fase de descoberta de si próprio e do outro. Devemos ter em consideração que o público alvo abrangido pela Associação Qe se encontra, quando em fase de adolescência, na Fase Final da mesma.

É importante ter em conta que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento da vida humana experienciada de modo diferente por cada indivíduo, dependendo esta da maturidade física, emocional e cognitiva de cada um destes (UNICEF, 2011).

Assim, a adolescência é definida pela (UNICEF, 2011) como o período de vida entre os 10 e os 19 anos, sendo este dividida em duas fases: **Fase Inicial da Adolescência**, dos 10 aos 14 anos, e **Fase Final da Adolescência**, entre os 15 e os 19 anos.

É também descrita como uma fase da vida em que o jovem faz a passagem da infância para a vida adulta, havendo alterações a nível mental, emocional, sexual, social e de desenvolvimento físico. Dois marcos visíveis nesta fase do desenvolvimento são a puberdade, levando as mudanças físicas e ao desenvolvimento e consolidação da personalidade (Tanner 1962, cit in Eisenstein, 2005).

Aznar-Farias e Silveiras (2003) acreditam que a construção da identidade pessoal é a tarefa mais importante de toda a adolescência, sendo esta fundamental para a ascensão do adolescente a adulto maturo. Esta ideia é corroborada por Carvalho (1996 cit in Oliveira 2006) que refere que esta é uma etapa que leva à redefinição da identidade do sujeito, levando o mesmo a fazer uma análise na dimensão espaço-tempo, agregando assim as suas identificações e conflitos do passado, criando perspectivas para o futuro. Para isto, Marcia (1966 cit in Aznar-Farias e Silveiras 2003) defende que a formação deste processo depende da influência de **Fatores Intrapessoais**, nos quais identifica as características inatas do indivíduo e as características adquiridas pela personalidade do mesmo, de **Fatores Interpessoais**, estando estes relacionados à identificação com os pares e, por último, a **Fatores Culturais**, referindo-se estes aos valores a que o indivíduo está patente.

Tanner (1962 cit in Eisenstein, 2005) referem que nesta altura, a sociedade em que o indivíduo está inserido, já tem expectativas às quais este deve corresponder.

Deste modo, torna-se pertinente partilhar alguns factos vivenciados na Associação Qe, relativamente à descoberta da sua identidade e do seu papel na sociedade, criando assim uma necessidade de corresponder às expectativas criadas pela sociedade para qualquer jovem adulto. Utilizarei o exemplo o DG, de 23 anos, que entende que o seu papel na sociedade se prende com um emprego, sendo extremamente importante para ele sentir-se útil e integrado na sociedade, saindo da Qe e desempenhando funções importantes que os valorizem, tendo, neste caso, uma EISP nos Bombeiros de São Pedro de Sintra. Um outro caso é o do LC, de 32 anos, que fala, insistentemente, em juntar dinheiro para contruir uma casa e que procura por todos os caminhos encontrar um trabalho que lhe permita cumprir este objetivo.

4.3. DID e Sexualidade

Outro tema com o qual a estagiária se cruzou bastante foi com a exploração da sexualidade, tanto do próprio como do outro, havendo assim a necessidade de explorar um pouco de que modo é vista a sexualidade da pessoa com DID, fazendo uma comparação com a realidade vivida na Associação Qe. Para além disso, junta-se o facto de a intervenção ser regida através da filosofia do GT, anteriormente descrita, motivando esta a construção de redes de suporte, quer entre alunos quer destes com os técnicos, privilegiando o afeto e a partilha.

A sexualidade é uma propriedade de todos os seres humanos, não sendo algo que a pessoa adquira, mas sim uma coisa que a pessoa é e que deve ser construída, levando a diferentes manifestações ao longo do tempo (Dickerson, 1982; Lipp, 1988; Bernstein, 1992 cit in Pinheiro (2004).

Sabemos de antemão que, na crença popular, a pessoa com DID é vista como uma eterna criança, quase assexuada e isenta de impulso sexual, sendo esta ideia corroborada por (Dickerson, 1982; Lipp, 1988; Bernstein, 1992 cit in Pinheiro ,2004) que nos dizem que as demonstrações da sexualidade são vistas como naturais quando falamos na população geral, sendo estas vistas com alguma resistência quando o tema chega às pessoas com DID pois estas são conotadas como não tendo sexualidade.

Esta situação é também sentida pelos pais de jovens com DID, como confirmado por, Bastos e Deslades (2012), que nos dizem que, embora os pais consigam identificar e entender as mudanças dos filhos ao nível sexual, não conseguem olhar para eles como tendo maturidade para demonstrar determinados comportamentos, acabando também por não os ver como crianças pois as características físicas e comportamentais já não o permitem. Esta situação dúbia leva a que, muitas vezes, os pais não consigam ter uma reação natural com os seus filhos quando estes experienciam comportamentos naturais relativos à descoberta do corpo, como a masturbação, acabando por reprimilos. É de notar que, jovens com DID apresentam uma maior dificuldade em compreender a crítica relativamente a este assunto, assim como os limites que a sociedade lhes impõe.

Bastos e Deslades (2012) referem que existe também um sentido de proteção dos pais para com os seus filhos, tentando protegê-los de possíveis abusos ou exploração sexual, sendo isto por vezes uma dificuldade sentida pelos mesmos, havendo a consciência de que há a necessidade de proporcionar uma maior independência e autonomia na gestão dos impulsos sexuais dos filhos.

A estagiária, como será descrito mais à frente, teve a oportunidade de contactar com os clientes em diferentes contextos, mais e menos formais, observando diferentes comportamentos por parte dos mesmos. Esse fator permitiu-lhe compreender que o envolvimento dos técnicos nesta fase do desenvolvimento é de extrema importância. São estes que passam grande parte do dia com os jovens e com os seus pares, havendo na escola uma maior probabilidade de serem confrontados com situações que despoletem comportamentos sexuais, sendo necessário haver uma abordagem correta e clara que lhes permita perceber quais os limites desta expressão sexual. Esta ponte é feita para casa, tentando também perceber quais são as preocupações e atitudes dos

pais relativamente a este assunto. Assim, Bastos e Deslades (2012) corroboram esta atitude, referindo que é importante que haja um contacto entre os pais, profissionais e adolescente, por forma a orientar os últimos relativamente à sexualidade, levando ao confronto com os comportamentos manifestados tentando construir uma reflexão mais elaborada sobre o mesmo. Ainda assim, as autoras referem que, um controlo excessivo pode reprimir a autonomia e a privacidade do adolescente, sendo necessário fazê-lo moderadamente.

É importante perceber que não há uma diferença qualitativa na sexualidade das pessoas com DID quando comparadas com a restante população, sendo as suas emoções e necessidades da mesma natureza (Giami 1987 cit in Pinheiro, 2004).

Desta forma apresento-vos o exemplo da LC e do GH, dois alunos diagnosticados com Trissomia 21 [T21], com 27 e 21 anos, na descoberta da sua sexualidade. São dois amigos muito peculiares pois quando há oportunidade surgem manifestações de carinho, como beijinhos nos lábios e abraços. Por outro lado, temos o FL, também ele com diagnóstico de T21, de 23 anos, que tem por hábito colocar a mão nos órgãos genitais e assim permanecer, até que seja chamado à atenção. Posso também falar, sem nomear nomes pois acontece de forma um pouco mais aleatória, da manipulação dos órgãos genitais aos colegas, em locais mais privados, como as casas de banho, ou mais públicos como algumas das salas da Associação Qe, à vista de todos os colegas. Estes são casos em que, como acima referido, o papel dos técnicos é fundamental pois há a necessidade de passar a mensagem de que não é um comportamento adequado a ter em determinados locais, sem criar repressão nos clientes. Com este tipo de trabalho podemos promover a liberdade de expressão, sendo necessário direccionar alguns tipos de comportamentos.

4.4. DID e Envelhecimento

O envelhecimento pode ser considerado como um processo gradual onde se podem verificar declínios na realização de diferentes habilidades, segundo (Juhel, 2010), sendo isto causado pelo início da perda da capacidade funcional (Cancela, 2007). Assim, esta diminuição na capacidade de realizar determinadas tarefas dá-se devido às alterações que o processo de envelhecimento acarreta, sendo elas biológicas, sociais e psíquicas, não havendo um padrão para estas perdas, estando as mesmas dependentes de fatores genéticos, contextuais e pessoais (Aragón, 2007; Barreiros, 2006).

Segundo (Fonseca, 2001), o processo de envelhecimento engloba alterações relativamente ao nível do domínio motor, perceptivo, cognitivo e sócio-emocional, sendo estas alterações mais precoces quando existe um diagnóstico de DID. Barreiros (2006) aponta que a capacidade de dar resposta a estímulos externos se torna mais lenta, podendo isto estar diretamente relacionado com a demora na execução dos processos de antecipação de respostas, tomada de decisão e concretização de resposta.

Importa referir que, no que concerne às alterações físicas e psíquicas que são características do processo de envelhecimento, estas têm um maior impacto na funcionalidade do indivíduo e convergem com as limitações que podem já existir. Sendo também necessário ter em conta que a população com DID tem maior propensão a desenvolver problemáticas como os delírios, a demência e a depressão com o avançar da idade. À parte disto, a problemática da DID acarreta consigo uma maior predisposição a défices ao nível da força muscular, da coordenação motora e do equilíbrio, tornando-se assim mais fácil o comprometimento do bem-estar do indivíduo, assim como a sua mobilidade e o aumento do risco de queda (Lindsay, 2011).

A autonomia pessoal do indivíduo começa, também ela, a ficar comprometida devido à privação da realização de certas tarefas (Pereira, 2004). De ter em conta que a deterioração ao nível neuronal diminui as habilidades de memória e atenção, bem como a capacidade de aprendizagem se torna mais lenta e menor, havendo uma lentificação geral nas funções ao nível sensoriomotor (Geis, 2003).

Patja, Livanainen, Vesala, Oksanen e Ruoppila (2000) afirmam que, quando de uma DID moderada se trata, a esperança média de vida é mais baixa do que a estipulada para a população em geral.

Desta forma, a intervenção psicomotora com idosos, designada por Gerontopsicomotricidade, surge com o objetivo de prevenir e evitar os danos apresentados nas capacidades psicobiológicas e biológicas dos indivíduos (Morais, 2007). Na mesma ótica, Fonseca (2001) refere que a PM deve focar-se na prevenção e manutenção das capacidades que o indivíduo ainda possui, intervindo no sentido de evitar a passividade, a depressão, a imobilidade e a dependência da pessoa idosa.

4.5. DID e Qualidade de Vida

A WHO (1997) define a Qualidade de Vida [QdV] como a percepção que os indivíduos têm da sua orientação na vida, relativamente ao contexto da cultura e do sistema de valores em que estão inseridos, assim como em relação aos seus objetivos,

expectativas, padrões e preocupações. É um conceito amplo influenciado de forma complexa pela saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais e crenças pessoais.

De referir que, a definição de QdV tem evoluindo ao longo dos tempos, sofrendo várias alterações até se formar um constructo social mensurável, gerida por 5 princípios, sendo eles:

a sua universalidade, sendo constituída de igual forma para todos os indivíduos, independentemente do seu estatuto social, cultural ou, até mesmo, dificuldades; é materializada quando é atingido o cumprimento das necessidades individuais e, quando o sujeito tem oportunidade de fazer as suas escolhas e tomar as suas decisões; tem componentes objetivas (e.g., meio habitacional) e componentes subjetivas (estando estas relacionadas com a forma como as componentes objetivas são percebidas de acordo com o contexto social, cultural e económico); debruça-se sobre as necessidades individuais e as escolhas pessoais; é multidimensional, i.e., composta por vários domínios (Claes, Hove, Loon, Vandeveld e Schalock, 2010; Cummins, 2005; Morisse, Vandemaele, Claes, Claes e Vandeveld, 2013; Schalock et al., 2002).

Com esta nova abordagem, o indivíduo passa a ter um papel ativo, deixando de ser apenas um elemento passivo na integração de um plano habilitativo, passando este a focar-se nas decisões, opiniões e desejos do próprio indivíduo (Claes, Van Hove, Van Loon, Vandeveld e Schalock, 2009).

Custódio (2011) vê a QdV estreitamente ligada à satisfação de necessidades básicas e sociais, com vista à eventualidade de autonomia que permita que o indivíduo seja autêntico e genuíno nas suas escolhas e decisões, bem como no cumprimento do seu papel como membro ativo da sociedade de pares em que está inserido.

Por forma a identificar a QdV de um determinado indivíduo é importante perceber o grau de autonomia que o mesmo tem relativamente ao desempenho das suas funções, permitindo isto que o mesmo seja independente dentro dos contextos, sociais e culturais, em que se insere (Rosa, et al. 2003).

5. Caracterização Específica da População Apoiada

O presente tópico vai debruçar-se sobre a problemática do aluno participante na intervenção de Estudo de Caso, o ELF. Este tem um diagnóstico de Atraso Global do Desenvolvimento [AGD] concomitantemente com Epilepsia. De referir que, apesar do

diagnóstico do cliente ser de AGD, será apresentada a DID pois este é o diagnóstico mais atual encontrado, de acordo com a literatura.

5.1. DID

Atualmente, para o diagnóstico da pessoa com DID é necessário avaliar o comportamento adaptativo e o funcionamento intelectual da mesma (Tasse, Luckasson e Schalock, 2016). Nihira (2012) refere que é mais urgente ter em conta as tarefas que o indivíduo consegue efetivamente executar no decorrer do seu dia-a-dia, tendo em consideração as relações que estabelece com os outros.

Há características específicas aliadas ao diagnóstico de DID que, por vezes, constituem uma barreira à participação desta população na sociedade, sendo elas, algumas dificuldades na compreensão de regras sociais, dificuldades em executar com tarefas da vida diária, pouca propensão a ter comportamentos de autodeterminação, mais dificuldade em transferir aprendizagens para rotinas do quotidiano, sendo estes aspetos a ter em conta durante o processo de aprendizagem desta população (Santos e Morato, 2016).

Estudos recentes apontam para a necessidade de se inserir na intervenção conteúdos relativos à aprendizagem de habilidades adaptativas e funcionais, por forma a diminuir comportamentos desajustados e potenciando a aprendizagem de capacidades funcionais (Santos e Morato, 2016).

Nihira (2012) aponta a importância de identificar as vertentes fortes e menos fortes do sujeito, por forma a criar planos de apoio, trabalhando para levar ao progresso do indivíduo.

Luckasson (et al., 2002) defendem a classificação da DID através da utilização de apoios precisos para atingir uma maior e melhor funcionalidade. Desta forma, classificam os apoios como **intermitentes**, (esporádicos e momentâneos, utilizados em períodos de transição), **limitados** (mais consistente ao nível da intensidade), **extensivos** (utilizados diariamente em contextos específicos) e **permanentes** (de elevada intensidade e frequência).

5.2. Epilepsia

Segundo a Epilepsy Foundation (Shafer, 2014), a epilepsia é uma doença neurológica que causa convulsões, podendo estas ser recorrentes. Poblete e Sung (2017) referem que as convulsões são a consequência de falhas no equilíbrio normal dos processos inibitórios e excitatórios dos neurónios. Fisher et al (2005) referem que as convulsões

podem afetar o paciente ao nível sensorial, motor, do estado emocional, da memória, da cognição, do comportamento ou em funções de consciência.

A epilepsia não é uma doença contagiosa, não é uma doença mental nem tampouco uma deficiência de desenvolvimento (Shafer, 2014).

Trinka (et al 2015) referem que a classificação da epilepsia deve ser baseada em 4 eixos, sendo eles a semiologia, a etiologia, as correlações do eletroencefalográfico e, a idade.

Para controlar e reduzir as crises epiléticas, o ELF recorre a alguma medicação como o Ácido Valpróico Ratiopharm, o Tegretol e o Levetiracetam. Todos eles são medicamentos antiepiléticos de libertação prolongada e podem apresentar efeitos secundários. Como já foi referido na caracterização do ELF, este apresenta muitas particularidades motoras, que podem ser influenciadas pela medicação. Entre elas temos o arrastamento da fala, o baixo peso, a redução de apetite, hiperatividade, alterações ao nível do equilíbrio, dificuldades de concentração ou diminuição da memória. Todos estes exemplos são apontados como possíveis efeitos secundários nos diferentes medicamentos, sendo assim possível verificar que o seu desempenho funcional é altamente comprometido devido à dose de medicação diária a que está sujeito, como se pode verificar na tabela 1.

Tabela 1 - Medicação Diária do ELF

Medicamento	Horário	Quantidade
Ácido Valpróico Ratiopharm	Pequeno-almoço	2
	Ao deitar	3
Tegretol	Pequeno-almoço	1
	Ao deitar	1
Levetiracetam 1000 mg	Pequeno-almoço	2
	Ao deitar	2
Nota: A toma da medicação é feita no período entre as 08h00 e as 20h00.		

Realização da Prática Profissional

1. Organização e Calendarização

O EP teve início no dia 11 de outubro do ano de 2017 e decorrerá até dia 21 de junho de 2018, tendo assim um total de 9 meses. Este tempo contou com diferentes fases de integração e participação da estagiária na Associação Quinta Essência, como se pode observar na tabela 2.

Tabela 2 - Organização das fases do Estágio Curricular

	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Observação									
Observação Participada									
Avaliações Iniciais									
Estabelecimento de objetivos									
Intervenção Psicomotora									
Avaliações Finais									

Foi assim possível dividir a intervenção em 6 momentos diferentes no percurso decorrido na Associação Qe, sendo este iniciado pela **observação**. Logo à chegada houve um período de descoberta e adaptação aos diferentes projetos, técnicos e clientes que fazem parte da equipa. Foram assim preparadas algumas semanas de rotação pelos diferentes ateliers e projetos por forma a compreender as dinâmicas e rotinas praticadas, bem como algumas características intrínsecas dos técnicos e clientes.

Passadas algumas semanas iniciou-se uma nova fase, de **observação participada** onde, junto das TSEER Rita Bernardo e Rita Carvalho, se deu início à participação da estagiária nas aulas. Foi também nesta altura que se elaborou o horário da estagiária na Associação Qe onde se estabeleceram quais os projetos onde esta estaria inserida, estando este representado na tabela abaixo apresentada (ver tabela 3).

Tabela 3 - Horário de Estágio na Associação Qe

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h – 10h30	Desporto Coletivo	Meio Aquático	Atividade Motora Adaptada	Meio Aquático	
10h30 - 12h	Ginástica é Qe		Indireto		
12h - 13h	Almoço				
13h - 14h30	Psicomotricidade (Grupo PM)	“Dança com as Ritas”	Psicomotricidade	Grupo Orientação	
14h30 - 16h			Estudo Caso		
16h - 17h		Reunião de Casos			
*Atividades realizadas conjuntamente com as alunas de 3º ano da Licenciatura em Reabilitação Psicomotora da UL-FMH					
*Grupo pelo qual a estagiária é responsável (Grupo PM) e Estudo de Caso onde a estagiária trabalha em contexto individual					

Elaborado o horário segue-se uma nova fase onde são elaboradas e aplicadas as **Avaliações Iniciais [AI]**, quer ao cliente de Estudo Caso quer aos Grupos Responsáveis. Posto isto são analisados os resultados obtidos nas escalas de avaliação e são criados **objetivos** que permitam melhorar e desenvolver competências nos domínios apontados como mais frágeis. Inicia-se assim a fase de **Intervenção Psicomotora [IPM]** para posteriormente se passar à **Avaliação Final [AF]**, comparando os dados por forma a compreender se os objetivos trabalhados tiveram implicações ao nível da funcionalidade dos clientes.

2. Intervenção em Pequenos Grupos

No decorrer do estágio a estagiária teve inserida em diferentes grupos de intervenção, como já foi referido, mas houve dois, o **Grupo PM** e o **Grupo de Orientação**, pelos quais ficou responsável. Os grupos têm objetivos díspares e, por esse motivo, foi elaborada uma Escala de Avaliação para cada um deles, havendo os dois momentos de avaliação acima referenciados, AI e AF, por forma a medir o impacto que a intervenção psicomotora teve nestes clientes ao longo do tempo. Os nomes dos clientes serão representados pelas suas iniciais, mantendo assim o anonimato.

2.1. Grupo PM

2.1.1. Caracterização do Grupo PM

O grupo PM, (i.e.) grupo de intervenção psicomotora, é da responsabilidade da TSEER Rita Carvalho, passando a ser conduzido pela estagiária no período de estágio. A intervenção decorre no Espaço Movimento [EM], na Associação Qe, tendo uma duração de 90 minutos (13h00 às 14h30). É constituído por 8 clientes, com idades entre os 20 e os 52 anos, contando com apenas 2 elementos do género feminino. As perturbações mais proeminentes no grupo são a DID e a Perturbação do Espectro do Autismo, havendo ainda um caso de Síndrome de Angelman e outro de Deleção de Cromossoma 7. É possível verificar as diferenças ao nível da funcionalidade de cada um, sendo que desta forma os clientes com maior autonomia fazem parte dos apoios da técnica, ajudando e orientando os colegas sempre que necessário ao longo das atividades. Aqui são desenvolvidos diversos trabalhos como a promoção do equilíbrio, uso da memória, concentração, capacidade cognitiva e deslocamentos. É um grupo que necessita de bastante apoio verbal para a realização de tarefas de cariz mais cognitivo, assim como de apoio físico parcial, com alguns dos elementos, para atividades de carácter motor. É assim um grupo bastante heterogéneo quanto ao tipo de apoio e de necessidades ao nível das competências a desenvolver, mas ainda assim é um grupo tranquilo, onde todos se relacionam de forma saudável e trabalham de forma positiva.

Prosseguimos com a descrição de cada um dos elementos que constituem o grupo.

- **Af**

O Af tem 21 anos e diagnóstico de T21. É muito comunicativo e expressivo, mas apresenta um discurso de difícil compreensão uma vez que apresenta grandes dificuldades ao nível da fala. Não sabe ler nem escrever, tendo também pouco sentido de número e de letra. É bastante autónomo nas atividades da vida diária, é capaz de se organizar e de ajudar a organizar os colegas, sendo esta última uma tarefa que aprecia bastante, sendo assim uma ajuda para as técnicas no decorrer das sessões. Apresenta um comportamento adequado aos diferentes contextos.

- **A**

Diagnosticado com Síndrome de Masa que leva a um atraso global do desenvolvimento, de 21 anos, o A é um aluno com bastantes dificuldades de comportamento, gostando de perceber qual o limite a que pode chegar. Não lida bem com a frustração nem com a negação, chegando por vezes a ter comportamentos mais agressivos, bem como a

utilizar uma linguagem menos apropriada. Aliado a isto utiliza uma luva de latex, objeto que manipula de forma quase estereotipada, havendo por vezes dificuldade em conseguir que o A arrume a luva e participe na atividade de forma empenhada, pois este pedido pode gerar uma atitude menos positiva por parte do aluno, levando a um comportamento menos adequado. É bastante frágil fisicamente e tem bastantes dificuldades ao nível do equilíbrio e deslocação, mas é muito autónomo em todas as tarefas. De referir também que tem bastantes dificuldades ao nível da manipulação de objetos pois a posição das suas mãos, em forma de garra, não lhe permite ter grande amplitude entre os dedos. Ao nível da expressão verbal, o A expressa-se bastante bem mas tem alguma dificuldade na articulação das palavras. Gosta de ajudar os colegas e as técnicas, sentindo-se bem quando participa na organização da sessão. É bastante interessado e gosta de desenvolver atividades novas, sendo sempre curioso sobre o que haverá para fazer.

- **CD**

A CD tem 20 anos e diagnóstico de Deleção do Cromossoma 7, o que lhe confere um fenótipo muito característico. É bastante autónoma, fazendo todas as suas tarefas da vida diária, mas não gosta de se esforçar nem de sair do seu lugar preferencial, o chão. Não apresenta discurso verbal, mas expressa-se muito bem através de gestos e da utilização do sistema de comunicação alternativo Makaton. A CD tem capacidades muito boas a praticamente todos os níveis, mas muitas vezes prefere não as utilizar pois é bastante teimosa. É difícil encontrar algo que a motive e, muitas vezes é necessário recorrer a uma negociação para que esta realize as tarefas. Esta negociação baseia-se nas poucas atividades que ainda a conseguem cativar, sendo elas a adaptação ao meio aquático, a caminhada realizada nas aulas de AMA, a massagem no momento de retorno à calma e o almoço com o pai que acontece uma vez por semana. Como tal, acontece com frequência fazer a tarefa de forma errada só para se despachar mais depressa, sendo necessário insistir várias vezes até que complete tudo de forma correta. Tem uma boa capacidade de deslocação e de manipulação de objetos, utilizando a mão esquerda como preferencial.

- **C**

O C tem 52 anos e diagnóstico de DID derivada de uma meningite na infância. É um aluno que precisa de ser chamado para todas as aulas, que não interage próximo do grupo e que não quer participar na maioria das atividades. Não permanece o tempo

estipulado na sala de aula, pegando na sua mochila e saindo. É difícil conseguir que o C queira participar, mas se este vir que os colegas se estão a divertir acaba por começar a realizar a atividade, apesar de muitas vezes não a levar até ao fim. Tem também alguns comportamentos menos adequados ao contexto, sendo necessário chamá-lo à atenção. Apesar de não ter relações muito próximas com os colegas nem com os técnicos, o C chega a procurar alguns elementos para conversar. Tem um discurso fluido, mas bastante restrito, falando da mãe em todas as suas conversas, utilizando sempre o assunto de que esta se encontra doente.

- **D**

A D tem 26 anos e é diagnosticada com Síndrome de Angelman. Não fala e não utiliza nenhum sistema de comunicação alternativo. Diz apenas algumas palavras soltas como “papá” e “mamã”. É uma menina que desenvolveu poucas aptidões físicas globais e finas, tendo também muito pouca autonomia e funcionalidade em todas as tarefas da vida diária. É necessário realizar todas as atividades ao seu lado, utilizando os seus segmentos corporais quase como uma extensão dos nossos para que esta se disponha a realizar a atividade. Precisa de apoio verbal e feedback para todas as tarefas, sendo necessário dizer-lhe sempre o que deve fazer e demonstrar, e.g., arrumar o colchão.

- **F**

O F tem 48 anos e um diagnóstico de T21. Devido à idade, o F já se encontra reticente a realizar atividades de carácter mais físico/motor, mas nunca recusa participar. É autónomo em todas as suas atividades do dia-a-dia, tendo também uma boa relação com todos os alunos do grupo, com a estagiária e com a técnica responsável pelo mesmo. Gosta de conversar e é sempre bastante educado, adequando bem o seu comportamento aos diferentes contextos. O F é bastante competitivo, esforçando-se ao máximo sempre que lhe é dito que a atividade tem um vencedor, sendo esta uma motivação extra para se empenhar totalmente. É bastante distraído e demonstra pouca atenção no decorrer das atividades, principalmente nas de carácter cognitivo.

- **S**

O S tem diagnóstico de Atraso Global do Desenvolvimento e tem 20 anos. Não apresenta um discurso fluente, dizendo apenas algumas palavras e de forma pouco articulada. É muito teimoso e preguiçoso, mas é muito prestável e preocupado com os

colegas. Tem de ser bastante estimulado no decorrer da sessão para que se concentre na atividade que está a realizar pois é muito distraído. Por vezes tem comportamentos menos adequados à sessão, como o elevar a voz para falar com os colegas quando um elemento responsável pelo grupo chama à atenção do mesmo, sendo necessário corrigi-lo relativamente a esse aspeto. Apresenta um bom equilíbrio e desenvolvimento motor, apresentando mais dificuldades no domínio cognitivo.

- **T**

O T tem 26 anos e diagnóstico de DID. A sua mobilidade é reduzida, utilizando cadeira de rodas, mas com apoio total físico consegue deslocar-se de forma bípede. Apresenta também uma redução de mobilidade nos membros superiores, sendo o lado esquerdo o mais afetado, não sendo autónomo em todas as suas tarefas por este motivo. Todas estas características advêm de um acidente que sofreu em pequeno. O seu comportamento é bastante adequado, assim como a sua prestação nas sessões, apesar de, por vezes, querer ser um pouco engraçado e dizer algumas palavras menos adequadas aos colegas pois acha que estes não o entendem. É ambicioso e gosta de ser desafiado pois quer mostrar aos outros e a si próprio que é capaz de fazer mais e melhor. Não recusa atividades mesmo quando percebe que estas podem ser demasiado exigentes.

2.1.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação

Para proceder à avaliação do Grupo PM, após a observação de algumas aulas e da integração da estagiária, foi construída uma Escala de Avaliação (consultar ANEXO B) com base no desempenho dos alunos ao longo do tempo de observação. Para isso a estagiária recorreu a instrumentos de avaliação psicomotora como a Bateria Psicomotora (BPM) de Vitor da Fonseca (2010), Body Skills (BS), de Wender e Bruininks (1988), Exame Gerontopsicomotor (EGP) de Michel, Soppelsa e Albaret, (2011), Teste de Proficiência Motora (BOT-2) de Bruininks (2005), por forma a adaptar itens existentes nestes testes às necessidades dos elementos do grupo. Foram assim criados 5 domínios, sendo eles a motricidade global, a motricidade fina, a Estruturação Espaciotemporal [EET], a memória e, a linguagem e comunicação. A escala apresenta uma cotação de 0 a 3, correspondendo estas a “faz com maior dificuldade” e “faz com menor dificuldade”, respetivamente.

Assim, passado o período de adaptação dos alunos à estagiária, passou-se à aplicação da Escala de Avaliação que decorreu em duas sessões com duração de 90 minutos, no EM, nos dias 15 e 22 de janeiro de 2018, contando com a presença da responsável do grupo, a TSEER Rita Carvalho. Os planos de sessão correspondentes à avaliação do grupo de psicomotricidade encontram-se em anexo (consultar ANEXO C).

2.1.3. Linhas Orientadoras da Intervenção

Foram dinamizadas um total de 14 sessões com o grupo, sendo estas repartidas pelos diferentes domínios anteriormente avaliados. A intervenção com foco nos objetivos já definidos iniciou no dia 29 de janeiro de 2018, terminando no dia 21 de maio do mesmo ano. Foram realizadas mais 4 sessões para os períodos de AI e AF, duas por cada, tendo o primeiro momento de avaliação lugar nos dias 15 e 22 de janeiro e, o segundo momento de avaliação nos dias 4 e 11 de junho do ano de 2018. Todas as sessões decorreram na Associação Qe, no EM, com uma duração de 90 minutos, das 13h00 às 14h30. Na tabela 4, abaixo apresentada, podem consultar-se os diferentes momentos de intervenção, realizados por domínios, com o Grupo PM. É de salientar que estes períodos serviram apenas como linhas orientadoras para a intervenção, havendo a possibilidade de alterações sempre que houvesse necessidade de adaptação.

Tabela 4 - Momentos de intervenção psicomotora com o Grupo PM

Meses/Domínios	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Avaliação Inicial						
Motricidade Global						
EET						
Motricidade Fina						
Memória						
Linguagem e Comunicação						
Avaliação Final						

Para cada um dos domínios a avaliar foram estabelecidos objetivos gerais e específicos a trabalhar ao longo da intervenção. Na tabela 5, abaixo representada, estão discriminados cada um dos objetivos propostos.

Tabela 5 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o Grupo PM

Domínio	Objetivo Geral	Objetivo Específico
Motricidade Global	Promover a agilidade; Promover a coordenação oculo-manual	Promover diferentes tipos de lançamentos com os membros superiores (e.g. baixo/cima); Promover o lançamento a diferentes distâncias; Melhorar a deslocação em marcha; Promover o equilíbrio dinâmico.
Motricidade Fina	Promover a pinça fina; Promover o grafismo; Promover a coordenação visuomotora	Melhorar a qualidade de pega em objetos de pequenas dimensões; Desenvolver a capacidade de reconhecer formas e texturas; Melhorar a capacidade de manipulação de diferentes objetos; Melhorar o controlo de movimentos de pequena amplitude.
Estruturação Espaciotemporal	Promover a noção de espaço; Promover a noção de tempo; Promover a organização de uma sequência de acontecimentos.	Melhorar a orientação do seu corpo no espaço; Melhorar a orientação do seu corpo em relação aos objetos; Melhorar a orientação dos objetos no espaço; Melhorar a noção de lateralidade; Melhorar a organização temporal dos acontecimentos; Promover a deslocação autónoma no espaço; Promover a noção de diferentes espaços/direções/distâncias; Melhorar a capacidade de compreender conceitos espaciais e dimensionais abstratos partindo do concreto (i.e., longe-perto; grande-pequeno)

Memória	Promover a memória de curto-prazo; Promover a memória episódica; Promover a memória sequencial	Melhorar a capacidade de memorizar acontecimentos; Melhorar a capacidade de atenção/concentração; Melhorar a capacidade de memorizar um acontecimento (e.g. histórias)
Linguagem e Comunicação	Promover a capacidade de linguagem e comunicação	Melhorar a capacidade de expressar ideias; Melhorar a capacidade de compreender o outro verbal ou gestualmente; Melhorar a capacidade de se fazer entender perante os pares; Melhorar a capacidade de interagir com o outro

No decorrer das sessões de fase de observação a estagiária teve em conta as características individuais de cada elemento do grupo, fazendo assim um levantamento dos aspetos mais relevantes dos seus comportamentos e personalidades por forma a adaptar o modelo de intervenção mais adequado a cada caso, tendo em vista a obtenção do maior sucesso. A tabela 6, seguidamente apresentada, dá conta dos aspetos observados, sendo estes apresentados como pontos fortes, menos fortes e aspetos a melhorar para cada um dos alunos.

Tabela 6 - Pontos forte, menos fortes e aspetos a melhorar dos alunos do Grupo PM

Aluno	Pontos Fortes	Pontos Menos Fortes	Aspetos a Melhorar
Af	Motivado pelas aulas; Gosto por ajudar os colegas; Bem-disposto e alegre.	Menos facilidade em atividades do domínio cognitivo; Baixa capacidade de concentração/atenção; Utiliza muitas vezes as expressões “eu não	Aumentar a tolerância aos estímulos distráteis; Reduzir o medo da frustração.

		consigo”, “é difícil”, quando confrontado com atividades cognitivas, talvez revelando medo de errar ou baixa-autoestima neste domínio.	
A	Gosto por se sentir útil na organização das atividades; Motivado por desafios novos.	Baixa tolerância à frustração; Instabilidade emocional; Uso de linguagem imprópria	Melhorar a aceitação a respostas negativas; Aprender a autorregular-se.
CD	Muito boa em atividades do domínio cognitivo; Bastante divertida e curiosa; Gosto por ver fotografias	Muito preguiçosa; É necessário chamá-la inúmeras vezes para que realize a atividade; Pouco cuidadosa com os colegas e materiais.	Aumentar a capacidade de ser proativa nas atividades; Cativar a sua atenção para novos objetivos.
C	Pede para realizar a atividade quando percebe que esta é divertida; Não interrompe/perturba os colegas mesmo quando não participa	Desmotivado; Pouco interativo com os colegas; Demonstra alguns comportamentos menos adequados ao contexto sala de aula	Criar maior proximidade com os colegas; Promover o gosto pela realização das tarefas.
D	Não recusa nenhuma das atividades; Aceita bem a ajuda dos colegas; Integra o grupo de forma positiva (e.g.	Não é autônoma nas tarefas; Precisa de um elemento de apoio quase permanente para realizar as atividades;	Desenvolver competências básicas de manipulação de objetos (e.g. utilizar um lápis);

	mostra-se confortável na presença dos colegas).		Promover a tomada de iniciativa;
F	Apresenta-se sempre muito simpático; Muito competitivo;	Inicia a sessão sentado sozinho, sendo necessário negociar com ele para que se sente junto dos colegas (e.g. dizer que será uma aula pouco agitada); Apresenta resistência a atividades de caráter motor.	Arranjar estratégias de motivação (e.g. dizer que é uma competição);
S	Gosta dos colegas e sente-se bem junto deles; Boa capacidade motora.	É implicativo, quer com os colegas quer com a estagiária e técnicos; Tem um comportamento por vezes pouco adequado (e.g. quando algum dos seus colegas é chamado à atenção ele ralha com o colega em tom alto); Por vezes diz que não entende o objetivo da atividade só para desafiar.	Adequar a autoridade que quer ter perante os colegas e técnicos; Melhorar a compreensão e cumprimento de regras.
T	Muito simpático e divertido; Adora desafios e é bastante esforçado por conseguir alcançar novas metas;	Pouca noção de risco/limite relativamente ao perigo; Por vezes é desagradável com os	Dar a entender ao T que por querer ser autónomo não se pode colocar em perigo (e.g. sair/entrar sozinho

	Muito proativo nas atividades	colegas pois utiliza algumas expressões menos corretas (e.g. chama alguns nomes aos colegas)	da cadeira sem que ninguém por perto); Dar-lhe momentos de maior liberdade corporal pois estes fazem-no sentir-se bem.
--	-------------------------------	--	--

Esta informação mostrou-se bastante importante, principalmente, no início da intervenção, quando os alunos ainda não se encontravam tão acostumados à presença da estagiária. Isto porque foi possível criar tarefas dentro dos gostos e personalidades de cada um, criando assim rituais de ajuda entre a estagiária e os clientes. Este processo foi uma mais valia na intervenção no que toca à regulação de comportamentos e gestão do grupo, adaptando os pontos mais e menos fortes de cada um, envolvendo todo o grupo numa dinâmica mais funcional.

Para que essa dinâmica de grupo fosse exequível foram criadas rotinas que marcavam bem os diferentes pontos da sessão, dando-lhes a possibilidade de se regularem e adaptarem a cada momento. A sessão foi então dividida em “**Ritual de Entrada**”, sendo este o primeiro momento que apontava para a chegada à sala, marcado pelo arrumo dos casacos e bens pessoais, sendo um sinal de que o comportamento deveria ser ajustado a partir daquela altura. O passo seguinte estava destinado à “**Ativação Geral**” onde existia uma atividade base, utilizando balões, onde os alunos se dispunham em roda e sugeriam formas de transportar e lançar a bola para os colegas, aproveitando para trabalhar competências no sentido da organização temporal de cada um através de questões, e.g., em que dia da semana estamos. A escolha de utilizar sempre o mesmo tipo de atividade, fazendo apenas algumas variações à ideia base, foi dar consistência a este momento que inicia a sessão, permitindo que os alunos o interpretassem como o marco da intervenção. Esta primeira tarefa tinha uma duração de aproximadamente 10 minutos. Ao conjunto de atividade que se seguia à ativação chamamos “**Atividades Fundamentais**”, sendo este o período onde se realizam as atividades que pretendem trabalhar os objetivos proposto para cada sessão. Estas apresentavam uma duração média de 50 minutos e pretendia-se que houvesse uma ligação entre elas, por forma a criar uma intervenção contínua em cada aula. Aqui a estagiária contava com a ajuda do Af e do A que se sentiam bastante bem por participar na dinâmica de forma mais ativa, fazendo o acompanhamento dos colegas menos

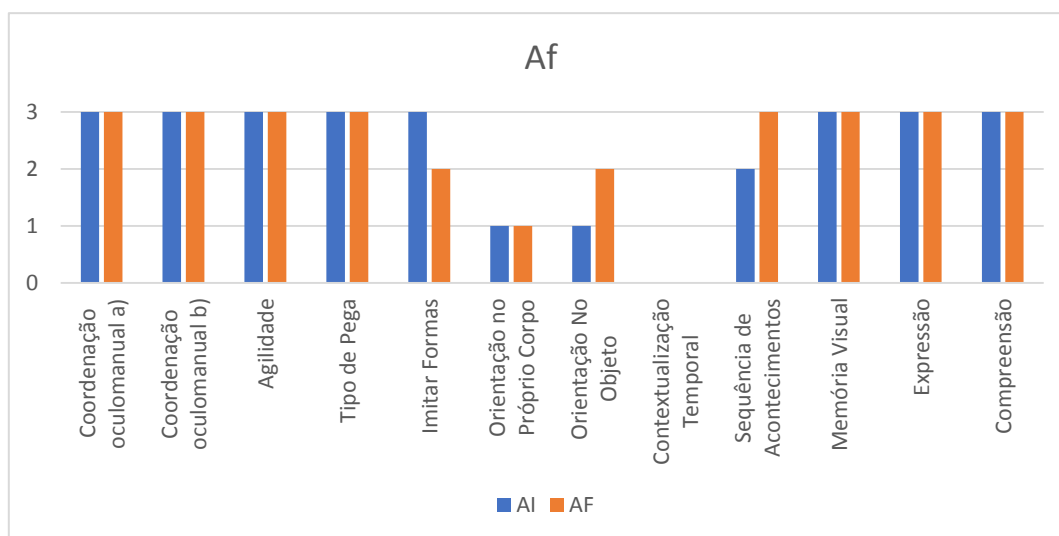
autónomos. Este método permitiu criar uma boa dinâmica de grupo uma vez que não existiam tantos períodos parados, sendo isto uma necessidade para estes dois alunos. Para além disso criou-se um espírito de entreaajuda e de colaboração entre todos os elementos do grupo, o que permitiu que as sessões decorressem de forma fluida. Para finalizar a sessão criamos o momento de **“Atividades de Retorno à Calma”**, contando com uma duração de 10 minutos e tendo o objetivo de relaxamento dos segmentos corporais e reflexão acerca das atividades realizadas. Aqui era utilizada música calma e, muitas vezes, os colchões ou bolas de pilates por forma a promover a consciencialização dos estados dos seus corpos e libertar a tensão dos mesmos. Era ainda um momento livre, em que todos podiam dar as suas opiniões e sugestões sobre as tarefas realizadas. Passadas todas estas fases, a sessão termina com o **“Ritual de Saída”** onde os alunos participam na arrumação do material, vestem os casacos e levam os seus objetos pessoais.

2.1.4. Análise e Discussão de Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados de cada aluno, individualmente, relativamente às cotações obtidas em cada domínio nos dois momentos de avaliação. Pretende-se assim comparar as diferenças apresentadas pelos alunos nas duas aplicações do instrumento de avaliação, procurando possíveis justificações para tais alterações. Os resultados obtidos para cada elemento do grupo, nos diferentes itens de cada domínio, encontram-se nas folhas de registo de AI e AF, que podem ser consultados no ANEXO D.

- Af

Figura 1 - Gráfico de análise de resultados do Af

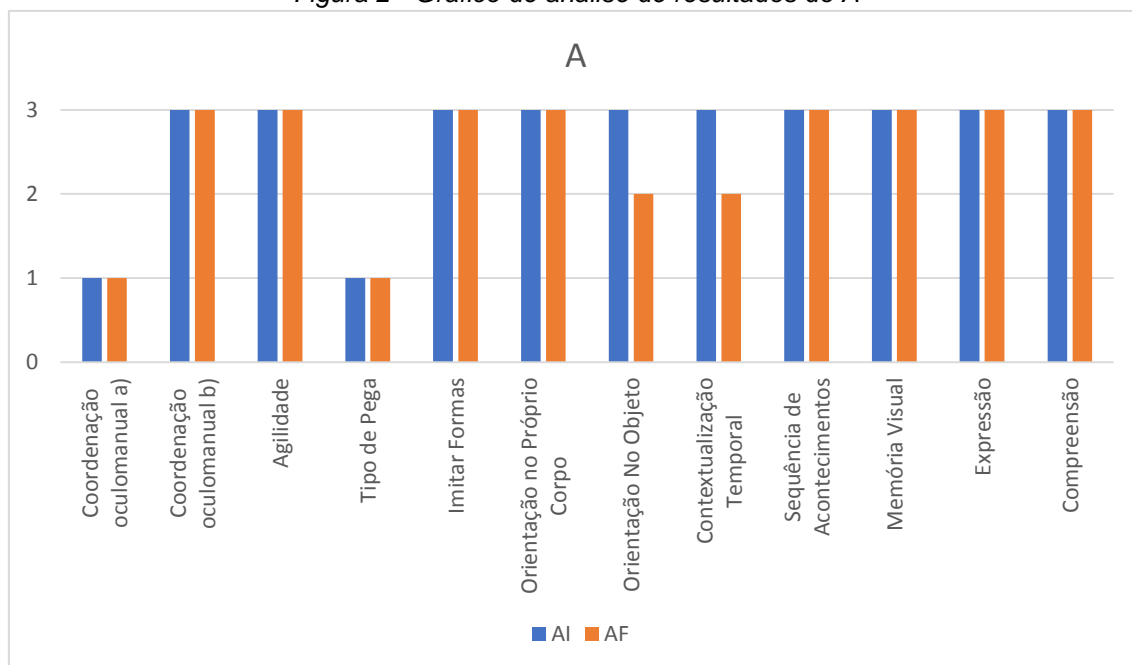


Tendo em conta os resultados acima apresentados, podemos verificar que houve **ganhos** no que diz respeito ao item relacionado com a **orientação no objeto**, assim como na **sequência de acontecimentos**, ambos pertencentes ao domínio da EET. Foram muitas as aulas onde se trabalharam as noções de espaço, nomeadamente envolvendo objetos como ponto de referência, podendo ser este um aspeto a ter em conta nesta melhoria de resultados. Assim como o fator causa-efeito, que muitas vezes estava presente em atividades, levando a que fosse feita uma descrição dos passos que teriam acontecido para chegar a um determinado resultado, podendo isto ter contribuído para uma melhor compreensão de que existe uma sucessão de acontecimentos para chegar a um resultado. Por outro lado, é possível verificar uma **descida** de pontuação no que toca ao item **imitar formas**, do domínio da motricidade fina. Este resultado pode ser derivado à motivação do aluno que muitas vezes referiu neste último momento de avaliação “eu não consigo” quando era confrontado com uma forma geométrica mais complexa. Há que ter em conta também que, no decorrer da intervenção foram elaboradas algumas atividades de motricidade fina que envolviam traçado, mas como forma de criar dinamismo à sessão, eram realizadas no chão utilizando giz, recorrendo a labirintos ou construção de zig-zags. A não utilização direta de formas idênticas à da avaliação pode também ter contribuído para esta descida. A ter em conta estão também os valores obtidos nos itens de **orientação no próprio corpo** e **contextualização temporal** que, apesar de **não terem sofrido qualquer alteração**, se encontram bastante baixos na escala. Este primeiro item foi trabalhado em praticamente toda a intervenção

tendo em conta que envolve lateralidade, sendo este através de direções a seguir ou, mais especificamente, utilizando os segmentos corporais. Parece haver a necessidade de um trabalho mais focado no Af, por forma a criar atividades mais específicas para colmatar esta necessidade. O mesmo acontece com a sua noção de tempo, que é nula pois não sabe identificar os diferentes dias da semana. Talvez a pouca noção de número que o Af apresenta seja também um entrave nesta nova aprendizagem pois não apresenta uma sequência lógica para os dias ou meses, todos os números são aleatórios.

- **A**

Figura 2 - Gráfico de análise de resultados do A



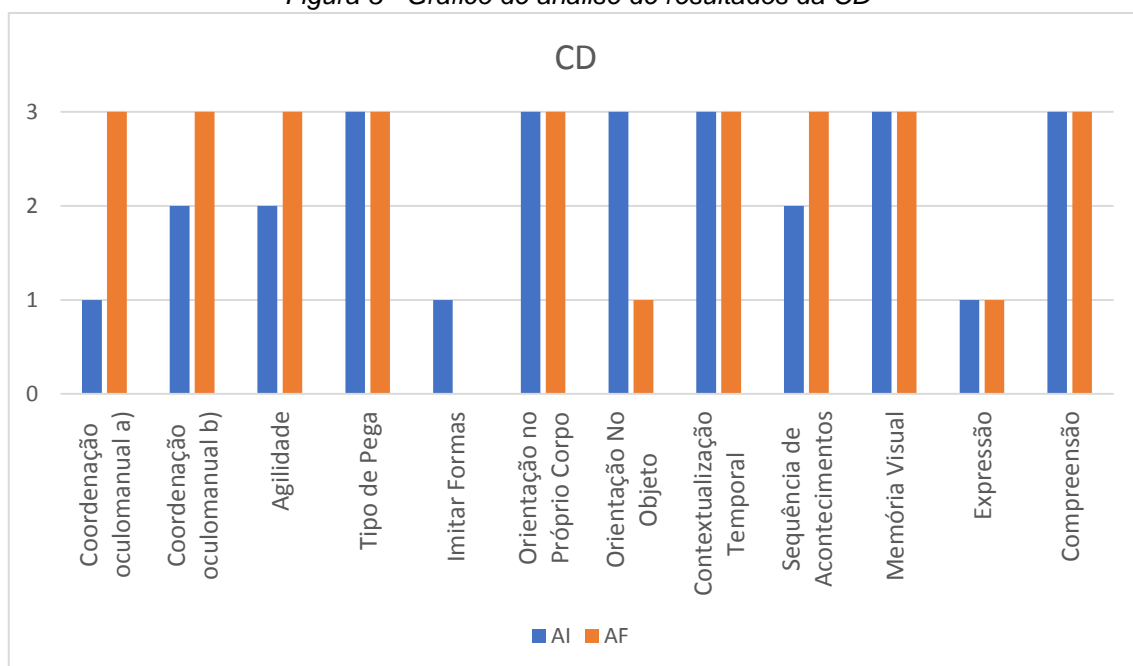
Analisando os resultados dos dois momentos de avaliação podemos verificar a **diminuição** de cotação em dois itens pertencentes ao domínio da EET, sendo eles a **orientação no objeto** e a **contextualização temporal**. Relativamente ao primeiro item apresentado, é de notar que a alteração existente neste segundo momento de avaliação foi relativa às indicações “direita” e “esquerda” que o aluno mostrou confundir. Acabou por representar no objeto a sua própria lateralização e não representou em espelho o seu pensamento. Trabalhamos neste sentido várias vezes ao longo das sessões, utilizando jogos em que era pedido que colocassem diferentes materiais em diferentes posições na sala, tendo sempre um elemento concreto que marcava as posições. Parece-me assim que há a necessidade de trabalhar a descentração do pensamento do

aluno por forma a conseguir colocar-se no papel inverso ao dele, podendo ser benéfico utilizar o jogo em espelho de forma mais reforçada. Para além disto, gostaria de salientar o facto de que, com as observações feitas no decorrer da intervenção, parece-me que a cotação máxima apresentada neste item na AI poderá ter sido um pouco aleatória, no sentido em que foi possível verificar ao longo do tempo uma consistência nesta troca de lateralidade do A, no seu próprio corpo. Penso agora que, a lateralidade poderia não estar tão bem definida no primeiro momento e daí ter resultado uma classificação certa quanto aos lados do objeto. Quanto ao item da **contextualização temporal**, acredito que os valores obtidos na AF não sejam alarmantes, uma vez que, no decorrer da intervenção o A foi várias vezes confrontado com questões desta natureza e sempre se mostrou bastante orientado. Não soube identificar o mês em que se encontrava, mas acertou todos os outros aspetos, assim como o dia do mês, o ano, o dia da semana e quando questionado identifica até a estação do ano. Parece-me assim que se tenha tratado de um momento de menos atenção ou de maior agitação do aluno, sendo benéfico recolher novamente estes dados para ter uma ideia mais concreta.

Como podemos verificar não houve mais oscilações de valores, tendo em conta que praticamente todos os itens se encontram com cotação máxima. É de salientar os dois itens menos positiva, a **coordenação oculomanual a)** e o **tipo de pega** pois, como já foi referido na caracterização do A, este apresenta grandes dificuldades ao nível da manipulação de objetos. Tal se deve à posição das suas mãos, que se encontram com os dedos partitamente fechados, em garra. Quanto à diferença de cotação entre o item a) e b) da **coordenação oculomanual**, talvez se possa colocar a hipótese de acertar mais vezes no segundo item por já ter tido algumas tentativas, i.e., o item a) é realizado primeiro, tendo 1 ensaio e 3 tentativas, e item b) vem depois com igual número de ensaios e tentativas. Tendo em conta a grande dificuldade que o A apresenta em agarrar a bola pois, apanha-a de forma muito superficial com as extremidades dos dedos e esta esbarra-lhe com rapidez, o fator tentativas pode ser uma mais valia quando chega ao segundo item. Coloco esta opção por saber que o A tem bastante capacidade de percepção do espaço, não sendo muito credível existir uma discrepância tão grande de valores sem haver uma justificação.

- **CD**

Figura 3 - Gráfico de análise de resultados da CD

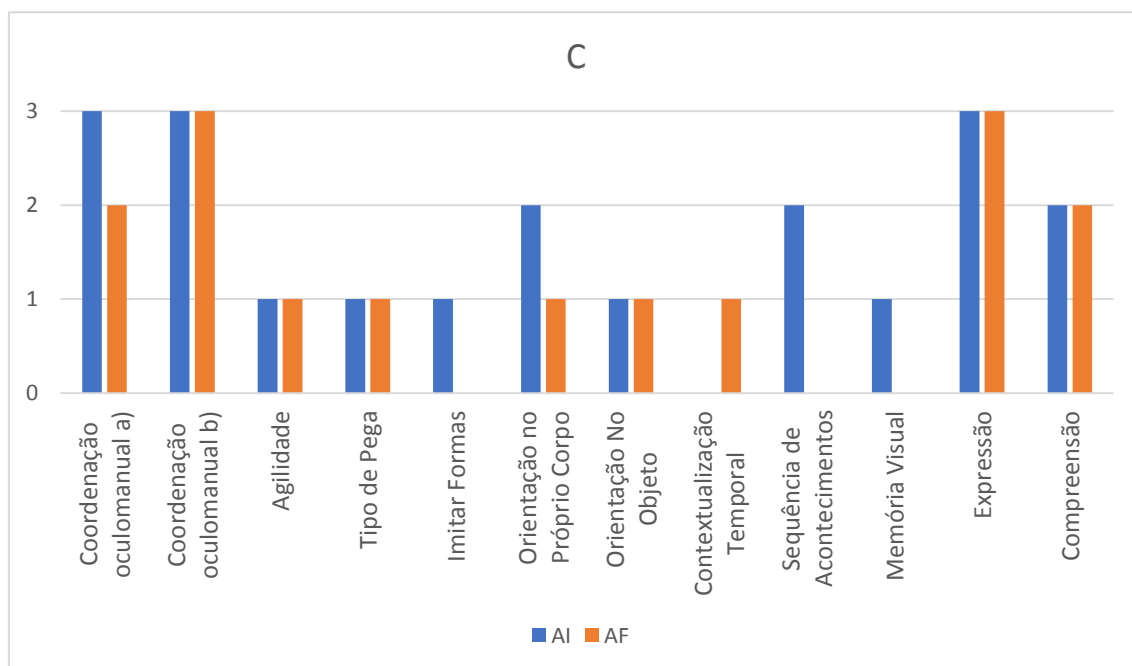


Observando os resultados obtidos pela CD, podemos verificar a **diminuição** das cotações dos itens **imitar formas** e **orientação no objeto**. Há exceção destes todos os outros itens mantiveram ou subiram os pontos totais. Gostaria de ressaltar que a AF foi dividida em duas sessões, tendo sido primeiramente avaliados os domínios de carácter mais motor e, posteriormente, os domínios correspondentes à área cognitiva. Posto isto, é de salientar que a CD se encontrou muito mais disponível para realizar as tarefas propostas na primeira aula quando comparada com a segunda. Este parece-me um ponto fulcral pois, os dois itens que baixaram a sua cotação, havendo uma diferença bastante acentuada no domínio de orientação no objeto, foram avaliados nessa segunda sessão. Assim, relativamente à imitação de formas, foi possível perceber, através das representações da aluna que não estava de todo interessada na atividade, fazendo em todas as folhas uma letra semelhante a um “p” não muito perceptível, sendo o círculo a forma mais parecida que desenhou. Ainda assim, é importante referir que a CD tem bastantes dificuldades em duplicar formas ou imagens, sendo isso visível quando existiam atividades deste carácter, e no momento de AI onde acertou apenas a forma que representava um círculo. A disposição para a realização do segundo item em que a cotação baixou era igual, mas aqui foi possível verificar ao longo da intervenção que a aluna sabe as posições relativas aos objetos, não havendo necessidade de descer tanto a cotação sem ser pela falta de aprumo que mostrou no decorrer da sessão de

avaliação. Há exceção disso, toda a restante cotação é bastante elevada, mostrando assim o potencial que a CD apresenta, precisando de ser bastante estimulada para obter sucesso. Por outro lado, os itens que apresentam uma **subida** mais acentuada na pontuação, nomeadamente a **coordenação oculomanual a) e b)** e a **agilidade**, foram avaliados no decorrer da primeira sessão, momento em que a CD se encontrava bastante entusiasmada para realizar as tarefas pois houve uma negociação com a mesma acerca dos almoços com o seu pai e da massagem no momento final da aula. Isto porque, como já foi referido na descrição da CD, estes são dos poucos pontos de interesse por ela demonstrados, sendo muitas vezes a estratégia que consegui encontrar para a motivar, alegando, por exemplo, que o seu pai perguntava pelo seu comportamento e desempenho, sendo que não a viria buscar se os mesmos fossem negativos. Nesse dia a estratégia funcionou e a CD mostrou-se bastante alegre e empenhada a realizar as atividades, podendo esta ser uma razão da grande subida de pontuação verificada. Coloco esta questão em causa por saber que a CD tem uma grande capacidade de execução de tarefas, é muito funcional, apenas não faz por estar completamente desmotivada em todas as atividades.

- **C**

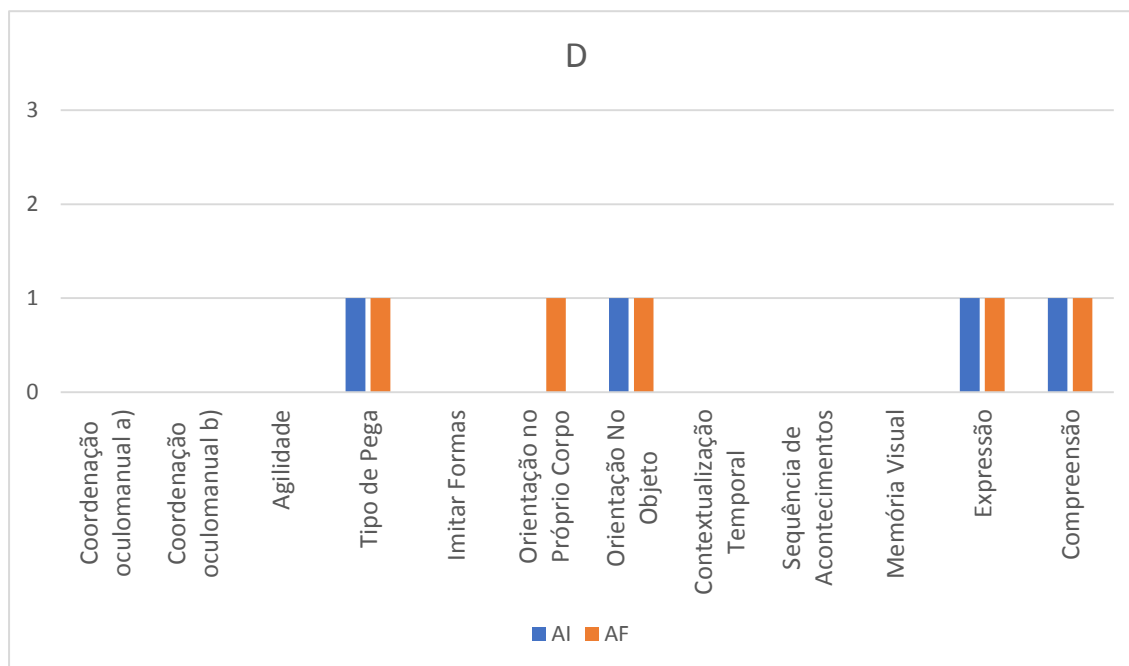
Figura 4 - Gráfico de análise de resultados do C



A cotações apresentadas nas avaliações de C são bastante irregulares devendo-se isto, em parte, ao facto já referido de que este não quer estar presente nas atividades, chegando a recusá-las, daí termos itens com cotação de 0 na AF, uma vez que o cliente se recusou a realizar as tarefas. Neste sentido não conseguimos apresentar uma comparação dos itens **imitar formas**, **sequência de acontecimentos** e a **memória visual**, tendo em conta que estas atividades foram dinamizadas na segunda sessão de avaliação e que o C se encontrava um pouco agitado neste dia, tendo sido necessário chamá-lo à atenção por várias vezes, chegando ao ponto em que este se retirou da sala por livre vontade. Contamos com apenas uma **subida** de pontuação no item relativo à **contextualização temporal**, sendo que na AI o C confundiu todas as perguntas, mostrando-se bastante confuso entre o mês, o dia, o ano em que estava, não conseguindo dar uma resposta coerente mas por outro lado, na AF mostrou saber em que mês se encontrava, apesar de não identificar o dia nem o ano. Podemos verificar a descida de pontuação em dois itens, sendo eles a **coordenação oculomanual a)** e a **orientação no próprio corpo**. Este primeiro não me parece ser uma diferença preocupante tendo em conta que o C acertou 2 lançamentos na AI e apenas 1 na AF. Pode isto estar relacionado com o facto de que, aquando a avaliação deste item o C estava a utilizar muita força nos seus lançamentos, o que talvez tenha levado a uma dificuldade acrescida de direccionar a bola. No item relacionado com a orientação corporal o C identificou 4 posições corretamente na AI e apenas 2 na AF. Este resultado pode estar relacionado com a agitação demonstrada pelo C no momento da sessão, como foi acima referido.

- **D**

Figura 5 - Gráfico de análise de resultados da D

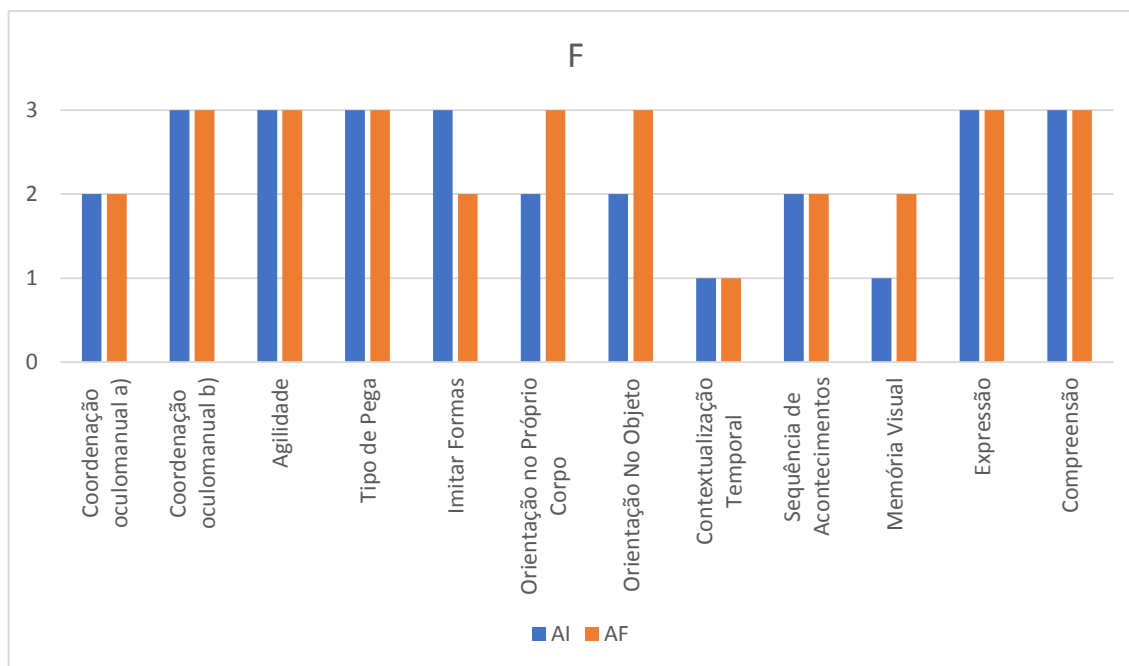


Como podemos verificar pelos resultados a D é uma aluna com bastantes dificuldades nos diferentes domínios. De salientar que a aluna foi avaliada em todos os itens e que as cotações assinaladas como 0 são por incapacidade de realização da tarefa e não por não ter sido avaliada. Acho assim pertinente analisar cada item individualmente por forma a transmitir as reais dificuldades da D. Começando pelas cotações **negativas**, como a **coordenação oculomanual a) e b)**, é importante referir que a aluna não executa o lançamento da bola, i.e., sempre que lhe é dada uma bola e lhe é pedido que a lance, ela simplesmente coloca-a no chão, não havendo nem um movimento de soltar a bola para a deixar cair. Passando à **agilidade**, a D não demonstra entender o objeto, neste caso o cone, não percebendo para que serve. Também não mostra sentido de orientação na deslocação, não percebendo que se deve deslocar do ponto A para o ponto B. Faz o exercício com apoio físico total, sem lhe atribuir uma intencionalidade. O item **imitar formas** é também um desafio uma vez que a D não faz a pega de um lápis, não entendendo a sua utilidade. Apanha o lápis de uma forma aleatória e não identifica qual a ponta que deve utilizar para escrever. Dando-lhe uma folha e apoiando a sua mão no papel apenas agita a mão, mesmo que tenha o topo do lápis apoiado no papel. Relativamente à **contextualização temporal**, a aluna não demonstra nenhuma forma de comunicar ou de se expressar, isto porque, como já foi referido, não apresenta

discurso verbal e não utiliza nenhum método de comunicação alternativa. Ainda assim foram dadas diferentes hipóteses à D, como a utilização das mãos como referência a dois nomes diferentes que esta deveria escolher, não havendo qualquer tipo de resposta por parte da mesma. Parece-me que são conceitos que a própria não conhece, não demonstrando qualquer expressão quando confrontada com questões desta natureza. Os restantes domínios onde se obteve cotação 0, a **sequência de acontecimentos** e a **memória visual**, são exemplo de tarefas nas quais a D demonstra não compreender o objetivo. Pega nas imagens, manipula-as trocando-as de lugar, mas não há uma intenção definida nestes movimentos. Não entende a explicação nem a demonstração, sendo necessárias muitas pistas verbais para que entenda que deve apontar, mas mesmo assim aponta sobretudo as imagens que estão mais perto dela, i.e., se trocarmos as imagens de lugar ela continuará a escolher a imagem mais perto mesmo que seja outra. Passando agora aos domínios que obtiveram classificação, não sendo esta superior ao valor 1, apresentamos o **tipo de pega** onde a D compreende o objetivo da tarefa e agarra o objeto com a ajuda de um terceiro dedo, não realizando assim a preensão em pinça de forma perfeita. Por último, a **orientação no próprio corpo**, foi o único item onde a D demonstrou **alguma evolução**, sendo que reconheceu a posição “em cima” relativamente ao seu corpo, já na **orientação no objeto** manteve as capacidades apresentadas na A1 onde reconheceu as posições “em cima” e “em baixo” relativamente ao objeto utilizado na atividade.

- F

Figura 6 - Gráfico de análise de resultados do F

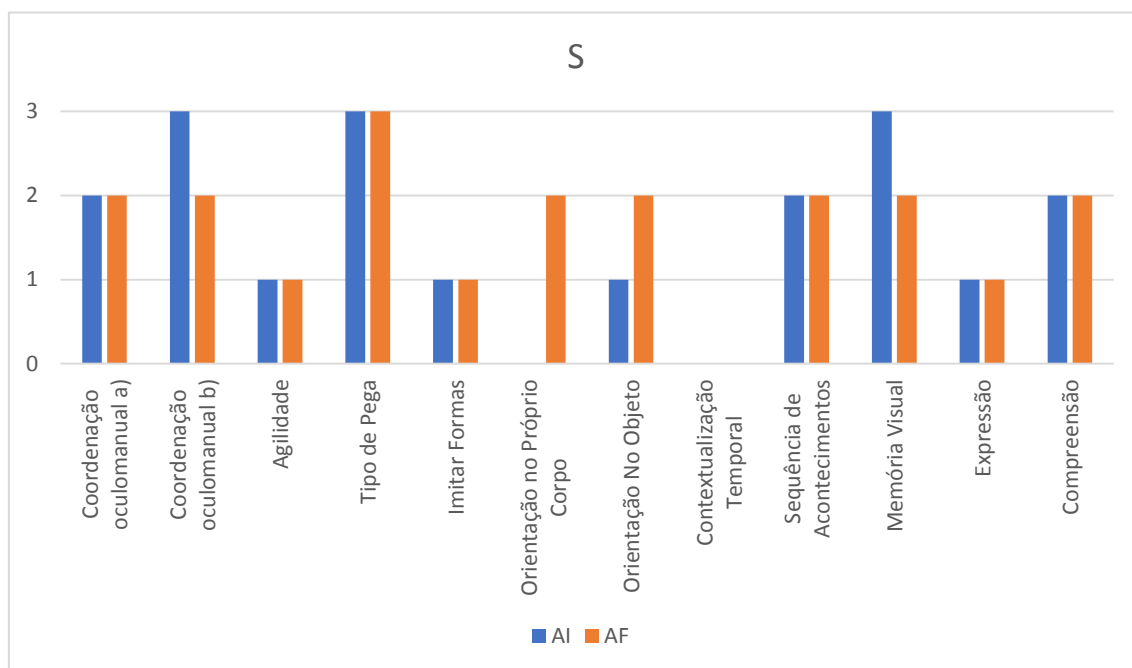


O F apresenta apenas a **descida** de cotação em um dos itens, sendo ele a **imitação de formas**. De ter me conta que na AI acertou todas as formas, havendo apenas a necessidade de retocar algumas delas para que ficassem realmente perfeitas, e na AF acertou 6 de um total de 9. A maioria dos erros esteve relacionada com a direção dos traços, sendo também estas as formas identificadas na AI com necessidade de maior atenção, podendo isto ser observado na grelha de avaliação que se encontra no Anexo D. Relativamente à **subida** de pontuação temos os itens de **orientação do próprio corpo, orientação no objeto e memória visual**. Assim, relativamente ao primeiro item apresentado, o F não identificou a posição “atrás” na AI e passou a identificá-la na AF, sendo que no segundo item o aluno não identificava as posições de “direita” e “esquerda” na AI e passou a identificá-las, ainda que com algumas hesitações, na AF. Quanto à memória, podemos considerar uma boa melhoria, uma vez que na AI o F só se recordou de 1 imagem e com algumas pistas verbais e, na AF lembrou 2 imagens sem ajudas. Todos os outros itens se encontram estáveis nos dois momentos de avaliação, havendo um que me chama mais à atenção pelo facto de ter uma cotação bastante baixa. Refiro-me à **contextualização temporal**, mas ainda assim não me parece muito preocupante pois o F localiza-se no mês e identifica o ano em que se encontra, mostrando mais dificuldade em recordar o dia exato ou o dia da semana. Sabe também a sua data de aniversário e quantos anos faz. Desta forma parece-me que seja

apenas necessário um reforço mais diário relacionado com os dias da semana e do mês, pois acredito que esta confusão esteja relacionada à memória de curto prazo que, derivado à idade já avançada de F, parece começar a ressentir-se.

- **S**

Figura 7 - Gráfico de análise de resultados do S

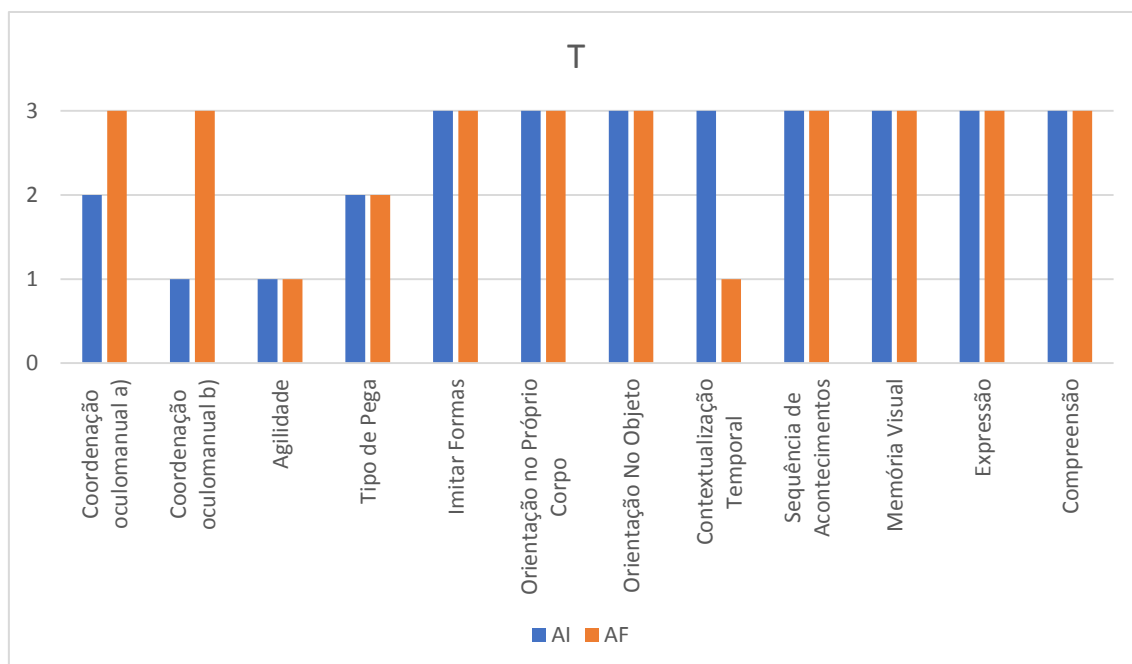


Tendo em conta os resultados obtidos pelo S nos dois momentos de avaliação podemos ver a existência de **diminuição** nas cotações nos itens **coordenação oculomaneuvra b)** e **memória visual**, sendo que a descida é de apenas um ponto em cada item. Relativamente ao primeiro item a diferença é apenas na falha de um lançamento, tendo em conta que na AI o S acertou 2 vezes e na AF acertou apenas 1, executando os movimentos de forma semelhantes utilizando a mão esquerda como preferencial e o lançamento foi executado por baixo. No que diz respeito à **memória visual** temos também a diferença de uma imagem, sendo que no momento inicial de avaliação o S recordou todas as imagens, tendo contado com a ajuda de pistas verbais, já no segundo momento recordou apenas duas das imagens, mas estas foram feitas de forma autónoma, não sendo necessário a intervenção verbal da estagiária. Neste sentido, apesar da cotação ter diminuído, penso que podemos considerar o facto de se mostrar mais autónomo e focado como um acontecimento positivo. No que concerne às **alterações positivas** das cotações, temos a **orientação no próprio corpo** e a

orientação no objeto, ambos referentes ao domínio da EET, mostrando uma maior orientação ao nível espacial. Podemos assim observar uma melhoria significativa neste primeiro item apresentado, passando de identificar apenas uma posição (em cima) na AI para identificar quatro posições na AF, confundindo apenas a direita com a esquerda. De referir que, ao longo de toda a intervenção foi possível observar as dificuldades do S ao nível da orientação bilateral, reconhecendo o conceito de direita e esquerda, mas não o conseguindo aplicar de forma correta, mas foi notório o conhecimento de posições como o “em baixo”, “à frente” e o “atrás”. Ainda assim estas orientações não foram apresentadas no momento da AI, podendo isto estar relacionado com a personalidade do S, que muitas vezes, como foi anteriormente referido, faz questão de mostrar que não sabe para que alguém o ajude ou faça a tarefa com ele. Desta forma parece-me importante prestar uma maior atenção a estas situações no dia-a-dia do S para que se perceba se houve mesmo uma evolução ou se este apenas não quis transmitir o seu conhecimento no primeiro momento de avaliação. Quanto ao item relativo à orientação face a um objeto, o aluno demonstra conhecer duas posições no momento de AI sendo elas “em cima” e “em baixo”, passando na AF a reconhecer cinco das posições errando apenas o “à frente” que identifica como sendo em cima e no meio. Parece-me importante referir que, apesar de acertar as posições “direita” e “esquerda”, acredito que isto se deva ao facto de trocar a lateralidade nele próprio, i.e., o lado esquerdo do objeto é o seu lado direito, mas como este inverte a sua lateralidade vai apontar com a sua mão direita. Mais uma vez parece-me importante manter em atenção este aspeto pois foi demonstrada grande confusão e dificuldade ao longo da intervenção.

- T

Figura 8 - Gráfico de análise de resultados do T



O T é um aluno com bastantes capacidades cognitivas sendo, por exemplo, muito bom a interpretar, organizar ou exemplificar, as tarefas para os colegas. Mostra assim cotações muito boas em quase todos os itens, sendo os itens relacionados com o domínio da motricidade global os mais previsíveis de apresentar cotações mais baixas pois, como já foi referido, o T desloca-se em cadeira de rodas e apresenta dificuldades de mobilidade nos membros superiores. Obtivemos assim uma **melhoria** no item **coordenação oculomanual a)** havendo evolução na cotação, sendo que o T acerta um lançamento no momento de AI e acerta dois no de AF, havendo igualmente uma subida no item de **coordenação oculomanual b)** onde o aluno passa de não acertar nenhum lançamento para acertar os três no último momento de avaliação. Importa referir que o T foi sujeito a muita estimulação ao longo do tempo de intervenção onde foi incentivado a trabalhar os membros superiores, sendo esta uma vontade demonstrada pelo próprio, apresentando-se sempre disposto a esforçar-se e a insistir na tarefa. Em contrapartida com este cenário de conquista temos o item **contextualização temporal** onde o aluno apresenta uma **descida** na cotação. Aqui o T passa de saber identificar todos os elementos da data para referir apenas o mês em que se encontra. Este parece-me um valor não muito preocupante pois, apesar de ser uma grande descida de valores, o T

sempre se mostrou bastante orientado no decorrer da intervenção, sendo muitas vezes ele a dizer a data aos colegas.

2.1.5. Reflexão Crítica do Grupo de PM

Acho, antes de tudo, importante referir que, por vezes, não se torna fácil inserir um novo elemento técnico no grupo, sendo que este último está bastante habituado às suas rotinas já incutidas pelos técnicos responsáveis. Neste sentido, tornou-se importante para mim que, com a minha integração no grupo, a TSEER Rita Carvalho tenha feito questão de me responsabilizar pela sessão, dizendo aos alunos que deveriam dirigir-se a mim sempre que fosse necessário tomar alguma decisão relativamente a algum elemento ou questão incluída na sessão, i.e., dentro dos limites aceitáveis para a minha função naquele espaço. Penso que isso tenha sido bastante benéfico para os alunos pois permite-lhes descentrarem-se do que já é rotineiro, tendo a **plasticidade** de se adaptar a novos hábitos e novas pessoas, aceitando regras e orientações de outra figura de autoridade que não a que já conhecem.

É também de salientar o facto de estarmos na presença de um grupo muito heterogéneo, sendo muito positiva a forma como os próprios alunos têm esta perceção e reconhecem as dificuldades e facilidades de cada um. Desta forma são os próprios que se disponibilizam para ajudar o colega que sentem ter mais dificuldade em determinada tarefa, promovendo assim o **sentido de responsabilidade e de interajuda entre todos**. Tendo em conta que isto acontecia de forma tão espontânea, acabou por ser utilizado como **estratégias de bom funcionamento da sessão** isto porque, se por um lado alguns alunos precisam de um incentivo extra que neste caso seria dado pelos colegas, outros precisam de se sentir responsáveis e ativos para que se consigam autorregular no decorrer da sessão. Desta forma criou-se uma maior **interação entre os pares**.

Mesmo assim, havendo todo este apoio prestado quer pelos colegas quer pela TSEER e estagiária presentes na sessão, penso que seria benéfico para alguns elementos, em especial a D, estar inserida num grupo mais pequeno ou até mesmo ter um **apoio mais individualizado**, pois apresenta um grau de funcionalidade muito baixo, sendo necessário ter uma maior atenção às suas necessidades específicas.

Em termos do **trabalho desenvolvido** como responsável do grupo penso que foi bastante positivo para ambos os lados, no sentido em que houve conquistas significativas quer para eles quer para mim. Não me refiro especificamente ao nível da

concretização dos objetivos estabelecidos no instrumento de avaliação, mas sim nos ganhos pessoais de cada um deles, no que toca às competências de organização, estabelecimento de relações interpessoais, sentido de responsabilidade, autonomia e gestão de sentimentos. A capacidade de aceitar a diferença e o tempo do outro, a sensação de responsabilidade que ganharam por terem uma tarefa a cumprir, uma maior facilidade no cumprimento de regras e rotinas criadas na dinâmica da sessão, ou o sentido de confiança que passaram a sentir de cada vez que lhes era confiada alguma responsabilidade, são algumas das alterações que vi neste grupo, comparando o momento da minha chegada e da minha partida.

2.2. Grupo de Orientação

2.2.1. Caracterização do Grupo de Orientação

Há semelhança do que aconteceu com o Grupo de PM, foi proposto às estagiárias, neste caso de mestrado e de licenciatura da FMH, que se responsabilizassem pelo Grupo de Orientação, sendo este um grupo grande, bastante heterogêneo e com objetivos um pouco mais específicos.

O Grupo de Orientação é da responsabilidade das TSEER Rita Bernardo e Rita Carvalho, sendo esta posteriormente passada às estagiárias, como acima referido. A intervenção decorreu às quintas-feiras, no horário das 13h00 às 14h30 no Espaço Movimento na Associação Qe. O grupo é composto por 10 elementos, sendo apenas 3 do género feminino. As idades dos clientes oscilam entre os 16 aos 27 anos. No grupo existem diagnósticos de Paralisia Cerebral [PC], Trissomia 21 [T21], DID e Perturbação do Espectro do Autismo [PEA], sendo a DID o diagnóstico mais comum.

Nos elementos do grupo são possíveis de observar algumas dificuldades de capacidade funcional, sendo necessário bastante apoio verbal e físico parcial, assim como feedback positivo por parte dos técnicos envolvidos para que as tarefas sejam realizadas com sucesso.

O objetivo principal do grupo é desenvolver a orientação espaciotemporal, i.e., a orientação do indivíduo em relação ao meio e o reconhecimento dos espaços/objetos envolventes conseguindo assim orientar-se relativamente a estes. Desta forma é necessário trabalhar conceitos básicos de orientação, como direita, esquerda, cima e baixo, frente e trás, em contexto real. A localização de objetos ou pessoas é trabalhada de forma espontânea, na sala ou no espaço exterior da Associação Qe, com exemplos concretos para que haja uma maior facilidade de compreensão e transferência para a

vida real, sem que seja necessário recorrer em demasia à abstração de situações menos reais e concretas.

São assim realizadas atividades utilizando mapas, circuitos, materiais físicos imóveis, como portas, janelas ou paredes, sobre os quais se pretende que os alunos se orientem espacialmente recorrendo a instruções verbais ou visuais. Para além das aulas realizadas na sala, são também organizadas atividades nos espaços exteriores, como já foi referido, permitindo assim explorar novos ambientes.

Prosseguimos com a descrição de cada um dos elementos que constituem o grupo.

- **A**

A A, é uma jovem bastante alegre que gosta de interagir com os pares tendo sempre o seu próprio limite no que diz respeito ao contacto físico, uma vez que apresenta diagnóstico de PEA. Ainda assim, muitas vezes este contacto é procurado por ela, mesmo que não o suporte por muito tempo acabando por se afastar do outro. Gosta de ser elogiada e aplaudida quando realiza bem uma tarefa, elogiando-se a ela mesma. Não estabelece contacto visual nem apresenta um discurso coerente, sendo que muitas vezes faz ecolalias ou diz palavras não associadas ao contexto. Necessita de muito apoio verbal, feedback, reforço positivo e até apoio físico parcial para que execute as instruções que lhe são dadas, não sendo autónoma na tomada de iniciativa nem de decisão. Por outro lado, é bastante teimosa e são necessárias várias repetições até que responda, através da utilização de gestos, às questões que lhe são colocadas.

- **C**

A C tem um diagnóstico de PEA e Atraso Global do Desenvolvimento (AGD). Não apresenta discurso verbal e é pouco interativa com os colegas, mostrando-se muitas vezes agitada e afastada do grupo. Ainda assim recorre a estratégias, como a utilização de um iPad onde tem uma aplicação de comunicação alternativa, ou encaminhando a pessoa para o local que precisa, para que compreendam qual a sua necessidade. É também recorrente a expressão de sons vocais que permitem identificar se está mais calma ou mais nervosa. Tem algumas estereotipias, principalmente manuais, gostando de ter consigo pequenos bonecos que manipula de forma contínua. Na realização das tarefas é necessário apoio de um para um, uma vez que a C não participa nas atividades de forma espontânea ou voluntária, sendo por isso preciso guiá-la através de muito apoio verbal e algumas vezes apoio físico parcial.

- **ELF**

O ELF será apresentado em maior detalhe no capítulo referente ao EC mas, neste contexto, é de referir que é um jovem bastante ativo, querendo ser sempre o primeiro do grupo a executar as tarefas. É bastante impulsivo e dá as respostas no lugar dos colegas pois é um dos alunos mais autónomos e funcionais do grupo. Torna-se muitas vezes difícil gerir a sua impulsividade, sendo muito importante trabalhar o tempo de espera e o respeito pela vez do outro.

- **F**

Diagnosticado com T21, o F é pouco ativo e conversador. Não apresenta muitos momentos de interação voluntária com os colegas, ainda que esteja em contacto com eles durante toda a sessão. Dispensa a realização das tarefas e é preciso insistir bastante com ele para que trabalhe. Quando faz mostra grande lentidão e falta de empenho, preferindo passar ao lado das tarefas.

- **GH**

O GH, diagnosticado com T21 é um jovem que gosta de estar em contacto com os colegas, tendo uma boa relação com todos eles. Precisa de bastante apoio verbal pois a sua capacidade de atenção é muito reduzida. Por vezes é necessário chamá-lo à atenção pois tem comportamentos menos adequados, deitando-se no chão e não querendo sair do mesmo sítio, mas exceto esta situação consegue compreender e cumprir as regras da sala. Sente-se bem quando recebe feedback positivo aquando a realização de uma atividade com sucesso. Não apresenta um discurso fluente, recorrendo à utilização de MAKATON, mas é coerente apesar de por vezes não ser muito contextualizado, i.e., o GH gosta de falar de situações que lhe são prazerosas ou constantes na sua vida (e.g. comer bola com creme; as calças que a mãe deu).

- **GSC**

Diagnóstico de T21 em comorbilidade com PEA, o GSC é muito focado nas suas rotinas e gostos pessoais. Tem um gosto especial pela arrumação e limpeza, sendo bastante fixado nesta ideia. Não apresenta discurso verbal, mas também não procura estabelecer ideias ou trocar informações com os pares, fazendo apenas sons que mostram agrado ou desagrado. Ainda assim, gosta bastante de todos os colegas e técnicos, permitindo

que se aproximem em jeito de brincadeira. Por vezes é bastante incomodativo e acaba por dificultar o trabalho quando se sente mais inseguro e procura o contacto físico, isto porque fixa essa ideia e torna-se difícil que largue a pessoa com quem está nesta situação.

- **MR**

O MR tem diagnóstico de DID e é bastante funcional e autónomo nas atividades. Apresenta grandes dificuldades ao nível da comunicação, sendo o seu discurso coerente, mas não fluente. Tem uma boa relação com os pares e um comportamento adequado em todos os contextos cumprindo facilmente as regras em vigor, não sendo necessário chamá-lo à atenção.

- **MC**

A MC tem diagnóstico de PC e tem uma prestação bastante boa ao nível da interação social. Gosta de ajudar os colegas com menos autonomia, mostrando sempre grande sentido de proteção em relação a estes. Demonstra grandes dificuldades em manter o foco da atenção no objetivo do trabalho, sendo necessário bastante reforço verbal para que esta se mantenha na tarefa. A sua lateralidade e noção de tempo e espaço são um dos seus pontos menos fortes, havendo necessidade de reformular várias vezes a instrução, utilizando diversos exemplos para que esta tente chegar ao sucesso.

- **S**

O S já foi descrito no grupo anterior, sendo o seu comportamento equiparado em ambos os contextos.

- **Sb**

O Sb tem diagnóstico de Trissomia 8 [T8] e é o aluno mais velho do grupo com 27 anos. Tem particularidades muito específicas como não gostar de se sentar no chão, utilizando um banco com rodas existente no Espaço Movimento [EM], ou não se deitar no momento de retorno à calma. Tem um discurso pouco fluente, apresentado dificuldades na articulação, mas é coerente apesar de muito restrito (e.g. como se chama a nina?). Mantém-se à parte do grupo, sendo necessário chamá-lo para que integre o mesmo espaço que os colegas. Gosta de estar no seu canto, encostado à janela, apenas a ver o que se passa na sala. Apesar disso apresenta uma boa relação com os colegas, gostando de contactar com eles, e apresenta um comportamento adequado às regras

da sala. Tem grandes dificuldades de concentração e memorização, assim como de lateralidade e noção de espaço e tempo.

2.2.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação

Assim como aconteceu no Grupo de PM, a AI deu-se após o período de adaptação dos alunos às estagiárias. Para isto foi previamente construída uma Escala de Avaliação (consultar o Anexo E) com base na recolha de observação feita ao grupo no período de observação. A estagiária voltou a recorrer a instrumentos de avaliação psicomotora como a Bateria Psicomotora (BPM) de Vitor da Fonseca (2010), Body Skills (BS), de Wender e Bruininks (1988), Exame Gerontopsicomotor (EGP) de Michel, Soppelsa, & Albaret, (2011), Teste de Proficiência Motora (BOT-2) de Bruininks (2005), por forma a adaptar itens existentes nestes testes às necessidades dos elementos do grupo. Foram assim criados 4 domínios, sendo eles a noção de corpo, EET, a memória e, a linguagem e comunicação. Mais uma vez a escala apresenta uma cotação de 0 a 3, correspondendo estas a “faz com maior dificuldade” e “faz com menor dificuldade”, respetivamente.

A aplicação da Escala de Avaliação teve a duração de três sessões de 90 minutos, nos dias 8, 15 e 22 de fevereiro do ano de 2018. Este momento contou com a presença das responsáveis do grupo, as TSEER Rita Bernardo e Rita Carvalho. Os planos de sessão correspondentes à avaliação do grupo de orientação encontram-se em anexo (consultar o ANEXO F).

2.2.3. Linhas Orientadoras da Intervenção

Foram realizadas um total de 18 sessões de grupo, sendo que 6 destas foram utilizadas para os momentos de AI e AF. Assim, as 12 sessões que coincidiram com o período de intervenção, foram divididas pelos diferentes domínios previamente estabelecidos. Na tabela 7, abaixo apresentada, podem consultar-se os diferentes momentos de intervenção, realizados por domínios. É de salientar que estes períodos serviram apenas como linhas orientadoras para a intervenção, havendo a possibilidade de alterações sempre que houvesse necessidade de adaptação.

Tabela 7 - Momentos de intervenção psicomotora com o Grupo de Orientação

Meses/Domínios	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
Avaliação Inicial					
Noção de Corpo					
EET					
Memória					
Linguagem e Comunicação					
Avaliação Final					

Foram estabelecidos objetivos gerais e específicos, por domínio, para trabalhar ao longo da intervenção. Na tabela 8, de seguida representada, estão discriminados cada um dos objetivos propostos.

Tabela 8 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o Grupo de Orientação

Domínio	Objetivo Geral	Objetivo Específico
Noção de Corpo	Promover a noção do seu próprio corpo; Promover a noção do corpo do outro	Melhorar a capacidade de identificação dos diferentes segmentos corporais; Melhorar a capacidade de consciencialização dos estados tónico posturais; Desenvolver a capacidade de compreensão das funções dos diferentes segmentos.

Estruturação Espaciotemporal	Promover a noção de espaço;	<p>Melhorar a orientação do seu corpo no espaço;</p> <p>Melhorar a orientação do seu corpo em relação aos objetos;</p> <p>Melhorar a noção de lateralidade;</p> <p>Promover a deslocação autónoma no espaço;</p> <p>Promover a noção de diferentes espaços/direções/distâncias;</p> <p>Desenvolver a capacidade de identificar locais através de pistas visuais (e.g., mapas);</p> <p>Desenvolver a capacidade de identificar caminhos.</p>
Memória	<p>Promover a memória de curto-prazo;</p> <p>Promover a memória sequencial</p>	<p>Melhorar a capacidade de memorizar locais/caminhos;</p> <p>Melhorar a capacidade de atenção/concentração;</p> <p>Melhorar a capacidade de memorizar uma sequência de informação (e.g., locais a visitar);</p>
Linguagem e Comunicação	Promover a capacidade de linguagem e comunicação	<p>Melhorar a capacidade de expressar ideias;</p> <p>Melhorar a capacidade de compreender o outro verbal ou gestualmente;</p> <p>Melhorar a capacidade de se fazer entender perante os pares;</p> <p>Melhorar a capacidade de interagir com o outro</p>

Como aconteceu no Grupo de PM, para criar um modelo de intervenção o mais eficaz possível as estagiárias fizeram um levantamento de dados individuais dos alunos, tendo em conta os seus comportamentos e traços de personalidade, tendo sido esses dados recolhidos no período de observação do grupo. Procuramos desta forma adaptar

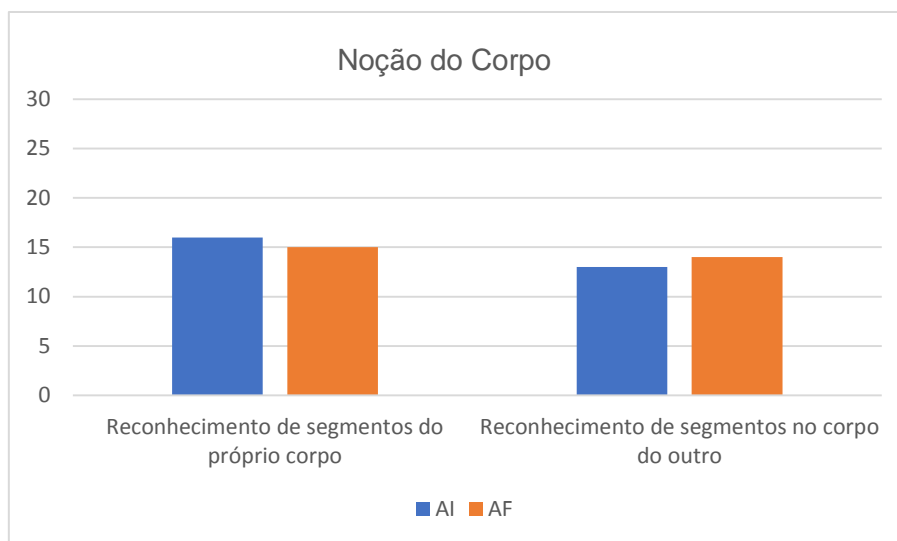
estratégias com vista a contornar obstáculos existentes por conta destes fatores. O Anexo J dá conta dos aspetos observados, sendo estes apresentados como pontos fortes, menos fortes e aspetos a melhorar para cada um dos alunos.

Assim, definidos os objetivos e identificadas as características intraindividuais de cada cliente, procedeu-se à criação de uma sessão tipo, tal como aconteceu no Grupo de PM. Desta forma passou também aqui a existir um **“ritual de entrada”**, um momento de **“ativação geral”** seguido das **“atividades fundamentais”**, **“atividades de retorno à calma”** e terminando com o **“ritual de saída”**. De referir que o momento de “ativação geral” esteve sempre bastante associado a domínios como a noção de corpo e exploração do espaço, sempre associado à memória e concentração. Outro aspeto importante a referir é o facto de serem possíveis as atividades fora do EM, passando pelos diferentes espaços da Associação Qe, recorrendo aos diferentes materiais utilizados no contexto real dos alunos (e.g., talheres) procurando sempre chegar ao objetivo estabelecido.

2.2.4. Análise e Discussão de Resultados

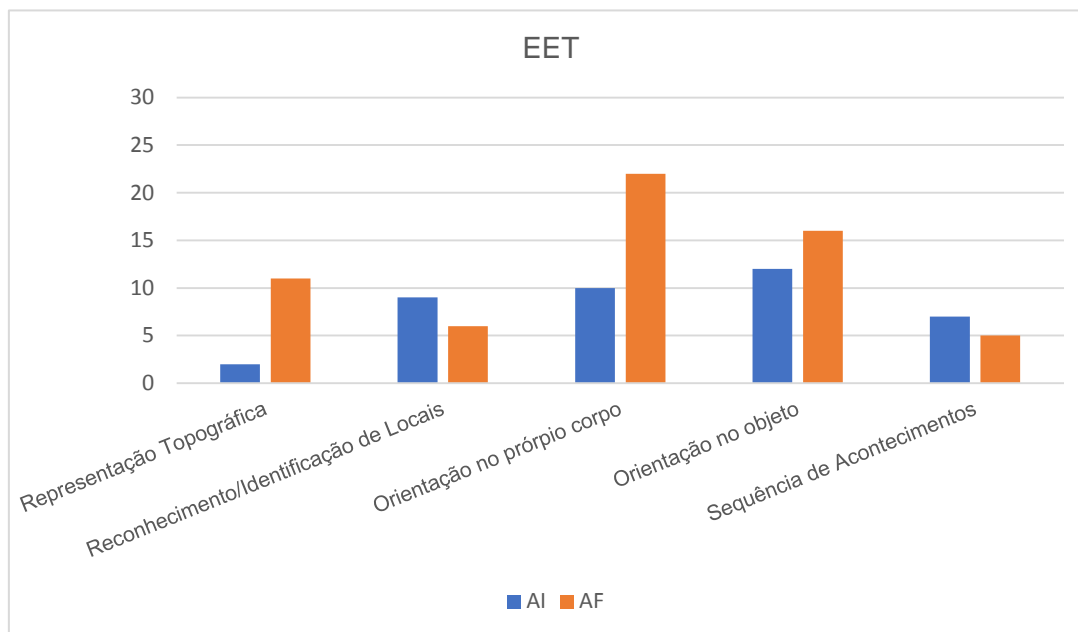
A apresentação dos resultados será feita com a cotação total possível do grupo, sendo esta de 30 valores máximos. Importa referir que existem domínios em que nem todos os alunos foram avaliados nos dois momentos de avaliação, por motivos pessoais e de saúde dos mesmos, não podendo apresentar estes resultados como valores fiáveis para caracterizar o grupo, servindo estes como informação da situação geral do grupo, não fazendo assim juízos individuais. O Anexo G mostra os resultados obtidos nos dois momentos de avaliação.

Figura 9 - Gráfico de análise de resultados do Grupo de Orientação ao domínio Noção de Corpo



No domínio relativo à Noção de Corpo é possível verificar uma maior pontuação geral quando se trata do reconhecimento de segmentos no próprio corpo quando comparado com a identificação dos mesmos no corpo do outro. É de salientar a **evolução** obtida no momento de AF no item de **reconhecimento corporal no outro**, tendo sido este um aspeto bastante trabalhado no decorrer da intervenção, sendo utilizadas diferentes estratégias em diferentes momentos e contextos. Parecem-me importante referir que, apesar de serem visíveis melhorias, as pontuações estão num valor bastante intermédio da escala, sendo possível perceber as grandes dificuldades apresentadas neste domínio. Neste sentido, foi possível observar que a maioria dos alunos reconhece partes do corpo mais comuns, i.e., mãos, pés, braços, mas não identifica áreas específicas como o cotovelo, o tornozelo ou os nomes dados aos diferentes dedos.

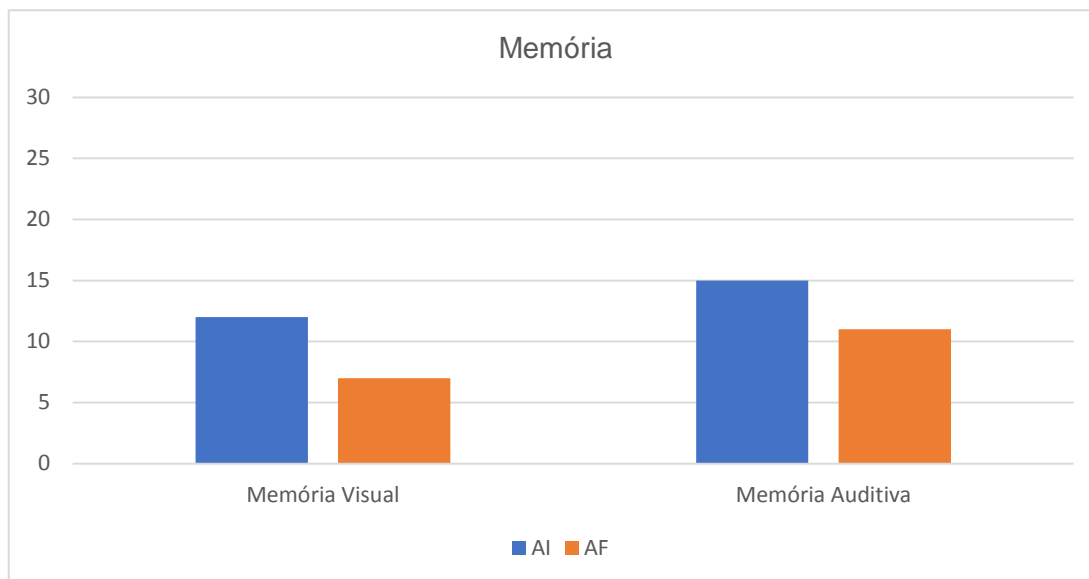
Figura 10 - Gráfico de análise de resultados do Grupo de Orientação ao domínio EET



Este domínio foi a base de toda a intervenção, tendo sido trabalhado em todas as aulas com bastante afinco. O trabalho parece ter sido compensado pois há melhorias em 3 dos 5 itens, no segundo momento de avaliação. A utilização constante de mapas, imagens, de deslocação nos próprios espaços envolventes à Associação Qe, trabalhando no contexto real, parecem ter trazido benefício à **organização espacial** dos alunos. Por outro lado, mostra-se ainda difícil organizar uma **sequência de acontecimentos**, sendo difícil conjugar o fator tempo com o fator lugar. Esta situação também se prende com a dificuldade de abstração, sendo mais fácil para os alunos organizarem-se no terreno físico, fazendo um percurso, quando comparado à organização de imagens, mesmo que conhecidas. O trabalho efetuado no domínio anteriormente apresentado, Noção de Corpo, parece ter trazido benefício também aqui, uma vez que, melhorando a consciencialização corporal de cada um, lhes permitiu orientarem melhor o seu corpo face aos objetos, bem como ter uma maior noção estrutural dos seus próprios segmentos, i.e., as pernas são em baixo. No item relativo à **identificação de locais** é de salientar que, a maioria dos alunos identifica com alguma facilidade os locais, e.g., onde são as residências, mas é-lhes difícil traçar um percurso que una dois pontos, e.g., ir das residências até ao refeitório. Também aqui se nota a dificuldade em planificar um percurso em forma abstrata, sendo difícil visualizar e espelhar num mapa os edifícios ou obstáculos físicos existentes no terreno, e.g., traçam um percurso onde passam por cima do rio a pé.

Ainda assim, mantém-se a observação apresentada no domínio anterior, notando-se uma pontuação bastante baixa em quase todos os itens avaliados.

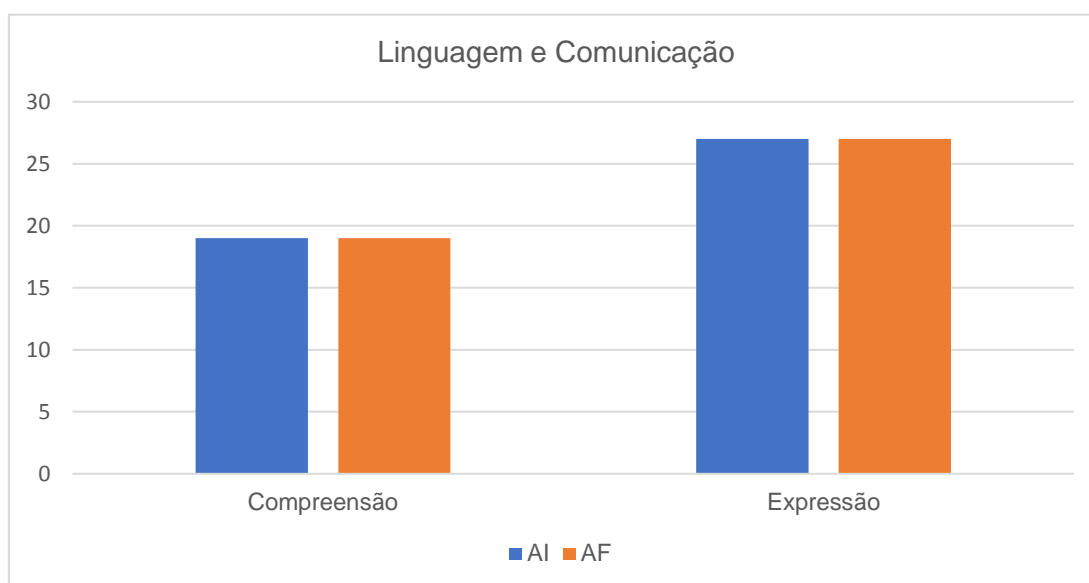
Figura 11 - Gráfico de análise de resultados do Grupo de Orientação ao domínio Memória



De referir que no momento de AF faltaram muitos elementos do grupo quando comparado com o momento de AI, sendo também desta forma espetável a diminuição dos valores de cotação no segundo momento de avaliação. Ainda assim, os valores são bastante abaixo da média, mostrando claramente as dificuldades gerais do grupo. A memória auditiva apresenta-se mais bem classificada quando comparada com a memória visual, o que parece um pouco improvável quando temos um número considerável de alunos que não falam, tendo sido adaptadas as respostas às palavras para gestos. Começando pela **memória auditiva**, é possível ver que não há um padrão que nos indique que os alunos têm mais tendência a recordar as primeiras ou últimas palavras, havendo alguns que recordam apenas o início e outros que recordam o final. Isto pode ser um indicador a ter em conta a nível individual, tentando assim obter informações acerca da concentração e retenção de informação de cada um dos alunos. Foi um item que necessitou de muito apoio verbal e muito feedback pois tornou-se difícil captar a atenção dos alunos. Importa referir que na sua maioria os alunos presentes nos dois momentos de avaliação pioraram a sua cotação na AF, sendo a diferença de resultados resultado de pior prestação dos alunos e não da falta dos mesmos no segundo momento de avaliação. Quanto à **memória visual** é também possível verificar uma descida de valores nas cotações, nomeadamente no aluno Sb em dois valores e

no aluno ELF com um valor, havendo também uma subida de um valor da aluna C e a ausência de M na sessão, tendo este obtido cotação máxima neste item na AI. Pode assim observar-se que os alunos que participaram nos dois momentos de avaliação não demonstram ter tido uma grande regressão, sendo os valores apresentados também influenciados pelos alunos que estiveram ausentes.

Figura 12 - Gráfico de análise de resultados do Grupo de Orientação ao domínio Linguagem e Comunicação



É possível verificar uma maior pontuação relativamente ao domínio da compreensão, quando comparado com o da expressão. Esta realidade não se alterou no final da intervenção pois, o tempo da mesma e o formato de trabalho não permitiu trabalhar estas áreas de forma isolada, retirando benefícios do trabalho com a mesma. De referir que, ao longo da intervenção foram utilizadas diferentes estratégias de comunicação, quer através da utilização de materiais concretos referentes à atividade, quer com imagens e gestos.

2.2.5. Reflexão Crítica do Grupo de Orientação

Relativamente à minha intervenção com o grupo, juntamente com as minhas colegas de estágio, acho pertinente referir aspetos como a quantidade de elementos que constitui o grupo e a heterogeneidade do mesmo, como anteriormente referi, sendo talvez necessário **reorganizar o grupo**, no sentido em que seria benéfico para os alunos terem um apoio mais individualizado e um nível de exigência mais adequado às suas

necessidades e capacidades. Desta forma as tarefas não teriam uma discrepância tão grande entre os alunos, não sendo demasiado exigentes para uns nem demasiado fáceis para os restantes. A existência de uma **boa relação entre todos os elementos do grupo** e a **semelhança de idades**, sendo todos eles bastante jovens, faz com que se seja possível criar uma dinâmica muito positiva e alegre à volta de todas as atividades, sendo esta uma mais valia pois todos estão dentro dos mesmo temas e assuntos, sendo mais fácil criar um ambiente que envolva todos os elementos. A **possibilidade de utilizar os espaços verdes da Qe**, assim como todos os espaços físicos do CAO, foi uma mais valia pois permitiu transpor conceitos aprendidos para contextos reais, fazendo o transfer da aprendizagem feita no contexto sala de aula para a vida quotidiana. O **objetivo do grupo** parece-me ser bastante adequado e pertinente, pois a noção que o indivíduo tem dele mesmo, do espaço e do tempo em que se encontra, são ferramentas essenciais para que este consiga organizar a sua vida nos diferentes contextos, espaço e tempo, permitindo a sua deslocação autónoma aos mais diversos sítios, assim como uma ideia clara dos diferentes acontecimentos que vivenciou num determinado momento.

2.3. Intervenção em Estudo de Caso

Este capítulo será destinado à apresentação do trabalho desenvolvido a nível individual com o aluno escolhido para integrar a componente de EC inserida no enquadramento do estágio curricular. O aluno será apresentado como ELF, iniciais do seu nome, mantendo assim o anonimato.

2.3.1. Caracterização do Estudo de Caso

A escolha do elemento a intervir como EC foi tomada depois da observação e contacto com os clientes inseridos nos diferentes grupos onde a estagiária estava integrada. Desta forma houve um aluno com quem esta criou uma relação empática de forma rápida e não planeada, o ELF. A tomada de decisão baseou-se também no facto de o aluno nunca ter tido uma intervenção individualizada como EC pelos estagiários anteriores e de estar presente na maioria dos grupos acompanhados pela estagiária, sendo assim possível observar o seu trabalho em diferentes contextos. Assim, o aluno integrava o grupo de Desporto Coletivo, Atividade Motora Adaptada, Adaptação ao Meio

Aquático, Dança com as Rita's e Grupo de Orientação, tendo todos eles objetivos bastante díspares.

O ELF é um jovem adulto de 21 anos com diagnóstico de AGD, concomitantemente, com Epilepsia. Após o falecimento do pai, que tinha a sua guarda, o irmão mais velho do ELF tornou-se seu responsável legal, passando mais tarde a integrar a Associação Qe onde frequenta o CAO juntamente com o Lar Residencial. Tal mudança se deu pelo facto de o irmão ter mudado de emprego, deixando de ter horários que lhe permitissem responder a todas as necessidades do ELF, encontrando na Associação Qe as respostas para as mesmas. Apesar de residir nas residências passa muitos dos fins de semana em casa do irmão, tendo também a presença da cunhada e da sobrinha, o que o deixa extremamente feliz.

É um adolescente bastante enérgico e comunicativo que gosta de estar no seio dos pares. Mostra alguma **dificuldade em colocar-se no lugar do outro**, não compreendendo as motivações/intenções dos colegas, chegando a incomodá-los sendo invasivo e insistente no sentido de satisfazer as suas próprias necessidades, i.e., quando quer brincar não consegue entender qual o limite da brincadeira chegando a incomodar os colegas e a fazer com que estes mais tarde não queiram interagir com ele. É bastante **impulsivo, teimoso, insistente** e não desiste da sua ideia até que seja chamado à atenção de forma mais assertiva, sendo necessário manter um limite na hora da intervenção para que este entenda que não lhe é permitido fazer tudo o que deseja naquele momento. O seu perfil físico é muito débil, tem um baixo peso acentuado, apresenta **muita instabilidade ao nível do equilíbrio estático e dinâmico**, assim como são perceptíveis movimentos bastante lentos e rígidos, mostrando-se sempre bastante hipertónico. Apresenta uma grande dificuldade em relaxar os grandes grupos musculares, não apreciando atividades com um nível de excitabilidade mais reduzido. Relativamente aos seus gostos e preferências o futebol é um dos seus principais pontos de interesse, dando assim primazia a atividades que envolvam a componente mais física. É bastante interessado e curioso, gostando sempre de saber que atividades vai fazer e com que objetivo.

Importa referir que o ELF é bastante medicado para controlar as crises de epilepsia que são muito recorrentes, mesmo com a grande dose de medicação, sobretudo nos períodos da manhã e do final de dia. Esta toma tem muito impacto no seu dia-a-dia, causando uma grande lentificação motora e arrastamento da fala. Este tema será abordado mais à frente no relatório.

Como aconteceu no grupo anteriormente apresentado, foram levantadas as características do ELF por forma a criar uma intervenção mais adequada às suas necessidades, respeitando sempre a sua individualidade. Serão de seguida apresentados os pontos fortes, menos fortes e os aspetos a melhorar ao longo da intervenção, na Tabela 9.

Tabela 9 - Características Individuais Observadas no ELF

Características Individuais do ELF	Pontos Fortes	Pontos Menos Fortes	Aspetos a Trabalhar
	Revela muita motivação em aspetos relacionados com atividades de carácter físico e motor; Dinâmico na sugestão de atividades a realizar; Empenhado na realização das tarefas a que se propõem, querendo sempre terminá-las; Gosto em trabalhar ao ar livre; Mantém uma boa relação com os colegas e técnicos.	Dificuldade em compreender regras de trabalho e de jogo; Demonstra bastante impulsividade aquando a realização das tarefas; Revela uma clara dificuldade em manter a atenção/concentração; Estímulos exteriores são bastante distráteis e prejudicam o seu desempenho; Postura muito hipertónica; Demonstra pouco equilíbrio.	Controlar a impulsividade por forma a conseguir esperar pela sua vez de realizar a tarefa; Melhorar a noção e compreensão de regras de trabalho e de jogo; Trabalhar no sentido de se conseguir organizar consoantes as regras que lhe são dadas para efetuar determinada atividade; Promover um maior tempo de concentração e foco no objetivo; Promover mais momentos que permitam a libertação da tensão muscular; Promover um maior equilíbrio postural, diminuindo o risco de queda;

			Promover o retorno à calma por forma a diminuir os níveis de excitabilidade elevados.
--	--	--	---

2.3.2. Metodologia e aplicação do instrumento de avaliação

Para proceder à avaliação foi criada uma Escala de Avaliação por forma a avaliar o desempenho do aluno em diversas áreas. Para isto, foi necessária alguma observação de comportamentos por forma a estabelecer os domínios mais urgentes de serem trabalhados com o objetivo de ir ao encontro das necessidades mais visíveis do aluno. Esta observação foi feita nas sessões de grupo em que a estagiária está inserida juntamente com o aluno.

Estabeleceram-se assim os domínios da motricidade global, noção de corpo, EET, memória, linguagem e comunicação (consultar o Anexo H), com uma cotação de 0 a 3, correspondendo estes valores ao “não faz” e ao “faz tudo”, respetivamente. Os itens que compõem cada domínio foram adaptados de instrumentos de avaliação validados, assim como a Bateria Psicomotora [BPM] de Vitor da Fonseca (2010), Body Skills [BS] de Wender e Bruininks (1988), Exame Gerontopsicomotor [EGP] de Michel, Soppelsa, & Albaret (2011), Teste de Proficiência Motora [BOT-2] (Bruininks, 2005).

Existirão assim dois momentos de avaliação, contando com duas sessões para a realização da AI e duas sessões, posteriores à intervenção, para a AF.

2.3.3. Linhas Orientadoras da Intervenção

Após verificar o horário disponível da estagiária, anteriormente apresentado, assim como o horário de atividades do aluno, foi proposto como melhor momento de intervenção a hora das 14h30 às 15h30 do dia de quarta-feira, sendo as sessões realizadas no Espaço Movimento, na Associação Qe.

A intervenção com o ELF decorrerá entre 31 de janeiro e 6 de junho de 2018, tendo um total de 18 sessões. Dessas, 4 destinam-se aos momentos de avaliação, sendo as restantes divididas pelos diferentes domínios estabelecidos para a intervenção.

O quadro que se segue apresenta a distribuição prevista para a ordem de trabalho com o ELF ao longo dos meses, sendo esta apenas uma linha orientadora que poderá ser alterada caso seja necessário adequar os objetivos. A tabela 10 representa o plano geral de intervenção geral pensado para o trabalho a desenvolver com o EFL.

Tabela 10 - Plano Geral de Intervenção com o ELF

Domínios/ Meses	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
Avaliação Inicial						
Motricidade Global						
Estruturação Espaciotemporal						
Memória						
Noção de Corpo						
Linguagem e Comunicação						
Avaliação Final						

Para cada um destes domínios foram estabelecidos objetivos gerais e específicos a trabalhar com o ELF ao longo da intervenção, sendo estes abaixo descritos na tabela 11.

Tabela 11 - Objetivos Gerais e Específicos da Intervenção com o ELF

Domínio	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
Motricidade Global	Promover a agilidade; Promover o equilíbrio estático; Promover o equilíbrio dinâmico; Promover a coordenação oculomaneal; Promover a coordenação oculopodal	Estimular diferentes tipos de lançamentos; Melhorar a perceção de distâncias; Melhorar o controlo de força com os membros superiores e inferiores; Melhorar a deslocação em marcha; Promover o equilíbrio dinâmico; Promover a deslocação em diferentes direções
Noção de Corpo	Promover a noção do próprio corpo; Promover a noção do corpo no outro.	Melhorar a identificação dos diferentes segmentos corporais; Melhorar a consciencialização das ações de cada segmento corporal; Melhorar a consciencialização dos estados tónicos do corpo.

Estruturação Espaciotemporal	<p>Promover a noção de espaço;</p> <p>Promover a noção de tempo;</p> <p>Promover a organização de uma sequência de acontecimentos.</p>	<p>Melhorar a orientação do seu corpo no espaço;</p> <p>Melhorar a orientação do seu corpo em relação aos objetos;</p> <p>Melhorar a orientação dos objetos no espaço;</p> <p>Melhorar a noção de lateralidade;</p> <p>Melhorar a organização temporal dos acontecimentos;</p> <p>Melhorar a capacidade de se organizar temporalmente;</p> <p>Melhorar a capacidade de organizar as tarefas do seu dia-a-dia;</p> <p>Desenvolver a capacidade de atribuir significados aos diferentes momentos do seu dia tipo;</p> <p>Promover a noção de diferentes espaços/direções/distâncias;</p> <p>Melhorar a capacidade de compreender conceitos abstratos partindo do concreto (i.e., longe-perto; grande-pequeno)</p>
Memória	<p>Promover a memória de curto-prazo;</p> <p>Promover a memória episódica;</p> <p>Promover a memória sequencial;</p> <p>Promover a memória auditiva</p>	<p>Melhorar a capacidade de memorizar acontecimentos;</p> <p>Melhorar a capacidade de atenção/concentração;</p> <p>Desenvolver a capacidade de organizar eventos tendo por base recordações;</p> <p>Melhorar a capacidade de atribuir significado a imagens que representem situações reais (e.g. o seu horário com imagens para que atribua um significado a cada uma delas através da associação às atividades);</p> <p>Melhorar a capacidade de reter informação auditiva de forma a transmiti-la posteriormente a alguém.</p>

Linguagem e Comunicação	Promover a capacidade de linguagem e comunicação	Melhorar a capacidade de expressar ideias; Melhorar o arrastar da fala; Melhorar a capacidade de interagir com o outro de forma mais controlada; Desenvolver a capacidade de esperar que seja a sua vez de interagir com o colega
-------------------------	--	--

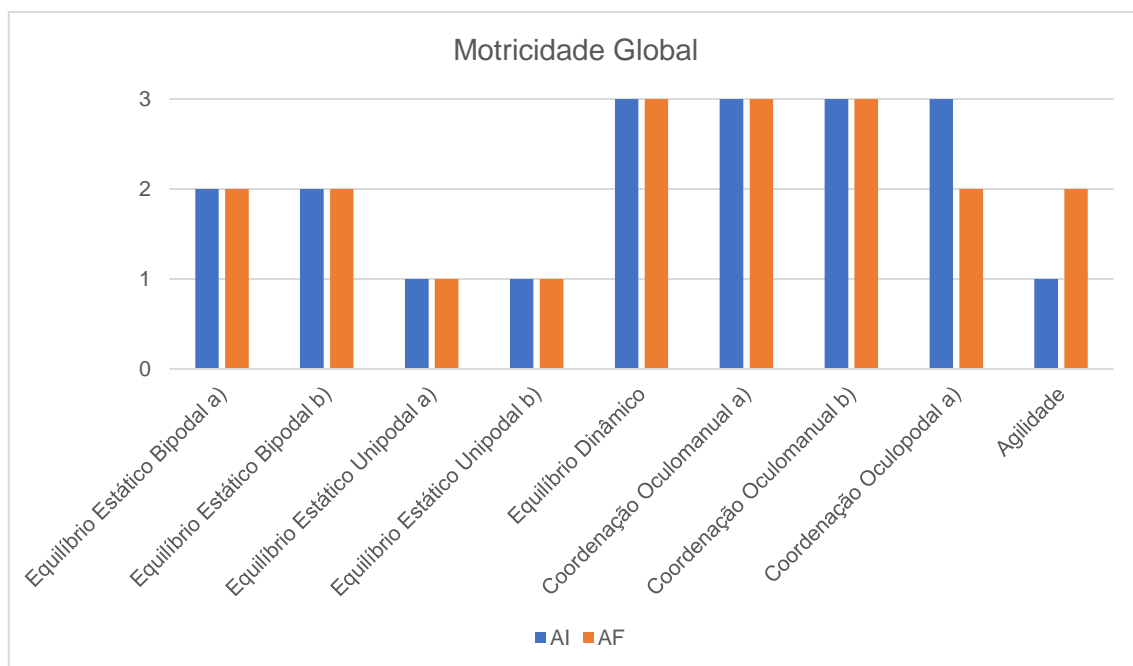
A estagiária optou assim por criar sessões que fossem marcadas por três momentos distintos, sendo eles o **ritual de entrada**, **atividades** e **descanso**. Isto porque o aluno precisa de muita estruturação para conseguir adequar o seu comportamento ao momento da sessão em que se encontra, sendo necessário existir um período onde lhe é explicado que a sessão mudará o seu curso. Para isto foi estratégia da estagiária criar um quadro de sessão individual (consultar o Anexo I) que o ELF organizará em cada parte da sessão, sendo este um reforço para entender que precisa de adequar o seu comportamento a cada nova etapa da sessão.

Desta forma, o **ritual de entrada** permite que o aluno se adapta ao local onde se encontra e se prepare para o trabalho que vai desenvolver. É um momento em que tira o casaco e adornos e é iniciada uma tarefa de ativação geral que o envolve completamente no contexto da sessão. O momento de **atividades** é o corpo da sessão, organizada com as diferentes tarefas planeadas para o domínio o trabalhar. Aqui são utilizados jogos e materiais por forma a tornar a sessão tão dinâmica quanto possível. Já na parte final, o **descanso**, permite que o aluno retorne à calma, sendo feito um período de relaxação onde se pretende que o EL liberte um pouco as suas tensões assim como os seus pensamentos que são muitas vezes atribulados criando agitação motora. É um momento onde é dado espaço para que o aluno reflita sobre o que trabalhou na sessão, fazendo uma rechamada à sua memória sobre as atividades realizadas.

2.3.4. Análise e Discussão de Resultados

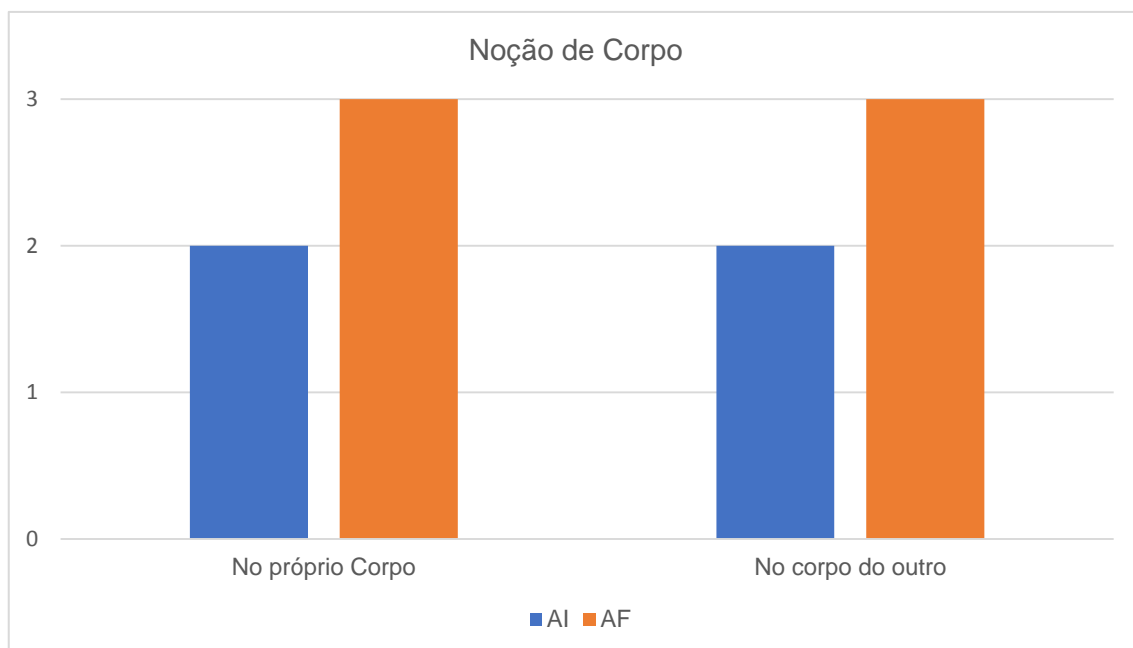
A apresentação dos resultados obtidos nos dois momentos de avaliação será feita de forma semelhante ao apresentado no Grupo PM. Desta forma cada gráfico corresponderá a um dos domínios presentes na Escala de Avaliação utilizada, apresentando os resultados obtidos antes e depois da intervenção individual com o ELF (consultar o ANEXO J).

Figura 13 - Gráfico de análise de resultados do EC no domínio de Motricidade Global



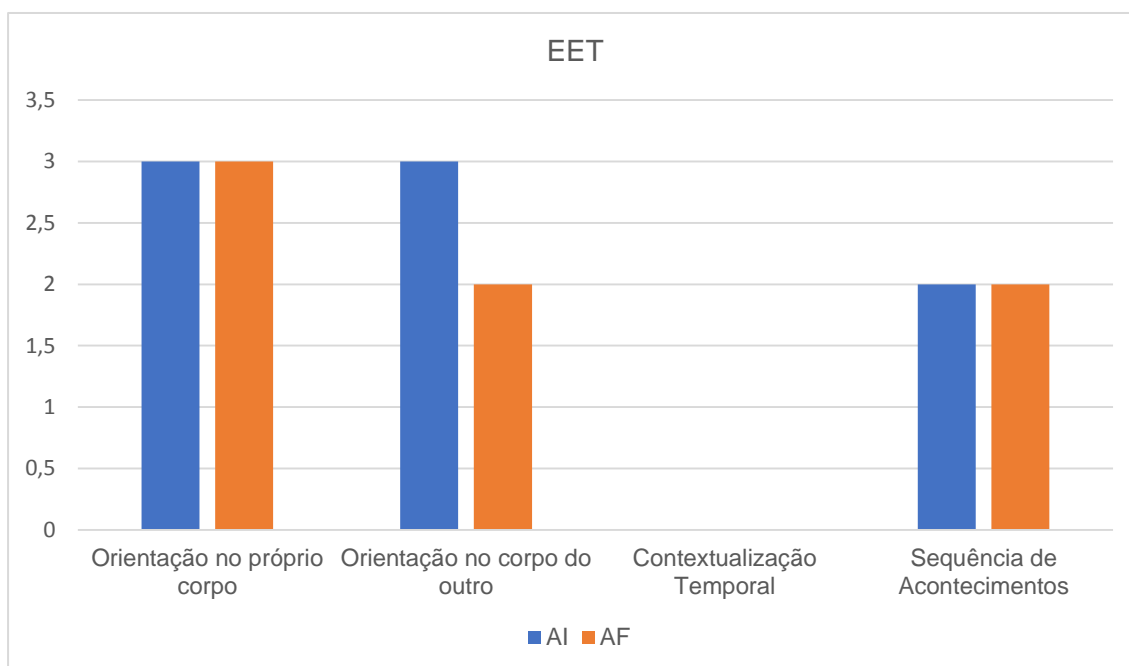
Ao nível da motricidade fina, podemos constatar que não houve grandes alterações nos dois momentos de avaliação. Ainda assim, é importante referir que, ao nível do equilíbrio, foi notória a diminuição de oscilações apresentadas pelo aluno. No domínio da Coordenação Oculopodal **a diminuição** dá-se por falhar 2 dos 4 chutes a realizar. Esta diminuição não me parece uma preocupação pois o aluno domina a técnica do chute, apresentando menos oscilações no momento de AF quando comparado com AI, parecendo-me estas últimas mais importantes do que propriamente acertar na baliza pois é visível que domina o seu corpo com mais facilidade. Por outro lado, podemos ver uma **melhoria** no domínio da agilidade, sendo que o aluno mostra ter compreendido o objetivo da atividade, conseguindo aumentar o número de obstáculos que constituem a prova, podendo ser isto visto como um maior controlo sobre o seu corpo no sentido do processamento de tarefas, visualizando primeiro o objetivo e controlando a impulsividade de chegar rapidamente ao final da tarefa. De salientar que iniciou o percurso no primeiro cone, mas este para ele serviu apenas como uma marca de início, passando por ele sem o contornar.

Figura 14 - Gráfico de análise de resultados do EC ao domínio de Noção de Corpo



No objetivo relativo à noção de corpo, o aluno obteve uma maior cotação em ambos os itens, quer na identificação de segmentos no outro quer no seu próprio corpo. No decorrer das sessões que se debruçaram sobre este domínio foram utilizadas várias estratégias recorrendo a diversos materiais, tais como desenhos feitos pelo próprio, puzzles do corpo humano, peças de vestuário indicadas para cada parte do corpo, tentando chegar à manipulação de segmentos dos colegas pelo ELF e vice-versa. A repetição e utilização de diferentes recursos parece ter compensado pois, no item referente ao próprio corpo, o aluno reconhece 8 segmentos na AI e 12 na AF, tendo resultados semelhantes no item relativo ao reconhecimento no corpo do outro, acertando assim 8 segmentos no momento de AI e 11 no AF, tendo cada domínio um total de 16 segmentos.

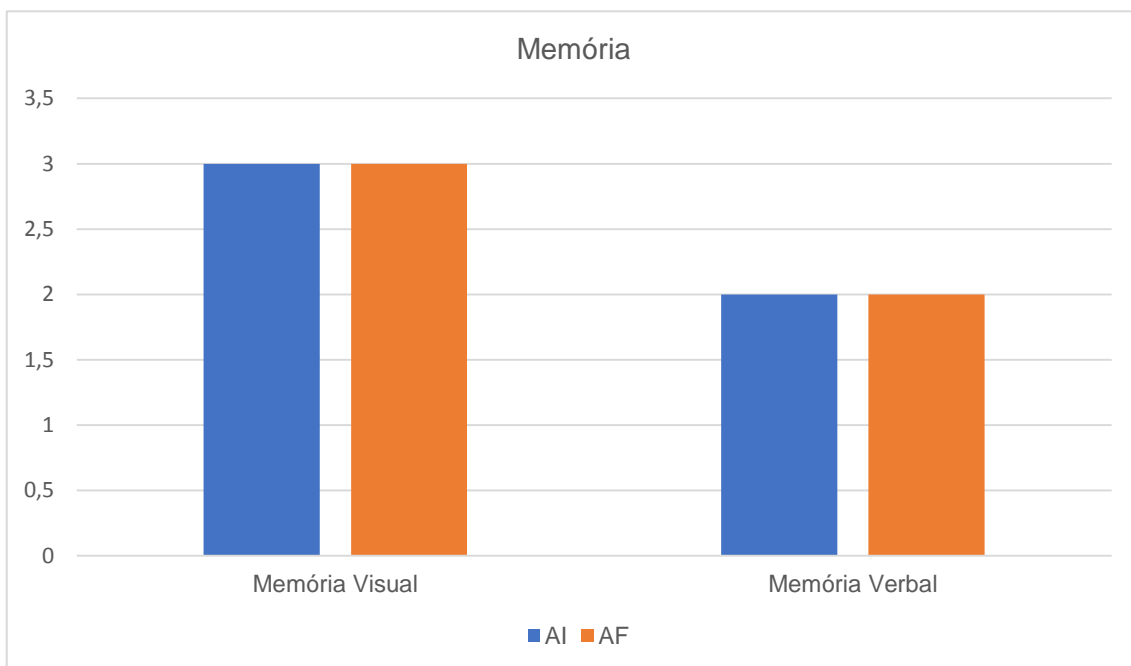
Figura 15 - Gráfico de análise de resultados do EC ao domínio de EET



No que diz respeito ao domínio da estruturação espaciotemporal deparamo-nos com uma **cotação nula** no item correspondente à contextualização temporal. Isto acontece porque o aluno não apresenta ter noção de orientação temporal, mostrando-se desorientado tanto no mês como no dia da semana e ano em que se encontra. Mostra-se lúcido quanto às partes que compõem o dia, identificando-as consoante as atividades que vai realizando, i.e., almoçar ou deitar. Ainda neste sentido, foi possível observar a atribuição de atividades que lhe são prazerosas a determinados dias da semana, como é o almoço com o irmão à sexta-feira, apesar de não localizar este dia no decorrer da semana, dá-lhe um significado e sabe que vai chegar. Contudo, mostra saber as estações do ano, os meses e os dias da semana, embora não lhes atribua uma ordem correta. Como aspetos neutros temos a orientação do aluno relativamente ao seu próprio corpo, mantendo as competências já demonstradas na AI, assim como na organização de uma sequência de acontecimentos. No que toca à orientação relativamente ao corpo do outro, há um decréscimo nos resultados obtidos no momento de AF, isto porque o aluno trocou os sentidos de direita e esquerda. A meu ver isto acontece por representar uma extensão dos seus segmentos, não conseguindo fazer a visualização em espelho, passando assim a esquerda do colega a ser para ele direita pois é a perspetiva que tem dele próprio. Esta descida não me parece relevante pois, já no momento de AI houve uma grande hesitação do aluno nesta questão, parecendo-me

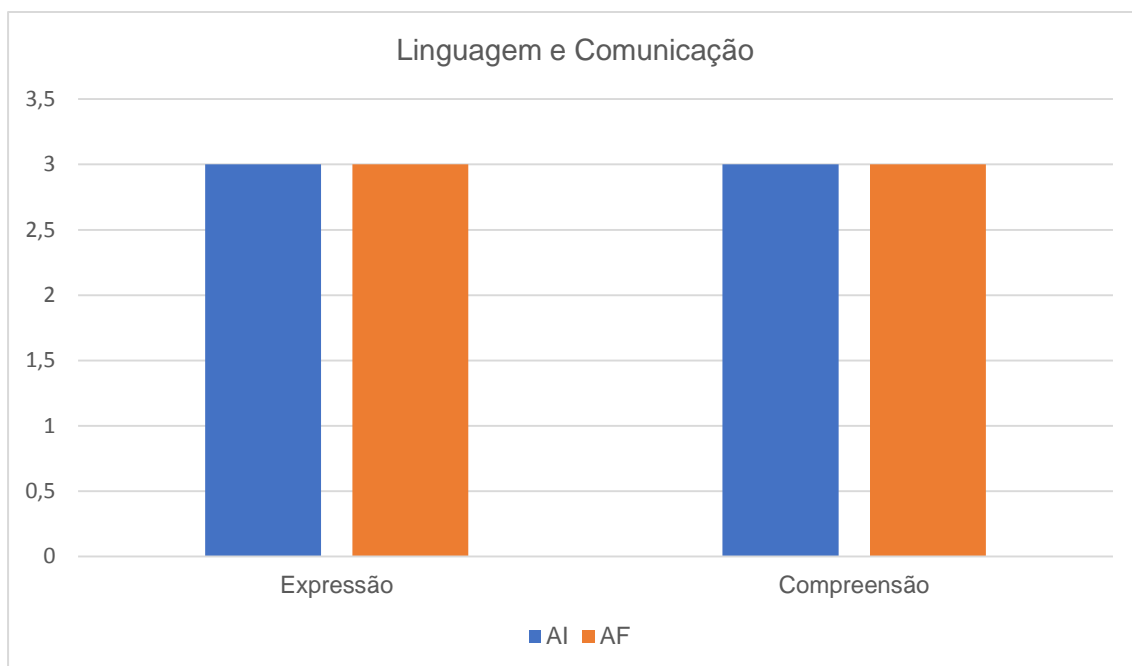
assim que terá acertado de forma aleatória. Parece-me assim importante continuar a trabalhar a questão da lateralidade no outro e nos objetos por forma a criar uma ideia mais consistente.

Figura 16 - Gráfico de análise de resultados do EC ao domínio de Memória



Relativamente ao domínio da memória, onde podemos destacar dois itens distintos, percebemos que não existem alterações nos dois momentos de avaliação. Contudo, é importante referir que no item relativo à memória verbal, apesar dos momentos de avaliação apresentarem o mesmo resultado, o desempenho do ELF foi mais adequado na AF, sendo que aqui identifica e reproduz todas as palavras que lhe foram apresentadas, fazendo apenas a troca de ordem em duas delas, comparativamente à AI onde identifica apenas 3 das 4 palavras pedidas. O curto tempo de atenção sustentada é, na minha perspetiva, tem uma influência bastante acentuada neste domínio uma vez que o aluno não se foca no que lhe é apresentado ou verbalizado, podendo também juntar a impulsividade por ele apresentada que não lhe permite ouvir a informação até ao final.

Figura 167 - Gráfico de análise de resultados do Grupo de EC ao domínio de Linguagem e Comunicação



Quanto à comunicação do EFL, podemos perceber que esta é bastante positiva, tanto na expressão como na compreensão. Este domínio foi analisado ao longo de todo o período de intervenção, nos diferentes contextos, não havendo um momento ou atividade específicos para o avaliar. Desta forma, ao nível da expressão, o aluno é bastante explícito nas suas informações, conseguindo mostrar as suas ideias e emoções ao outro. Apresenta um discurso coerente e fluido, tendo apenas algumas dificuldades ao nível da articulação das palavras devido há existência de um arrastamento da fala, consequência também da medicação como referido anteriormente. É bastante espontâneo e comunicativo. No que concerne à compreensão, esta é do seu total domínio, sendo capaz de entender informações complexas. Por vezes demonstra não ter compreendido e repete a pergunta várias vezes mas, com base na minha observação, não se trata de falta de capacidade de compreender mas sim vontade de continuar a comunicação ou na insistência de um tema pois a informação que lhe estão a passar não é a que ele gostaria.

2.3.5. Reflexão Crítica do Estudo de Caso

Apresento agora uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido com o ELF. Desta forma parece-me importante começar por referir que adaptação do aluno às sessões individuais necessitou de bastante trabalho no sentido de criar uma rotina e organização que lhe fizessem sentido. Esta questão surgiu da necessidade de existência de regras que permitam facilitar a compreensão do trabalho que é proposto, havendo assim um ponto de referência para cada momento da sessão, sendo para isto construído um quadro que lhe permitisse ter uma linha orientadora da sessão (consultar o Anexo K). Estes pontos serviram como limites ao seu comportamento, funcionando como um mediador. Sendo criadas estas regras tornou-se mais fácil gerir as sessões com o ELF uma vez que já existia bastante empatia entre o mesmo e a estagiária. Parece-me também importante referir que, a ausência dos colegas permitiu que este se focasse mais facilmente nas tarefas que realizava, uma vez que reduzidos os estímulos distráteis, houve um aumento da capacidade de concentração/atenção e foco direcionado para a atividade. Este parece-me ser um aspeto importante uma vez que, como já foi referido, o cliente tem bastante energia e dá total preferência a atividades de carácter físico, sendo nesta sessão possível explorar uma vertente mais calma que lhe permitisse explorar outros contextos/envolvimentos e ter maior sucesso em novas atividades.

Posto isto surge a necessidade de confrontar os resultados obtidos com os esperados, tentando identificar possíveis áreas passíveis de continuação de intervenção por forma a criar uma maior qualidade de vida e autonomia ao cliente. Começo assim por referir o trabalho ao **nível do equilíbrio**, tanto estático como dinâmico, sendo esta uma das áreas mais problemáticas do ELF, que pode ser mesmo um fator de perigo para si próprio uma vez que, sendo tão agitado, se torna necessário ter um maior controlo sobre o seu corpo, juntando-se a isto a questão igualmente importante da **agilidade**. Um outro domínio que penso necessitar de bastante atenção é o de **noção de tempo**, sendo necessário criar rotinas que permitam identificar os diferentes horários e dias da semana, permitindo depois alargar este conceito para um nível mais alargado, como os meses que compõem o ano. Penso que seria estruturante para o aluno, tornando-se mais autónomo e consciente dos acontecimentos à sua volta.

Para além dos domínios avaliados parece-me ainda impante a intervenção ao nível da **concentração/atenção** pois este é um aluno bastante disperso, reagindo a todos os estímulos a que está exposto, tendo por vezes dificuldade em focar-se, principalmente quando há uma tarefa nova que precisa de concentração para ser compreendida. Uma

outra característica bastante vincada neste aluno e que, a meu ver, precisa de bastante trabalho é a **impulsividade**, sendo muitas vezes este um aspeto que o prejudica na realização das atividades.

Parece-me possível constatar que, após o período de intervenção, o ELF apresenta algumas melhorias em determinadas áreas e, quando estas não existiram mantiveram-se as capacidades já existentes, não havendo um declínio nas mesmas.

Atividades Complementares

No decorrer do estágio foi possível integrar diferentes atividades, presenciando diferentes contextos com os clientes. Estas foram divididas nas diferentes áreas de atuação da Associação Qe.

1. Projeto “Ginástica é Qe”

O projeto “Ginástica é Qe” está inserido no Núcleo de Atividade Motora Adaptada e Reabilitação da Associação Qe e é da responsabilidade das TSEER Rita Bernardo e Rita Carvalho, realizando-se às segundas-feiras no horário das 10h30 e às quartas-feiras, no horário das 14h30, nos espaços físicos da Associação Qe e no pavilhão da URCA (União Recreativa do Concelho da Abrunheira), entidade parceira. O mesmo tem como objetivos a criação de um esquema de ginástica para ser apresentado nos diversos encontros de ginástica adaptada decorrentes em Portugal. Este é um projeto que envolve os clientes na comunidade, permitindo-lhes mostrar o seu trabalho em eventos de renome, como é o “Gym for life” ou o “Portugal Gym”. Aqui os clientes têm vários objetivos de trabalho, entre eles a noção de ritmo, de memória, noção de tempo e espaço, coordenação ou equilíbrio. As relações interpessoais também são um aspeto a ter em conta pois é necessária existência de harmonia entre o grupo para que este consigam obter bons resultados.

- **I Encontro Lousada Special Gym (Lousada)** - um encontro que atletas de diferentes associações e clubes que tem como objetivo apresentar esquemas/coreografias treinadas, no coletivo, a pares ou individualmente. O evento decorreu em Lousada, no dia 17 de março, tendo a Associação Qe participado com os esquemas do projeto “Ginástica é Qe” e “Ginástica Rítmica”, onde os alunos atuaram, respetivamente, em grupo e individualmente.
- **Festival de Ginástica com todos e Torneio de Ginástica Acrobática e Rítmica (Albufeira)** – Sendo este semelhante ao encontro acima descrito, tendo sido acrescentada a vertente de ginástica acrobática, onde os alunos participaram num esquema realizado a pares.
- **Gym for Life 2018 (Odivelas)** - Encontro de jovens atletas federados e não federados, que decorreu em Odivelas, nos dias 2 e 3 de junho, tendo a Associação Qe participado e conquistado a Menção de Prata.

2. Projeto “Desporto Coletivo”

Este projeto é da responsabilidade da TSEER Rita Bernardo, decorrendo no Espaço Movimento no horário das 9h00 às 10h30 de segunda-feira. O objetivo passa pela elaboração de jogos de equipa, sendo estes adaptados, dando principal destaque o Corfebol. A estagiária começou apenas por apoiar as aulas da responsável, mas com o passar do tempo, começou a dinamizar as mesmas juntamente com o apoio da Monitora de Apoio da Associação Qe, Ana Plácido, pois a TSEER Rita Bernardo encontrava-se em reunião no período de aula. Este projeto é composto por um grupo mais autónomo, sendo ainda assim bastante heterogéneo ao nível da funcionalidade. Assim, pretende-se que os alunos desenvolvam o sentido de regra, respeitando e cumprindo as regras impostas pelo jogo, assim como as regras de funcionamento da aula, i.e., utilização de roupa adequada, procedimentos de aquecimento e alongamento, retirar bens pessoais não essenciais (anéis, óculos de sol). A capacidade de aceitar a diferença do outro, compreender as suas dificuldades e ser capaz de se disponibilizar a ajudar o colega, são valores incutidos aos alunos em todas as aulas. Este foi um grupo bastante desafiante para a estagiária pois alguns dos elementos mais influentes do grupo são jovens adultos, tendo estes tentado desafiar a estagiária por saberem que esta era nova na Associação Qe e que poderiam tentar impor-se. Esta experiência foi muito enriquecedora pois logo de início foi testada a assertividade da estagiária, sendo necessário que esta mantivesse a sua figura de autoridade, mas ao mesmo tempo conseguisse cativar os alunos para conseguir o seu respeito.

3. Projeto “Dança com as Ritas”

O projeto “Dança com as Ritas” está, assim como a “Ginástica é Qe”, inserido no núcleo de Atividade Motora Adaptada e Reabilitação, tendo como principal objetivo elaborar um esquema de dança para que este seja apresentado ao público, dentro e fora da Associação Qe. São assim trabalhados domínios como a noção de ritmo, a memória, equilíbrio, criatividade, concentração/atenção, lateralidade, noção de tempo e espaço. O trabalho de equipa é fundamental e também este requer bastante dedicação por parte de cada um dos alunos pois há que saber respeitar o outro, o seu tempo e as suas dificuldades, aprendendo assim a compreender e aceitar a diferença entre todos. Este projeto permite trabalhar os fatores psicomotores de forma alternativa, utilizando o gosto dos alunos pela dança e pela música, para

trabalhar a aquisição de competências dos diversos domínios acima descritos. Foi bastante positivo, enquanto estagiária, integrar este grupo pois, mais uma vez, permitiu a observação dos alunos fora da sala de aula, interagindo com a comunidade, assim como a fez perceber que se pode utilizar este meio artístico alcançar objetivos mais específicos em cada um deles.

4. InterCentros

Os Intercentros decorreram durante todo o período em que a estagiária se encontrava na Associação Qe, tendo esta a oportunidade de participar em alguns dos encontros nos diferentes contextos. Estes têm como objetivo promover o convívio e a competição entre as mais diversas associações, permitindo a deslocação dos clientes a diferentes locais e a sua participação em atividades de diferentes tipos. Entre eles é possível destacar o **“V Encontro de Desporto Inclusivo da APADP”**, a **“XV Caminhada de Orientação Adaptada”** no Parque da Pena, em Sintra, organizada pelo CECD e o **“17º Torneio de Natação Adaptada de Mafra”**, da responsabilidade da APERCIM.

Entre estes esteve também a VI edição dos **“Comandos Qe”**, atividade organizada pela Associação Quinta Essência, que decorreu no dia 20 de junho. Este, como o nome indica, é constituído por atividades alusivas aos Tropas Comandos, havendo no próprio dia alguns elementos desta força do exército português a prestar apoio nas atividades. O encontro é assim composto por diversas estações que cada equipa terá de percorrer e realizar a tarefa aí exigida. É de salientar a motivação que o tema dá aos participantes, sentindo-se estes satisfeitos em participar, querendo superar as suas capacidades em todos os desafios que vão aparecendo. É importante referir que os alunos mais autónomos são envolvidos na dinamização das mais diversas tarefas no decorrer da organização, assim como se encontram a desempenhar papéis importantes, como entrega de carimbos de participação, em cada uma das estações no dia em que decorre a atividade. A diversão e o espírito de entreajuda criado entre técnicos e clientes das diferentes instituições é um ponto que me deixou bastante sensibilizada pois, entre clientes, há já grupos de amigos criados ao longo da participação das mais diversas atividades de Intercentros.

Conclusão

A minha permanência na Associação Qe para realização do EP tornou-se muito mais satisfatória e proveitosa do que poderia esperar no primeiro momento em que lá entrei. Toda a dinâmica que encontrei na Associação se mostrou reconfortante, tornando claro na minha cabeça que aquele era o sítio ideal para crescer e aprender, todos os dias que lá passasse. E assim foi, todos os dias ganhei um bocadinho mais de mim com tudo o que vivenciei com a equipa e clientes, ficando mais consciente e com uma postura mais firme relativamente ao meu trabalho enquanto psicomotricista.

Há neste local um espírito de querer ser e fazer mais, para obter sempre o melhor de e para todos os que se encontram à nossa volta. Foi uma aprendizagem diária, em diferentes contextos, com diferentes pessoas, com diferentes áreas de intervenção por parte dos restantes membros da equipa que não as TSEER Rita Bernardo e Rita Carvalho.

Confesso a dureza desta entrada súbita na Associação Qe, referindo-me ao contacto com os clientes quando a minha presença nas sessões começou a ser de maior responsabilidade, intervindo diretamente com estes. Foi um desafio, talvez o maior, que este local me deu, conseguir gerir a frustração que senti no início, quando os clientes mais jovens me colocavam à prova, desafiando as regras por mim impostas e o meu trabalho. Foi, principalmente, com esta situação que me defini enquanto técnica, conseguindo encontrar uma postura que me permitisse trabalhar mostrando-me confiante, assertiva, mas ainda assim, sempre disponível para os ajudar e para os acompanhar em qualquer adversidade.

Também a diversidade de atividades que o EP me permitiu intervir foi, claramente, uma mais valia para o meu crescimento. Neste sentido, refiro-me mais especificamente à intervenção em meio aquático, que foi, para mim, uma das grandes aquisições de conhecimentos que fiz, sendo uma área com que, até então, tinha tido pouco contacto, revelando-se para mim uma descoberta de satisfação pessoal a nível de intervenção. Aponto também para a importância e o impacto que as atividades complementares tiveram na minha experiência enquanto estagiária pois, a oportunidade de sair dos espaços da Associação Qe para pernoitar juntamente com os clientes foi uma oportunidade única de viver mais perto das suas rotinas e realidades enquanto indivíduos envolvidos na comunidade. Foi possível retirar inúmeros conhecimentos passados pelas TSEER e pelos educadores de apoio que nos acompanharam pois é nestes contextos que se colocam à prova a capacidade de ligar com a adversidade,

tendo capacidade de solucionar problemas inesperados, sempre com vista ao bem-estar de todo o grupo.

Da experiência vivida na Associação Qe fica a certeza de uma maior autoconfiança, maior capacidade de resolução de problemas, maior autoestima e autoconhecimento. Fica a consciência de que há muito para fazer, todos os dias, para nos melhorarmos enquanto seres humanos e profissionais, querendo alcançar sempre um novo objetivo.

Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association [APA]. (2013). *DSM-V - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th Edition). Washington, DC: Author
- Aragón, M. (2007). *Manual de Psicomotricidade*. Ediciones Pirámide: Madrid
- Associação Qe. (2017). Consultado a 12 de dezembro de 2017 de <https://quintaessencia.pt/index.php>
- Aznar-Farias, T. e Silveiras, E. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.
- Barreiros, J. (2006). Envelhecimento, degeneração, desvio e lentidão psicomotora. In J. Barreiros, M. Espanha e P. Correia (Eds.), *Actividade Física e Envelhecimento* (89-104). Lisboa: FMH
- Bastos, O. e Deslandes, S. (2012). Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais e adolescentes. *Revista de Saúde Coletiva*. 22(3), 1031-1046.
- Bruininks, R. H., & Bruininks, B. D. (2005). *BOT 2 Bruininks-Oseretsky Test of Motor Proficiency* (Second ed.): Pearson Assessments..
- Cancela, D. (2007). *O Processo de Envelhecimento*. Consultado a 05 de janeiro de 2019 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>
- Claes, C., van Hove, G., van Loon, J., Vandeveld, S., e Schalock, R. L. (2010). Quality of life measurement in the field of intellectual disabilities: Eight principles for assessing quality of life-related personal outcomes. *Social Indicators Research*, 98(1), 61–72. doi: 10.1007/s11205-009-9517-7.
- Cummins, R. A. (2005). Moving from the quality of life concept to a theory. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49(10), 699–706. doi:10.1111/j.1365-2788.2005.00738.x
- Custódio, M. (2011). *Estudo da Qualidade de Vida de jovens/adultos com Dificuldade Intelectual e Desenvolvemental através da aplicação da Escala de Qualidade de Vida da OMS (WHOQOL-100)*. Tese de Mestrado em Reabilitação Psicomotora apresentada à Universidade Técnica de Lisboa

- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*. 2(2), 6-7.
- Fisher, R., van Emde Boas, W., Blume, W., Elger, C., Genton, P., Lee, P e Engel, J. (2005). Epileptic Seizures and Epilepsy: Definitions Proposed by the International League Against Epilepsy (ILAE) and the International Bureau for Epilepsy (IBE). *Epilepsia* 46(4), 470-472.
- Fonseca, V. (2001). *Psicomotricidade – perspectivas multidisciplinares*. 1ª Edição. Lisboa: Âncora Editora
- Fonseca, V. (2010). Manual de Observação Psicomotora: Significação Psiconeurológica dos seus fatores (3ª ed.). Lisboa: Âncora Editora
- Geis, P. (2003). *Atividade Física e Saúde na Terceira Idade: Teoria e Prática*. 5ª ed. São Paulo: ARTMED
- INFARMED (2011). Folheto informativo, consultado a 9 de janeiro de 2019 de http://app7.infarmed.pt/infomed/download_ficheiro.php?med_id=52507&tipo_doc=fi
- INFARMED (2014). Folheto informativo, consultado a 9 de janeiro de 2019 de http://app7.infarmed.pt/infomed/download_ficheiro.php?med_id=8339&tipo_doc=fi
- INFARMED. (2015). Folheto informativo, consultado a 9 de janeiro de 2019 de http://app7.infarmed.pt/infomed/download_ficheiro.php?med_id=41700&tipo_doc=fi
- Juhel, J. (2010). *La Psychomotricité au service de la personne âgée: Réfléchir, agir et mieux vivre*. Canadá: Les Presses de L'Université Naval
- Lindsay, P. (2011). *Care of the Adult with Intellectual Disability in Primary Care*. London. Radcliffe Publishing
- Luckasson, R., Borthwick-Duffy, S., Butix, W., Coulter, D., Craig, E., Reeve, A., . . . Tassé, M. (2002). *Mental Retardation: Definition, Classification and System of Supports*. 10th Ed. Washington, DC: American Association on Mental Retardation.

- McGee, J., Menousek, P. e Hobbs, D. (1987). Gentle Teaching: an alternative to punishment for people with challenging behaviors. In S. J. Taylor, D. Bicker, & J. Knoll (Eds.), *Community integration for people with severe learning disabilities* (147-183). New York: Teachers College Press
- McGee, J. e Marge, B. (2007). A Gentle Teaching Primer. *Gentle Teaching International*.
- McGee, J. (2016). What is Gentle Teaching? A look at the basics. Consultado a 07 de fevereiro de 2019, de <https://goo.gl/Af3mxY>
- Michel, S., Soppelsa, R. & Albaret, J.-M. (2011). Examen G ronto Psychomoteur – Manuel D'Aplication. Paris: Hogrefe Morisse, F., Vandemaele, E., Claes, C., Claes, L., e Vandeveld, S. (2013). Quality of life in persons with intellectual disabilities and mental health problems: an explorative study. *ScientificWorldJournal*, (491918), 5. doi: 1155/2013/491918
- Morais, A. (2007). Psicomotricidade e Promoção da Qualidade de Vida em Idosos com Doença de Alzheimer. *A Psicomotricidade*. (10), 25-33.
- Nihira, K. (2012). AAMR Adaptive Behavior Scale: its History. In Santos, S. & Morato, P. (Eds). *Comportamento Adaptativo – 10 anos depois*. (75-82). Lisboa: Edições FMH
- Oliveira, M. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Patja, K., Livanainen, M. Vesala, H, Oksanen, H., & Ruoppila, I. (2000) Life expectancy of people with intellectual disability: a 35-year follow-up study. *Journal of Intellectual Disability Research*, 44(5), 591-599
- Pereira, B. (2004). Gerontopsicomotricidade: envelhecer melhor – da quantidade   qualidade. *A psicomotricidade*. (9), 88-93
- Pinheiro, S. (2004). Sexualidade de deficiência mental: revisando pesquisas. *Psicologia Escolar e Educacional*. 8(2), 199-206.
- Poblete, R., e Sung, G. (2017). Status Epilepticus and Beyond: A Clinical Review of Status Epilepticus and an Update on Current Management Strategies in Super-refractory Status Epilepticus. *The Korean Journal of Critical Care Medicine*. 32(2), 89-105.

- Rosa, C., Benicio, A., Latorre, O. & Ramos, R. (2003). Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. *Rev. Saude Publica*, 37(1), 40-48
- Santos, S. & Morato, P. (2012). O Comportamento Adaptativo em Portugal. In S. Santos & P. Morato, (Ed), *Comportamento Adaptativo - Dez Anos Depois* (19-33). Lisboa: Edições FMH
- Santos, S. e Morato, P. (2016) O comportamento adaptativo no currículo. *Journal of Research in Special Educational Needs*. 16(1) 736-740. doi: 10.1111/1471-3802.12330
- Santos, S. & Santos, S. (2007). Comportamento Adaptativo e Qualidade de Vida nas Crianças com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental. *Revista de Educação Especial e Reabilitação*. 14, 57-67
- Schalock, R. L., Brown, I., Brown, R., Cummins, R. A., Felce, D., Matikka, L. e Parmenter, T. (2002). Conceptualization, measurement, and application of quality of life for persons with intellectual disabilities: report of an international panel of experts. *Mental Retardation*, 40(6), 457–470. doi:10.1352/0047-6765(2002)040<0457:CMAAOQ>2.0.CO;2
- Schalock, R., Gardner, J. e Bradley, V. (2010). *Quality of life for people with intellectual and other developmental disabilities – Application across individuals organizations, communities and systems*. AAIDD. Washington, D. C
- Shafer, P. About Epilepsy: The Basics. (2014). Consultado a 05 de fevereiro de 2019 de <https://www.epilepsy.com/learn/about-epilepsy-basics>
- Tasse, M., Luckasson, R. e Schalock, R. (2016). The Relation Between Intellectual Functioning and Adaptive Behavior in the Diagnosis of Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD), 54(6): 381-390. doi: 10.1352/1934-9556-54.6.381
- Trinka, E., Cock, H., Hesdorffer, D., Rossetti, A., Scheffer, I., Shinnar, S., Shorvon, S., Lowenstein, D. (2015). A definition and classification of status epilepticus – Report of the ILAE Task Force on Classification of Status Epilepticus. *Epilepsia*, 56(10):1515–1523

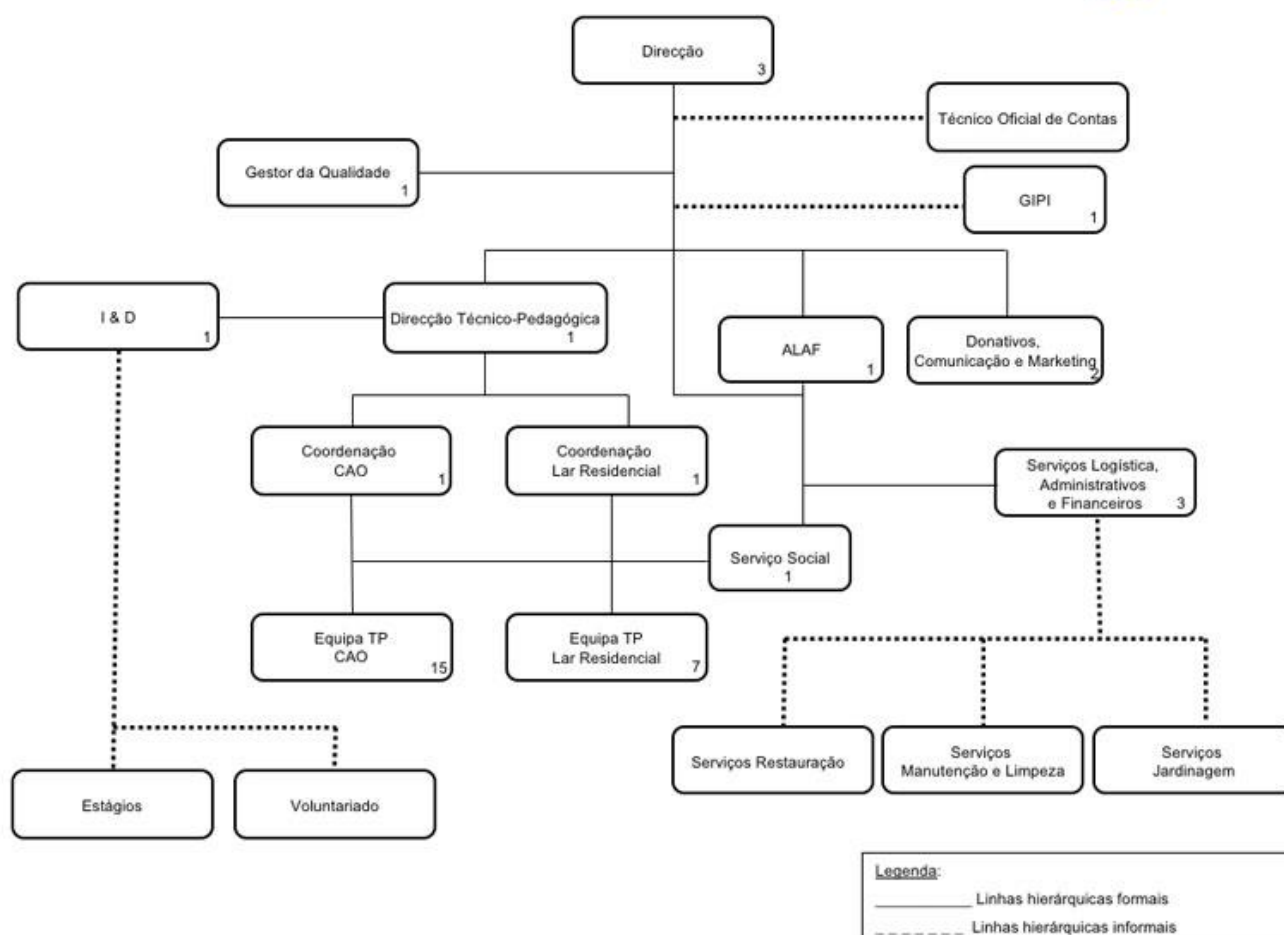
UNICEF. (2011) Situação Mundial da Infância 2011 - Adolescência: Uma fase de oportunidades. Consultado a 07 de janeiro de 2019 de https://www.unicef.org/sowc2011/pdfs/SOWC-2011-Main-Report_EN_02092011.pdf

Werder, J.K. & Bruininks, R.H. (1988). *Body Skills: a motor development curriculum for children*. American Guidance Service.

World Health Organization. (1997). Measuring Quality of Life – The World Health Organization Quality of Life Instruments. *Division of Mental Health and Prevention of Substance Abuse*.

Anexos

Anexo A - Organograma da Associação Qe



Anexo B - Escala de Avaliação do Grupo de PM

Domínio	Item		Critério de Êxito
Motricidade Global	Coordenação Oculo manual	<p><u>Lançamentos:</u></p> <p>a) Lançar uma bola para dentro de um arco. É dada a oportunidade de realizar 1 ensaio e, posteriormente, 3 tentativas.</p> <p>b) Lançar uma bola para dentro de um cesto. É dado 1 ensaios e, posteriormente, 3 tentativas.</p> <p>O cliente deve escolher a mão preferencial em ambas as situações. É dada a possibilidade de um ensaio em cada alínea.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora, (Fonseca, 2010)</p>	<p>0. Não realiza o movimento de lançamento;</p> <p>1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso;</p> <p>2. Acerta uma vez com sucesso;</p> <p>3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso.</p>
	Agilidade	<p><u>Zig-zag:</u></p> <p>Andar por entre 4 cones (a uma distância de 1 metro entre eles), em 8 (zig-zag), e regressar à posição inicial, sem tocar nos cones, tendo de contornar um total de 8 cones. São permitidas 3 tentativas para alcançar o sucesso.</p> <p>O observador deve dar instrução verbal e realizar uma demonstração primeiro.</p>	<p>0. Não contorna nenhum cone;</p> <p>1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/verbal.</p>

		Adaptado do Body Skills, (Bruininks, 2005)	<p>2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades;</p> <p>3. Contorna todos os cones.</p>
Motricidade Fina	<p><u>Tipo de Pega:</u></p> <p>É colocada uma moeda de 1 euro em cima da mesa que o cliente deve agarrar com dois dedos (pega em pinça). O observador deve demonstrar primeiramente. É dada uma oportunidade de ensaio.</p> <p>Adaptado do Exame Gerontopsicomotor, (Morais, Fiúza, Santos & Lebre, 2011)</p>		<p>0. Não agarra a moeda</p> <p>1. Não realiza a preensão em pinça perfeita</p> <p>2. Arrasta a moeda e depois realiza a preensão em pinça perfeita</p> <p>3. Efetua a preensão em pinça perfeita (polegar e indicador)</p>
	<p><u>Imitar formas:</u></p> <p>O observador mostra formas, desenhadas em papel, que o cliente terá de reproduzir numa folha com marcadores.</p> <p>As formas apresentadas são: linha vertical, linha horizontal, círculo, duas linhas perpendiculares (em sinal de +), linha oblíqua com inclinação para a esquerda, quadrado, linha oblíqua com inclinação para a direita, duas linhas perpendiculares (em forma de x) e, triângulo.</p> <p>(Adaptado do teste de desenvolvimento da integração visuo-motora - VMI)</p>		<p>0. Não desenha corretamente nenhuma forma;</p> <p>1. Desenha corretamente entre 1 e 3 formas;</p> <p>2. Desenha corretamente 4 a 6 formas;</p> <p>3. Desenha corretamente 7 a 9 formas.</p>

Estruturação Espaciotemporal	Noção de Espaço	<p><u>Orientação do próprio corpo:</u></p> <p>Colocar um objeto em diferentes posições relativamente ao seu próprio corpo.</p> <p>As posições serão: direita/esquerda; cima/baixo; frente/trás</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Identifica 1 das posições;</p> <p>1. Identifica 2 a 3 das posições;</p> <p>2. Identifica 4 a 5 das posições;</p> <p>3. Identifica todas as posições</p>
		<p><u>Orientação no objeto:</u></p> <p>Colocar um objeto em diferentes posições relativamente a uma cadeira.</p> <p>As posições serão: direita/esquerda; cima/baixo; frente/trás</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Identifica 1 das posições;</p> <p>1. Identifica 2 a 3 das posições;</p> <p>2. Identifica 4 a 5 das posições;</p> <p>3. Identifica todas as posições</p>

Noção de tempo	<p><u>Contextualização temporal:</u></p> <p>Referir verbalmente a data do próprio dia.</p> <p>Se necessário, o observador poderá elaborar perguntas mais simples e diretas, tais como “em que ano estamos?”, “em que mês estamos”, etc., para uma maior compreensão do cliente.</p> <p>Adaptado do Exame Gerontopsicomotor, (Morais, Fiúza, Santos & Lebre, 2011)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não sabe a data 1. Sabe o mês, mas não o dia 2. Sabe o dia, mas não o mês 3. Sabe a data completa
Sequência de Acontecimentos	<p><u>Sequência de acontecimentos:</u></p> <p>Ordenar uma sequência de acontecimentos, utilizando imagens referentes ao mesmo. Estas devem ser organizadas por ordem cronológica.</p> <p>(Adaptado do Exame Gerontopsicomotor)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não coloca os cartões na posição correta; 1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal; 3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.

<p>Memória</p>	<p>Memória Visual</p>	<p><u>Memorização de imagens:</u></p> <p>São mostrados 3 cartões com imagens, estando estas disponíveis durante 10 segundos. Devem ser memorizadas o máximo de imagens possíveis. Serão feitos grupos com 3 imagens cada, utilizando sempre a imagem correta e mais duas que mostrem um objeto parecido, onde vão ser alteradas as cores, por exemplo. Deve ser identificada a imagem visualizada inicialmente.</p> <p>As imagens a mostrar poderão ser: uma flôr (azul), um animal (porco), uma peça vestuário (saia)</p> <p>Adaptado do Exame Gerontopsicomotor, (Morais, Fiúza, Santos & Lebre, 2011)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não reconhece nenhuma das imagens; 1. Reconhece 1 imagem; 2. Reconhece 2 imagem 3. Reconhece as 3 imagens
-----------------------	------------------------------	---	---

Linguagem e Comunicação	Expressão	<p><u>Transmissão de ideias e pensamentos aos colegas e técnicos:</u></p> <p>A cotação deste item deve ter por base as verbalizações realizadas pelo cliente ao longo da aplicação do teste. De forma a obter uma avaliação menos subjetiva, o observador pode realizar uma pergunta final, tal como “o que achaste das atividades que fizeste hoje?” ou “gostaste das atividades de hoje?”</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação; 1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender; 2. Apresente discurso coerente, mas não fluente; 3. Apresenta discurso coerente e fluente
	Compreensão	<p><u>Compreensão das instruções/pedidos dos colegas e técnicos:</u></p> <p>A cotação deste item deve ser realizada de acordo com os comportamentos e dificuldades demonstradas pelo cliente ao longo da aplicação do teste.</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não compreende instruções/pedidos; 1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais); 3. Compreende facilmente

Anexo C - Planos de Sessão de Avaliação do Grupo de PM

Domínio	Item	Procedimentos	Material	Tempo	Estratégias
Motricidade Global	Coordenação-oculo manual	É pedido ao cliente que lance uma bola para dentro de um arco e posteriormente, que lance para dentro do cesto.	Bola; arco; cesto	15m	Feedback positivo; Possibilidade de demonstração; Possibilidade de aproximar o alvo.
	Agilidade	É solicitado ao cliente que ande por entre 4 cones em 8 zig-zag, e que depois regresse à posição inicial, sem tocar nos cones.	4 Pinos	10m	Feedback positivo; Possibilidade de demonstração.
Motricidade Fina	Tipo de pega	É solicitado ao cliente que agarre a moeda com dois dedos.	Moeda 1€; mesa	10m	Feedback positivo; Possibilidade de demonstração.
	Imitar formas	É pedido ao cliente que reproduza as formas demonstradas na folha de papel.	Folha branca; folha com formas; marcadores; mesa	15m	Feedback positivo; Possibilidade de demonstração.
Estruturação do Espaço tem poral	Noção de Tempo	É perguntado ao cliente a data do próprio dia.		10m	Feedback positivo; Possibilidade de simplificação da pergunta por partes.

	Noção de Espaço	É pedido ao cliente que coloque um cubo de madeira em diferentes posições relativamente a outros objetos e a si próprio.	Cubo de madeira	20 min	Feedback positivo; Possibilidade de pistas verbais; Possibilidade de apoio físico.
Memória	Visual	E pedido ao cliente que memorize as imagens mostradas, e posteriormente as identifique num conjunto de imagens.	Cartões com imagens	15m	Feedback positivo; Possibilidade de redução do número de imagens.
Linguagem e comunicação	Expressão	Este item deve ser observado durante a sessão, mas caso existam dúvidas pode ser perguntado o que o cliente achou das atividades que realizou.			
	Compreensão	Este item deve ser observado durante a sessão.			

Anexo D - Resultados de Avaliação Inicial do Grupo de PM

- Domínio: Motricidade Global

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Coordenação Oculo Manual – Lançamentos a)			
0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;	T	2	
	A	1	
	Af	3	Acerta 3 vezes.
	S	2	
	F	2	
	D	0	Apenas larga a bola para o chão. Não faz movimento de lançamento.
	CD	1	
	C	3	Acerta 2 vezes.
Coordenação Oculo Manual – Lançamentos b)			
0. Não realiza o movimento de lançamento; 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso; 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso.	T	1	Apesar de executar o movimento motor de forma correta não cumpre o objetivo.
	A	3	Acerta 2 vezes.
	Af	3	Acerta 2 vezes com sucesso.
	S	3	Acerta 2 vezes. Lança com a mão esquerda.

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
	F	3	Acerta 2 vezes.
	D	0	Não executa o movimento corretamente, não dirigindo sequer o olhar para os objetos.
	CD	2	
	C	3	Acerta 2 vezes.
Agilidade – zig-zag			
0. Não contorna nenhum cone; 1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/verbal. 2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades; 3. Contorna todos os cones.	T	1	Ajuda física bastante acentuada (Eu e a TSEER Rita C).
	A	3	
	Af	3	
	S	1	Não compreende o objetivo da tarefa, sendo necessário guiá-lo.
	F	3	
	D	0	Não contorna os pinos, faz caminho em linha reta.
	CD	2	
	C	1	Contorna dois pinos, restante percurso é feito em linha reta

- Domínio: Motricidade Fina

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Tipo de pega			
0. Não agarra a moeda 1. Não realiza a preensão em pinça perfeita 2. Arrasta a moeda e depois realiza a preensão em pinça perfeita 3. Efetua a preensão em pinça perfeita (polegar e indicador)	T	2	
	A	1	Mão em garra. Apanha moeda com 3 dedos.
	Af	3	
	S	3	
	F	3	
	D	1	Mão em garra. Apanha moeda com 3 dedos.
	CD	3	
	C	1	Desliza a moeda até ao polegar para depois a apanhar, ajudando com terceiro dedo
Imitar formas			
0. Não desenha corretamente nenhuma forma; 1. Desenha corretamente entre 1 e 3 formas; 2. Desenha corretamente 4 a 6 formas; 3. Desenha corretamente 7 a 9 formas.	T	3	Acerta todas as formas.
	A	3	Não cruza as formas no local correto, e.g., no símbolo +
	Af	3	Errou duas. X - +; Δ - ○
	S	1	Acertou 2, ○ e
	F	3	Acerta todas. Melhorar Δ, + e \

	D	0	Não sabe agarrar o lápis. Não percebe a sua funcionalidade.
	CD	1	Acertou uma, ○.
	C	1	Realizou apenas 4 e acertou 1, a forma X.

- Domínio: EET

	Nome	Pontos	Observações
Noção de Espaço - Orientação do próprio corpo:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	T	3	Acerta todas.
	A	3	Acerta todas.
	Af	1	Troca direita e esquerda.
	S	0	Identifica “em cima”.
	F	2	Não identifica “atrás”.
	D	0	Não compreende sentido da atividade. Vai alternando a peça, de forma aleatória, quando lhe é pedida uma posição.
	CD	3	
	C	2	Acerta “cima”, “baixo”, “trás” e “frente”
Noção de Espaço - Orientação no objeto:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições;	T	3	Acerta todas
	A	3	Acerta todas
	Af	1	Acerta “cima”, “baixo”

3. Identifica todas as posições	S	1	Acerta “cima”, “baixo”
	F	2	Acerta “cima”, “baixo”, “frente”, “trás”
	D	1	Acerta “cima”, “baixo”. Restantes posições coloca no meio da cadeira.
	CD	3	Acerta todas
	C	1	Acerta “cima”, “baixo”. Restantes posições coloca objeto em locais aleatórios quando lhe é pedida uma posição.
Noção de Tempo - Contextualização temporal			
0. Não sabe a data 1. Sabe o mês, mas não o dia 2. Sabe o dia, mas não o mês 3. Sabe a data completa			
	T	3	Reconhece a data completa.
	A	3	Reconhece a data completa.
	Af	0	Não identifica nenhum dos conceitos.
	S	0	Não identifica nenhum dos conceitos.
	F	1	Reconhece o dia da semana.
	D	0	Não identifica nenhum dos conceitos.
	CD	3	Reconhece a data completa.
	C	0	Confusão entre mês e ano, e.g., ano – janeiro e mês – 2018. Não sabia dia da semana nem do mês.

Sequência de Acontecimentos			
4. Não coloca os cartões na posição correta; 5. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 6. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal; 7. Ordena todos os cartões de forma autónoma.	T	3	
	A	3	
	Af	2	Erra 2 imagens. 1ª, 2ª, 4ª e 3ª
	S	2	Erra 3 imagens. Coloca 1ª, 4ª, 2ª e 3ª
	F	2	Troca 2 imagens. 1ª, 3ª, 2ª, 4ª
	D	0	Não percebe o funcionamento do jogo nem o significado das imagens.
	CD	2	Acerta todas as imagens. Necessário feedback e pistas verbais
	C	2	Ordena 2ª, 3ª, 4ª, deixando a 1ª de fora. No final percebe que falta uma imagem e coloca-a em 1ª.

- Domínio: Memória

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens; 1. Reconhece 1 imagem; 2. Reconhece 2 imagem 3. Reconhece as 3 imagens	T	3	Acerta todas com facilidade.
	A	3	Acerta todas com facilidade.
	Af	3	Acerta todas, havendo hesitação no grupo das flores.
	S	3	Acerta todas com algumas hesitações, havendo necessidade de pistas auditivas
	F	1	Acerta peça vestuário. Erra a flôr (escolhe a roxa) e o animal (escolhe abelhas).
	D	0	Não acerta nenhuma. Aponta para imagem mais perto de si em todas as vezes.
	CD	3	Acerta todas, com algumas hesitações.
	C	1	Acerta uma, animal.

- **Domínio: Linguagem e Comunicação**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
4. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação;	T	3	Tem apenas um discurso lento.
	A	3	Dificuldade na articulação de palavras.
5. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender;	Af	3	Dificuldade na articulação de palavras.
	S	1	Palavras ditas “opa”, “fogo”.
6. Apresente discurso coerente, mas não fluente;	F	3	
	D	1	Palavras ditas “mãe”, “pai”.
7. Apresenta discurso coerente e fluente	CD	1	Utiliza gestos para se fazer entender, sendo coerente e comunica fluentemente.
	C	3	Mas repetitivo
Compreensão			
4. Não compreende instruções/pedidos;	T	3	
	A	3	
5. Compreende com recurso a apoio parcial;	Af	3	
	S	2	É necessária alguma repetição e, por vezes, auxiliar com demonstração, quando se trata de informações mais específicas.
6. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais);			
7. Compreende facilmente			

	F	3	
	D	1	É necessário mostrar e exemplificar o que deve fazer.
	CD	3	
	C	2	É necessário explicar de diversas formas, adaptando o discurso de forma repartida para que entenda por partes a tarefa.

Anexo E - Resultados de Avaliação Final do Grupo de PM

- Domínio: Motricidade Global

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Coordenação Oculo Manual – Lançamentos a)			
0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;	T	3	Acerta 2 vezes. Mão direita. Lançamento por baixo.
	A	1	Falha de todas as tentativas. Lançamento por cima. Dificuldade na pega (garra)
	Af	3	Acerta 2 vezes. Lançamento por baixo. Mão direita.
	S	2	Mão esquerda. Lançamento por baixo.
	F	2	Lançamento por baixo. Mão direita.
	D	0	Coloca a bola no chão.
	CD	3	Acerta 3 vezes. Mão esquerda. Lança por baixo
	C	2	acerta 1 vez. Lança por baixo. Mão direita. Lança a bola muito para cima fazendo com que passe por cima do arco, caindo longe.
Coordenação Oculo Manual – Lançamentos b)			
0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso;	T	3	Acerta 3 vezes. Mão direita. Lançamento por baixo.
	A	3	Acerta 2 vezes. Lançamento por cima. Dificuldade na pega (garra)
	Af	3	Acerta 2 vezes. Lançamento por baixo. Mão direita.
	S	2	Mão esquerda. Lançamento por baixo.

3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;	F	3	Acerta 2 vezes. Lançamento por baixo. Mão direita.
	D	0	Coloca a bola no chão.
	CD	3	Acerta 2 vezes. Mão esquerda. Lança por baixo
	C	3	Acerta 2 vezes. Lança por baixo. Mão direita.
Agilidade – zig-zag			
0. Não contorna nenhum cone; 1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/ verbal. 2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades; 3. Contorna todos os cones. Houve necessidade de demonstração para todos os alunos!	T	1	Contorna apenas o 1º pino, faz o resto do percurso a direito. Apoio físico completo com autonomia para decidir o caminho que quer fazer através de informação verbal e movimentos corporais.
	A	3	Apresenta apenas um pequeno desequilíbrio.
	Af	3	
	S	1	Contorna 2 pinos, faz o resto do percurso a direito.
	F	3	
	D	0	Faz linha a direito, passando no meio dos pinos, até chegar ao outro lado.
	CD	3	
	C	1	Contorna 2 pinos. O resto do percurso é feito a direito.

- **Domínio: Motricidade Fina**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Tipo de pega			
0. Não agarra a moeda 1. Não realiza a preensão em pinça perfeita 2. Arrasta a moeda e depois realiza a preensão em pinça perfeita 3. Efetua a preensão em pinça perfeita (polegar e indicador)	T	2	
	A	1	Preensão em garra
	Af	3	
	S	3	
	F	3	
	D	1	Ajuda com o terceiro dedo.
	CD	3	
	C	1	Desliza a moeda da superfície até a ter na mão
Imitar formas			
0. Não desenha corretamente nenhuma forma; 1. Desenha corretamente entre 1 e 3 formas;	T	3	Acerta todas.
	A	3	Acerta 8. Erra: + faz X

<p>2. Desenha corretamente 4 a 6 formas;</p> <p>3. Desenha corretamente 7 a 9 formas.</p>	Af	2	<p>Acerta 5.</p> <p>Erra:</p> <p>/ faz –</p> <p>X faz +</p> <p>Retângulo faz Quadrado</p> <p>Triângulo faz quadrado com um bico em cima</p>
	S	1	<p>Acerta 2 – O e I</p> <p>Nos restantes faz uma espécie de forma oval ou duas linhas paralelas</p>
	F	2	<p>Acerta 6 formas.</p> <p>Erra:</p> <p>/ faz \</p> <p>Triângulo faz quadrado com bico (entende o objetivo mas não consegue efetuar os traços)</p> <p>- faz \</p>
	D	0	Não sabe fazer a pega de um lápis. Não vira o bico para a folha.
	CD	0	A forma de O é o mais parecido que representa. Nos restantes faz uma forma sempre igual, parecido com um P invertido.
	C	-	

- Domínio: EET

	Nome	Pontos	Observações
Noção de Espaço - Orientação do próprio corpo:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	T	3	
	A	3	
	Af	1	Erra: Atras – lado Direita – Esquerda Esquerda - Direita
	S	2	Acerta 4. Confundo direita e esquerda
	F	3	
	D	1	Acerta em “cima” e em “baixo”
	CD	3	
	C	1	Acerta “em cima” e “em baixo”
Noção de Espaço - Orientação no objeto:			
0. Identifica 1 das posições;	T	3	

1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	A	2	Erra: Direita – Esquerda Esquerda – Direita Mostra algumas hesitações na posição “frente”
	Af	2	Erra: Direita – Esquerda Esquerda – Direita e Meio
	S	2	Erra: Frente – Cima e Meio
	F	3	Algumas hesitações na diferença entre “direita” e “esquerda”
	D	1	Acerta “em cima”
	CD	1	Erra: Frente – Cima e meio Direita – Esquerda Esquerda - Direita
	C	1	Acerta “em cima”
Noção de Tempo - Contextualização temporal			
0. Não sabe a data			

1. Sabe o mês, mas não o dia 2. Sabe o dia, mas não o mês 3. Sabe a data completa	T	1	Apresentava-se um pouco confuso, dizendo até que não sabia em que ano estamos. Não é normal no Tomás pois no decorrer das sessões sempre identificou corretamente a data.
	A	2	Sabe o ano, o dia da semana, o dia do mês, mas não identifica o mês
	Af	0	Diz dias e meses de forma aleatória
	S	0	
	F	1	Identifica o ano e o mês mas não sabe em que dia da semana nem o dia do mês
	D	0	
	CD	3	
	C	1	Sabe o mês, mas não o ano, nem o dia
Sequência de Acontecimentos			
0. Não coloca os cartões na posição correta; 1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal;	T	3	Troca 2ª e 3ª imagem, mas repara no erro sozinho e corrige
	A	3	

3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.	Af	3	Precisa de ser questionado sobre o que está a acontecer em cada imagem por forma a associar o que deve fazer
	S	2	Precisa de reforço verbal por forma a entender as imagens. Passa da 2ª para a 4ª imagem mas, sendo questionado coloca a 3ª imagem no local certo.
	F	2	Precisa de reforço verbal para entender qual o objetivo da tarefa. Foi necessário analisar as imagens uma a uma para que entendesse como deveria organizá-las.
	D	0	Mexe nas imagens de forma aleatória.
	CD	3	
	C	0	

- **Domínio: Memória**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens; 1. Reconhece 1 imagem; 2. Reconhece 2 imagem 3. Reconhece as 3 imagens	T	3	
	A	3	
	Af	3	
	S	2	Erra a imagem da “flôr azul”, apontando para todas as imagens.
	F	2	Erra a imagem da “flôr azul”, alega não se lembrar
	D	0	Aponta para todas
	CD	3	
	C	-	

- **Domínio: Linguagem e Comunicação**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação;	T	3	Apresenta apenas um discurso lento. Utiliza também palavras em Inglês em forma de brincadeira (e.g. all right)
1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender;	A	3	Dificuldade na articulação de algumas palavras.
	Af	3	Dificuldade na articulação de palavras. Difícil para o outro compreender
2. Apresente discurso coerente, mas não fluente;	S	1	Palavras soltas “opa”, “fogo”, “não, não”
	F	3	
3. Apresenta discurso coerente e fluente	D	1	Palavras ditas “mãe”, “pai”.
	CD	1	Sistema de comunicação alternativa MAKATON. Muitas vezes são dadas opções como “sim” e “não” para cada uma das mãos e ela escolhe a opção que quer. Utiliza gestos de arranja estratégias para se fazer entender.
	C	3	Discurso repetitivo. Pouco abrangente.
Compreensão			
0. Não compreende instruções/pedidos;	T	3	
	A	3	

1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais); 3. Compreende facilmente	Af	3	
	S	2	É necessária alguma repetição e, por vezes, mostrar o que deve fazer.
	F	3	
	D	1	É necessário mostrar e exemplificar o que deve fazer.
	CD	3	
	C	2	É necessário dar instruções claras e curtas por forma a que o C não se perca na informação.

Anexo F - Escala de Avaliação do Grupo de Orientação

Domínio		Item	Critério de Êxito
Noção de Corpo	No próprio	<p><u>Reconhecimento de segmentos do próprio corpo:</u></p> <p>É solicitado ao cliente para identificar, apontando/tocando no seu próprio corpo, as diferentes partes do corpo referidas pelo observador.</p> <p>Se necessário, o observador poderá realizar uma demonstração, tocando para tal nas partes do corpo do cliente ou realizando a atividade em si próprio, para uma melhor compreensão da instrução.</p> <p>As partes do corpo a ser solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés.</p> <p>(Adaptado da Bateria Psicomotora e Exame Gerontopsicomotor)</p>	<p>0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial;</p> <p>1. Identifica entre 4 e 7 partes do corpo com ajuda verbal;</p> <p>2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal;</p> <p>3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.</p>

	No outro	<p><u>Reconhecimento de segmentos no corpo do outro:</u></p> <p>É solicitado ao cliente que identifique, apontando/tocando no corpo de outra pessoa, as diferentes partes do corpo verbalizadas pelo observador.</p> <p>Se necessário, a estagiária poderá realizar uma demonstração, tocando para tal nas partes do corpo do cliente ou realizando a atividade em si própria, para uma melhor compreensão da instrução.</p> <p>As partes do corpo a ser solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés</p> <p>(Adaptado da Bateria Psicomotora e Exame Gerontopsicomotor)</p>	<p>0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial;</p> <p>1. Identifica entre 4 e 7 partes do corpo com ajuda verbal;</p> <p>2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal;</p> <p>3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.</p>
--	-----------------	---	---

Estruturação Espaciotemporal	Noção de Espaço	<p><u>Representação topográfica:</u></p> <p>É fornecida uma folha que tem espaços (4) para colar fotografias de locais/objetos do Espaço Movimento. É depois dada a instrução dos locais aos quais o utente se deve dirigir, sendo que em cada um desses locais se encontra uma fotografia que deve recolher e colar na folha. Estas devem estar por ordem e, no final, será pedido ao utente que se relembre dos sítios por onde teve de passar.</p> <p>Exemplo de trajeto: quadro de cortiça; porta azul; porta de entrada; janela grande.</p> <p>(Adaptado da Bateria Psicomotora)</p>	<p>0. O cliente não realiza a trajetória;</p> <p>1. O cliente realiza a trajetória com frequentes hesitações, interrupções, desorientações angulares, desproporções espaciais e direcionais óbvias;</p> <p>2. O cliente realiza a trajetória adequadamente, com algumas hesitações, interrupções ou desorientações direcionais;</p> <p>3. O cliente realiza a trajetória de forma perfeita e bem orientada, sem manifestar qualquer hesitação ou desorientação espacial, evidenciando uma interiorização espacial excelente.</p>
-------------------------------------	------------------------	--	--

		<p><u>Reconhecimento/Identificação de locais:</u></p> <p>Serão mostradas fotografias do espaço Qe aos utentes, com a indicação de que terão de se deslocar entre dois pontos, e.g., do Cozinh'arte até às residências. Os utentes devem, primeiramente, identificar os locais verbalmente. Após isto é fornecido o mapa da instituição onde deverão traçar o percurso que liga os dois pontos de referência dados inicialmente.</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Não identifica os pontos verbalmente nem executa o traçado no mapa;</p> <p>1. Identifica verbalmente os pontos, mas não executa o traçado no mapa;</p> <p>2. Identifica verbalmente sem ajuda, mas efetua o traçado no mapa com apoio parcial;</p> <p>3. Identifica o percurso verbalmente e faz o traçado no mapa sem ajuda</p>
		<p><u>Orientação no próprio corpo:</u></p> <p>É dado um cubo de madeira ao utente e solicita-se que este o coloque em diferentes posições relativamente ao seu próprio corpo.</p> <p>As posições serão: direita/esquerda; cima/baixo; frente/trás</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Identifica 1 das posições;</p> <p>1. Identifica 2 a 3 das posições;</p> <p>2. Identifica 4 a 5 das posições;</p> <p>3. Identifica todas as posições</p>

		<p><u>Orientação no objeto:</u></p> <p>É dado um cubo de madeira ao utente e solicita-se que este o coloque em diferentes posições em relação a uma cadeira.</p> <p>As posições serão: direita/esquerda; cima/baixo; frente/trás</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Identifica 1 das posições;</p> <p>1. Identifica 2 a 3 das posições;</p> <p>2. Identifica 4 a 5 das posições;</p> <p>3. Identifica todas as posições</p>
	Sequência de Acontecimentos	<p><u>Sequência de acontecimentos:</u></p> <p>São dados ao cliente fotografias do espaço Qe que serão utilizadas para que o utente contrua o percurso pelo qual passará para chegar a determinada local da instituição. A fotografias deverão ser assim colocadas pela ordem correta de passagem, tendo um ponto de partida e de chegada.</p> <p>Exemplo: Partir da receção e chegar às residências.</p> <p>(Adaptado do Exame Gerontopsicomotor)</p>	<p>0. Não coloca os cartões na posição correta;</p> <p>1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais;</p> <p>2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal;</p> <p>3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.</p>

Memória	Memória Visual	<p><u>Memorização de imagens:</u></p> <p>O observador mostra imagens referentes a espaços da Qe (3), ficando estas disponíveis durante 10 segundos. Posteriormente, serão acrescentadas mais 3 imagens ao acaso e o utente deve identificar quais as imagens visualizadas inicialmente.</p> <p>(Adaptado do Exame Gerontopsicomotor)</p>	<p>0. Não reconhece nenhuma das imagens ou 1 com ajuda parcial;</p> <p>1. Reconhece 2 imagem;</p> <p>2. Reconhece 3 imagens;</p> <p>3. Reconhece todas as imagens</p>
	Memória Auditiva	<p><u>Memorização de palavras:</u></p> <p>O observador verbaliza uma sequência de 4 palavras, com um intervalo de 2 segundos entre cada. Quando solicitado (aproximadamente 2 segundos depois), o cliente deve reproduzir verbalmente a sequência de palavras.</p> <p>A palavras são: Direita; subir; frente; virar</p> <p>(Adaptado do Exame Gerontopsicomotor)</p>	<p>0. Não identifica nenhum palavra ou identifica 1 com apoio parcial;</p> <p>1. Identifica 2 a 3 palavras com ajuda verbal;</p> <p>2. Identifica 2 a 3 palavras sem ajuda verbal;</p> <p>3. Identifica todas as palavras sem ajuda</p>

Linguagem e Comunicação	Expressão	<p><u>Transmissão de ideias e pensamentos aos colegas e técnicos:</u></p> <p>A cotação deste item deve ter por base as verbalizações realizadas pelo cliente ao longo da aplicação do teste. De forma a obter uma avaliação menos subjetiva, o observador pode realizar uma pergunta final, tal como “o que achaste das atividades que fizeste hoje?” ou “gostaste das atividades de hoje?”</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação;</p> <p>1. não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender;</p> <p>2. apresenta discurso coerente, mas não fluente;</p> <p>3. apresenta discurso coerente e fluente</p>
	Compreensão	<p><u>Compreensão das instruções/pedidos dos colegas e técnicos:</u></p> <p>A cotação deste item deve ser realizada de acordo com os comportamentos e dificuldades demonstradas pelo cliente ao longo da aplicação do teste.</p> <p>(Sugestão das estagiárias)</p>	<p>0. não compreende instruções/pedidos;</p> <p>1. compreende com recurso a apoio parcial;</p> <p>2. compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais);</p> <p>3. compreende facilmente</p>

Anexo G - Planos de Sessão de Avaliação do Grupo de Orientação

Domínio	Item	Procedimentos	Material	Tempo	Estratégias
Noção de Corpo	No próprio	É solicitado ao cliente para identificar, apontando/tocando no seu próprio corpo, as diferentes partes do corpo referidas pelo observador. As partes solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés.		10m	Feedback positivo; Possibilidade de realizar demonstração.
	No outro	É solicitado ao cliente que identifique, apontando/tocando no corpo de outra pessoa, as diferentes partes do corpo verbalizadas pelo observador. As partes solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés.	Caso necessário pode ser utilizada a folha de imagens disponibilizada em Anexo A	10m	Feedback positivo; Possibilidade de realizar demonstração.

Estruturação Espaciotemporal	Noção de Espaço	<ul style="list-style-type: none"> • É solicitado ao cliente que se dirija a 4 locais do Espaço Movimento pela ordem solicitada e que recolha as fotografias desse mesmo espaço, as quais deve colar numa folha previamente dada, pela ordem correta. No final é solicitado que o cliente evoque os sítios por onde passou. • É solicitado ao cliente que identifiquem os locais mostrados por duas imagens e de seguida realizem o percurso entre estes dois locais. Finalmente é pedido que tracem o percurso no mapa da instituição. • Solicita-se ao cliente que coloque um cubo de madeira em diferentes posições relativamente ao seu próprio corpo: direita/ esquerda, cima/baixo e frente/trás; • Solicita-se ao cliente que coloque um cubo de madeira em diferentes 	<p>Folha e imagens disponibilizadas em Anexo B;</p> <p>Imagens da Qe disponibilizadas em Anexo C e Mapa da instituição em Anexo D;</p> <p>Cubo de Madeira</p>	40m	<p>Feedback positivo;</p> <p>Possibilidade de pistas verbais;</p> <p>Possibilidade de apoio físico.</p>
------------------------------	-----------------	---	---	-----	---

Memória		posições em relação a uma cadeira: direita/ esquerda, cima/baixo e frente/trás; •	Cubo de Madeira e cadeira		
	Sequência de acontecimentos	É solicitado ao cliente construa um percurso para chegar a determinado local da instituição, colocando as imagens, previamente fornecidas, pela ordem correta de passagem.	Imagens disponibilizadas em Anexo C	10m	Feedback positivo; Possibilidade de pistas verbais; Possibilidade de apoio físico parcial.
	Visual	E pedido ao cliente que memorize 3 imagens mostradas, durante 10 segundos, de seguida são mostradas 6 imagens e pede-se que o cliente identifique as imagens mostradas anteriormente.	Imagens disponibilizadas em Anexo C	15m	Feedback positivo; Possibilidade de redução do número de imagens.
	Auditiva	É solicitado ao cliente que memorize a sequência de 4 palavras que lhe serão ditas, e de seguida as reproduza verbalmente. As palavras são: direita; subir; frente e virar		10m	Feedback positivo.

Linguagem e comunicação	Expressão	Este item deve ser observado durante a sessão, mas caso existam dúvidas pode ser perguntado o que o cliente achou das atividades que realizou.			
	Compreensão	Este item deve ser observado durante a sessão.			

Anexo H - Resultados de Avaliação Inicial do Grupo de Orientação

- Domínio: Noção de Corpo

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
No próprio corpo			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 a 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.	A	0	Não faz
	C	0	Não faz
	F	2	Erra: indicador – mão Polegar – mão Umbigo – mamilo Calcanhares – cotovelo Tornozelos - pulso
	GH	2	Erra: ombros – cotovelo Cotovelos - não identifica Pulsos – mão Polegar – não identifica Calcanhares - não identifica
	GSC	1	Identifica 7 partes do corpo. Errou: ombros - não identifica Pernas – costas Joelhos – olho Os restantes não faz

	ELF	2	<u>Erradas:</u> Cotovelos – ombros Pulsos – tornozelos Testa – peito Queixo – ombro Indicador – costas Polegar – calcanhar Tornozelo – costas Calcanhar – braço
	M	3	Erradas: Testa – queixo Ombros – cotovelo Calcanhares - joelho
	MC	2	Erra: Cotovelos – ombros Pulsos – cotovelos Polegar – canela Pernas – pés Tornozelo – rabo Pés - joelhos
	S	2	Erra: Cotovelo – joelho Pulso - não identifica Indicador – não identifica Polegar – não identifica Umbigo – não identifica

			Calcanhar - não identifica Tornozelos - não identifica Acerta restantes.
	Sb	2	Erra: Ombros – cotovelo Polegar – dedos todos Calcanhar – joelho Tornozelos - joelho
No corpo do outro			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 a 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.	A	0	Não faz
	C	0	Não faz
	F	2	Erra: Ombros – pulso Cotovelos – braço Indicador – canela Polegar – canela Umbigo – mamilo Joelhos – perna Calcanhares – não identifica Tornozelos - perna
	GH	2	Errou: Pulsos - não identifica Indicador - não identifica Polegar – não identifica Calcanhares - não identifica

			Tornozelos - não identifica
	GSC	0	Não faz
	ELF	2	<u>Erradas:</u> Cotovelos – Tornozelos Pulsos – tornozelos Testa – peito Queixo – barriga Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Tornozelos – ombros Calcanhares - Pernas
	M	2	Erra: indicador – mão Ombro – cotovelo Joelho – perna Apenas indica os calcanhares após receber pistas.
	MC	2	Errou: Cotovelos – ombros Pulsos – cotovelos Polegar – mindinho Joelhos – pernas Tornozelos - pés
	S	1	Erra: Queixo - não identifica Braços - não identifica

			Cotovelos - não identifica Pulsos - não identifica Indicador - não identifica Polegar - não identifica Umbigo - não identifica Calcanhar - não identifica Tornozelo - não identifica
	Sb	2	Errou: Cotovelo – ombro Pulsos - não identifica Mãos – braço Polegar – outros dedos Calcanhares – perna Tornozelos - ombro

- Domínio: EET

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Representação topográfica			
<p>0. O cliente não realiza a trajetória;</p> <p>1. O cliente realiza a trajetória com frequentes hesitações, interrupções, desorientações angulares, desproporções espaciais e direcionais óbvias;</p> <p>2. O cliente realiza a trajetória adequadamente, com algumas hesitações, interrupções ou desorientações direcionais;</p> <p>3. O cliente realiza a trajetória de forma perfeita e bem orientada, sem manifestar qualquer hesitação ou desorientação espacial, evidenciando uma interiorização espacial excelente.</p>	M	1	Demonstra algumas hesitações, necessidade de pistas verbais. Consegue encontrar os 4 locais, recolher as fotos. Na ordenação das fotos demonstra algumas dificuldades, necessitando de pistas verbais.
	ELF	1	Necessidade de repetir as instruções várias vezes. Demonstra hesitação e interrupções. Necessidade de muitas vistas verbais. Encontra os 4 locais e recolhe as fotos. Na ordenação das fotos faz por tentativa erro, procurando aprovação das técnicas pelo olhar.
	GH	0	Muitas hesitações, necessidade de indicações e pistas físicas. Necessidade de repetir as instruções, e de lembrar várias vezes o percurso. Na realização do percurso, necessidade de perguntar/ lembrar o que era a seguir. Grande distração e “brincadeira”. Na ordenação das fotos, coloca as primeiras fotos por tentativa erro, as duas últimas, colocando corretamente à primeira.
	MC	0	Necessidade de repetir diversas vezes o percurso. Presta muita atenção às instruções, mas desloca-se ao primeiro local e já não sabe os locais seguintes. Necessidade de constantes

			pistas verbais e relembrar os locais. Ao ordenar as fotografias coloca-as corretamente, mas com algumas pistas verbais.
	S	0	Muito distraído e pouco motivado. Necessidade de repetir várias vezes as instruções. Consegue realizar o percurso com muitas pistas verbais. Na última não se lembra, e mesmo dizendo o local “porta vermelha” confunde e desloca-se até à “porta azul”. Na ordenação existe a necessidade de dar 2 opções, não é claro se está a fazer por tentativa erro.
	A	0	Conforme lhe é dito o percurso vai apontando para os locais. Quando tem de realizar o percurso, levanta-se e não sabe para onde ir. Necessidade de relembrar constantemente os locais e mesmo de se apontar para os locais. Ao ordenar as fotos é necessário dar duas opções e mesmo assim fornecer muita ajuda.
	C	0	Foge pela sala, recusa-se a realizar o exercício. Ignora o que lhe é pedido. Estereotipias constantes.
	GSC	0	Necessidade de insistir bastante para realizar o exercício. Precisa que se relembre o percurso enquanto o realiza. Reconhece os locais, necessidade de muito apoio verbal e físico parcial. Muitas hesitações e interrupções.
	Sb		Falta
	F		Falta

Reconhecimento/Identificação de locais			
0. Não identifica os pontos verbalmente nem executa o traçado no mapa; 1. Identifica verbalmente os pontos, mas não executa o traçado no mapa; 2. Identifica verbalmente sem ajuda, mas efetua o traçado no mapa com apoio parcial; 3. Identifica o percurso verbalmente e faz o traçado no mapa sem ajuda	A	0	Não reconhece locais- Não executa o traçado.
	C	0	Não reconhece locais- Não executa o traçado.
	F	1	Localiza o espaço movimento com muita ajuda. Identifica o campo de futebol a primeira. Faz um traçado de um sítio ao outro, passando por cima de tudo. Com muitas pistas faz o traçado corretamente.
	GH	2	Identifica os locais com muito apoio verbal. Realiza o traçado com muitas hesitações.
	GSC	0	Não identifica os locais. Faz riscos aleatórios pelo mapa.
	ELF	2	Muitas hesitações; Ajuda verbal para identificar os locais.
	M	1	Identifica os locais com muita ajuda verbal e pistas visuais. Na primeira tentativa utiliza o traço já existente no mapa para se guiar. Para contornar isso é pedido que faça percurso com dedo e realiza corretamente.
	MC	2	Identifica os locais. Primeiro realiza um traço a direito a unir um ponto ao outro; na segunda tentativa faz traço, mas vai para um ponto diferente do que verbalizou.
	S	1	Identifica os locais com muita ajuda verbal e pistas visuais, mas não faz percurso. Faz linha a direito a unir pontos.
	Sb	0	Faz riscos ao longo do mapa

Orientação no próprio corpo			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	A	0	Não faz
	C	0	Aponta sempre para trás – não faz.
	F	1	“Em cima”, põe em cima do pé. “Em baixo” põe do outro lado. “Atrás” e “direita” não faz nada, mantém na mão esquerda.
	GH		Troca a direita e a esquerda.
	GSC	0	Não faz
	ELF	3	Identifica todas as posições no seu corpo.
	M	2	Quando lhe é pedido que ponha em “baixo”, põe no espaço existente entre os dois pés e quando lhe é pedido “frente” põe atrás. Consequentemente, depois de pedir o “trás” em seguida do “frente”, este põe na posição oposta, mas quando lhe é solicitado que ponha “atrás” isoladamente este acerta, pelo que este item foi contabilizado.
	MC	3	
	S	1	Acerta quando lhe é solicitado que ponha à direita, à esquerda e atrás, errando os restantes itens.
	Sb	0	Acerta no “baixo” com muita ajuda. Quando é pedido “direita” e “esquerda” isoladamente, faz referência e ambas as mãos.
Orientação no objeto			

0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	A	0	Não faz
	C	0	Não faz
	F		“Frente” e “atrás” põe em cima da cadeira.
	GH	2	Erra: Direita e esquerda (faz em relação ao seu corpo)
	GSC	0	Põe sempre em cima da cadeira
	ELF	3	Identifica todas as posições, mas houve alguma confusão relativamente à direita e esquerda do objeto. Não sei se tem totalmente a certeza ou se foi um pouco por acaso.
	M	2	Erra: Frente e trás (troca)
	MC	2	Erra: Direita e esquerda (faz em relação ao seu corpo)
	S	1	Erra: Direita e esquerda (põe mais à direita e mais à esquerda do assento da cadeira), frente e trás (continua a movimentar o cubo por cima do assento da cadeira e não em relação a esta).
	Sb	2	Erra: Direita e esquerda (faz em relação ao seu corpo)
Sequência de acontecimentos			
0. Não coloca os cartões na posição correta; 1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal;	A	0	Seleciona a fotografia correspondente às residências. Em seguida, são-lhe apresentadas duas opções de escolha do 1º caminho, mas só é capaz de escolher a correta depois de muita insistência e ajudas verbais. Seleciona corretamente a ordem das duas últimas fotografias, mesmo estas não sendo apresentadas do mesmo lado.

3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.	C	0	São-lhe apresentadas as opções duas a duas e ela seleciona o caminho pelo qual passa primeiro. Seleciona todas bem – primeiro seleciona sempre a do lado esquerdo e quando as imagens trocam, seleciona a correta na mesma. Quando se pergunta outra vez onde são as residências e o canil não acerta, não mostrando assim intencionalidade.
	F	1	Quando lhe é pedido para escolher a fotografia correspondente às residências só acerta à 2ª tentativa. Ordena todos os caminhos na ordem correta, embora com muita ajuda.
	GH	2	Ordena todos os cartões, necessitando apenas de algumas pistas verbais. Precisa de uma voz comando constante para realizar a tarefa.
	GSC	0	São-lhe apresentadas duas imagens de cada vez para selecionar. Escolhe sempre o que está mais perto.
	ELF	1	Foi capaz de ordenar o caminho corretamente depois de muita ajuda e várias tentativas. Na primeira tentativa apenas trocou a ordem de 2 cartões.
	M	1	Conseguiu ordenar corretamente as fotografias, depois de algumas tentativas e muitas pistas verbais.
	MC	1	Precisou que o exercício fosse explicado várias vezes, pois não mostrava compreender o que lhe era pedido. Depois de

			algumas tentativas e muita ajuda conseguiu ordenar corretamente os caminhos.
	S	1	Identifica corretamente a fotografia da residência. Ordena na ordem certa os dois primeiros caminhos, mas troca a ordem dos últimos dois, corrigindo posteriormente quando chamado à atenção, por tentativa-erro.
	Sb	0	Precisa de muita ajuda e pistas verbais. Faz várias tentativas de selecionar as imagens, mas parece não prestar atenção ao que está a fazer. Não selecionando nenhuma imagem na sequência correta.

- **Domínio: Memória**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens; 1. Reconhece 1 imagem; 2. Reconhece 2 imagem 3. Reconhece as 3 imagens	A	0	Aponta imagens aleatoriamente.
	C	0	Aponta imagens aleatoriamente.
	F		Faltou
	GH	0	Identifica imagens mais perto e depois aponta todas
	GSC	0	Aponta o mais perto
	ELF	3	
	M	3	
	MC	3	
	S	1	Aponta as imagens mais perto
	Sb	2	Erra: carrinho (aponta imagem mais perto e quando questionado aponta todas)
Memória auditiva – memorização de palavras			
0. Não relembra nenhuma das palavras; 1. Relembra 1 palavra; 2. Relembra 2 palavra; 3. Relembra as 3 palavras.	A	0	Representa algumas palavras através de movimentos logo após a estagiária, mas não reproduz a sequência.
	C	0	Recorreu-se ao tablet para reproduzir uma sequência de palavras, ajustadas aos contextos que conhece (e.g., espaço movimento, refeitório e

			WC) e pediu-se que a imitasse, mas apenas selecionou uma das palavras corretas, sendo ela “espaço movimento”. Ainda assim selecionou a palavra logo após esta ser dita pela estagiária, não ouvindo a sequência.
	F	1	Repete as palavras quando ditas lentamente pelas observadoras. Começa por “direita”, mas não completa a sequência. Necessitou de muitas pistas verbais e insistência.
	GH	2	Diz as primeiras duas palavras da sequência, mas não a completa, começando a divagar e a dizer palavras sem sentido. Repete todas as palavras quando verbalizadas pela observadora. Preciso de muita ajuda.
	GSC	0	Como o Gonçalo não verbaliza tentámos com gestos. Começa a imitar a estagiária, mas não reproduz autonomamente. O virar faz sozinho, os restantes troca. Precisa de muita ajuda verbal.
	ELF	3	Diz as primeiras duas palavras e a última, sem hesitações e sem precisar de qualquer ajuda.
	M	3	Repete uma palavra de cada vez a seguir à observadora, mas não reproduz a sequência.

			Depois de alguma insistência reproduz a sequência, mas faz uma pausa a seguir a cada palavra, à espera de aprovação. Precisa de pistas verbais. Acerta todas.
	MC	3	Diz a primeira palavra que houve. Depois de muita ajuda e insistência diz as 3 primeiras palavras da sequência, mas precisa de muitas pistas verbais.
	S	1	Apenas diz “subir”, mesmo com muita ajuda.
	Sb	2	Diz as últimas duas palavras da sequência sem hesitar e sem precisar de ajuda.

- Domínio: Linguagem e Comunicação

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação; 1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender; 2. Apresente discurso coerente, mas não fluente; 3. Apresenta discurso coerente e fluente	A	2	A A refere palavras ou pequenas frases de forma isolada. Responde a questões, mas não elabora um discurso.
	C	1	A C não apresenta discurso. Também a sua utilização dos gestos é um pouco debilitada, sendo difícil entender o que esta quer. Ainda assim, leva a pessoa ao local onde se encontra o que pretende. Tem um iPad para comunicação alternativa, mas este não é muito utilizado por ela.
	F	3	O F é apenas preguiçoso, não gostando de se expressar e de exprimir as suas vontades. É necessária muita insistência e, ainda assim, fala muito baixo.
	GH	3	O G apresenta algumas dificuldades na articulação das palavras, sendo necessário algum convívio com este para que se torne mais fácil entendê-lo. Ainda assim, é muito comunicativo, explicando tudo o que precisa de forma coerente.

	GSC	1	O GSN não tem discurso verbal. O uso dos seus gestos também não é muito explícito.
	ELF	3	Tem um discurso arrastado, muito lentificado, apresentando dificuldades de articulação das palavras. É muito expressivo, sendo fácil entendê-lo.
	M	1	Não apresenta discurso fluído, mostrando grandes dificuldades na articulação de palavras. É muito comunicativo e utiliza os gestos para se fazer entender de forma mais fácil. Apresenta ideias claras e coerentes.
	MC	2	Apresenta algumas dificuldades de articulação das palavras. É muito expressiva e comunicativa.
	S	1	Não apresenta discurso verbal. Diz apenas palavras soltas como “não”, “bom dia”. Recorre a gestos e consegue expressar as suas ideias desta forma.
	Sb	2	Tem dificuldades em articular as palavras, aliado a um discurso pouco coerente, restrito e aleatório.
Compreensão			
0. Não compreende instruções/pedidos;	A	3	

1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais); 3. Compreende facilmente	C	2	É necessário demonstra a tarefa pretendida, recorrendo aos materiais ou locais necessários de utilizar.
	F	3	
	GH	3	
	GSC	2	Precisa de um discurso claro e assertivo para que não se perca na quantidade de informação.
	ELF	3	
	M	3	
	MC	3	
	S	3	
	Sb	2	Como utiliza um discurso bastante restrito e básico é necessário utilizar conceitos claros e a demonstração.

Anexo I - Resultados de Avaliação Final do Grupo de Orientação

- Domínio: Noção de Corpo

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
No próprio corpo			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 a 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda. Todos os alunos tiveram pistas verbais em algum dos segmentos corporais.	A	1	Acerta: cabeça; queixo; braço; mãos; pernas; pés Restantes não identifica.
	C	0	Acerta: cabeça e mãos
	F		Faltou
	GH	2	Erra: ombros – cotovelos Indicador – dedos (apoio verbal) Polegar – dedos (apoio verbal) Calcanhar – pé Tornozelo - barriga
	GSC	1	Erra: ombros – olhos Cotovelos – olhos Pulsos – olhos Indicador – dedos Polegar – dedos Umbigo – barriga

			Joelhos; calcanhares; tornozelos – não identifica
	ELF	2	Erra: indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Tornozelo – sobancelhas Calcanhar – tornozelo
	M	3	Erra: polegar – dedos Calcanhar – tornozelo Tornozelo – não especifica O pulso é dado como pista verbal o relógio e acerta.
	MC	2	Erra: indicador – mindinho Polegar – aleatório (aponta para todos) Calcanhares – dedos dos pés Tornozelo – não identifica
	S	2	Erra: testa – não identifica Indicador – dedos Polegar – dedos Umbigo – orelha Calcanhar – tornozelo Tornozelo - pé
	Sb	2	Erra: Ombros – cotovelos

			Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Calcanhares - cotovelos
No corpo do outro			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 a 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda. Todos os alunos tiveram pistas verbais em algum dos segmentos corporais.	A		Não fez
	C		Não fez
	F		Faltou
	GH	2	Erra: ombros – não diz indicador – todos Polegar – todos Calcanhar – tornozelo
	GSC	1	Erra: ombros – não responde Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Joelhos – não diz Calcanhar – não diz Tornozelos – não diz
	ELF	2	Erra: queixo – parte de baixo do olho Indicador – todos Polegar – todos Tornozelo – sobrancelhas Calcanhar - tornozelo

	M	3	Erra: polegar – não diz Calcanhar - não diz Tornozelo – não diz
	MC	2	Erra: cotovelos – costas Indicador – mindinho Polegar – todos os dedos Calcanhar – canela Tornozelo - coxa
	S	2	Erra: testa – não diz Pulsos – braços Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Umbigo – orelha Calcanhar – tornozelo Tornozelo - pé
	Sb	2	Erra: ombros – cotovelos Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Calcanhar - cotovelo

- Domínio: EET

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Representação topográfica			
0. O cliente não realiza a trajetória; 1. O cliente realiza a trajetória com frequentes hesitações, interrupções, desorientações angulares, desproporções espaciais e direcionais óbvias; 2. O cliente realiza a trajetória adequadamente, com algumas hesitações, interrupções ou desorientações direcionais; 3. O cliente realiza a trajetória de forma perfeita e bem orientada, sem manifestar qualquer hesitação ou desorientação espacial, evidenciando uma interiorização espacial excelente.	M		Faltou
	ELF	2	Mostrou-se muito desconcentrado e precisou de muitas pistas verbais. Foi a todos os locais de forma ordenada. Na representação da sequência trocou as imagens (1ª;4ª;3ª2ª)
	GH	2	Não se dirige aos locais corretos e não forma uma sequência certa mesmo com esses locais.
	MC	2	Não fez a trajetória de forma coordenada com os locais que lhe foram ditos (1º local – 4º local – 3º local – 2º local). Quando ordenou trocou os dois últimos locais (1º;2º;4º;3ª). Utilização de pistas verbais.
	S	2	Não fixou a sequência. Foi corretamente apenas aos 1º 4º e 3º locais, mesmo não o fazendo por ordem. Muitas pistas verbais. Ao fazer a sequência com os cartões que recolheu ordenou também de forma incorreta (4ª;3ª;1ª)
	A	0	Não realiza a trajetória de forma autónoma, é necessário que algum técnico a acompanhe me todo o percurso para lhe dar pistas verbais e espaciais, assim como apoio físico parcial.

			Vai ao 2º; 1ª, 3ª e 4ª locais. Ordena a sequência pelo 2º, 1º, 4º, 3º locais
	C	0	Não realiza a trajetória de forma autônoma, é necessário que algum técnico a acompanhe em todo o percurso para lhe dar pistas verbais e espaciais, assim como apoio físico parcial. Ordena a sequência pelos 1º, 2º, 4º, 3º locais.
	GSC	1	Precisa de pistas e reforço verbal constante. Aquando a organização das imagens dos locais, são-lhe dadas apenas duas opções dos locais aos quais já se dirigiu, mas não consegue criar uma ordem, aponta as imagens aleatoriamente.
	Sb		
	F	2	Não fixou a sequência. Foi corretamente ao 2º e 4º locais mas não aos restantes dois. Não ficou com os cartões corretos para os colocar em ordem.
Reconhecimento/Identificação de locais			
0. Não identifica os pontos verbalmente nem executa o traçado no mapa; 1. Identifica verbalmente os pontos, mas não executa o traçado no mapa;	A	0	
	C	1	Com muitas pistas verbais.
	F		Faltou
	GH	1	Identifica apenas um dos locais. Não faz traçado.
	GSC		Faltou

2. Identifica verbalmente sem ajuda, mas efetua o traçado no mapa com apoio parcial; 3. Identifica o percurso verbalmente e faz o traçado no mapa sem ajuda	ELF	1	Faz traço a direito, mas identifica locais com algumas pistas verbais.
	M		Faltou
	MC	2	Pistas verbais para que se localizasse e para que percebesse que deveria traçar um caminho que não deveria passar pelo meio dos obstáculos.
	S	1	Com ajuda e pistas verbais. Não faz o traço corretamente, faz risco a direito.
	Sb	0	Faz riscos aleatórios no mapa.
Orientação no próprio corpo			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	A	2	Quando questionada sobre a direita e esquerda mostra as duas mãos ao mesmo tempo.
	C	1	Acerta cima e baixo
	F		Faltou
	GH	3	Utilizando apoio verbal e pistas visuais
	GSC	3	Utilizando apoio verbal e pistas visuais
	ELF	3	
	M	2	Confunde direita e esquerda. Sem apoio verbal.
	MC	2	Confunde direita e esquerda. Sem apoio verbal.
	S	3	

	Sb	3	
Orientação no objeto			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições	A	1	Acerta: Cima e Atrás Cm muito reforço auditivo.
	C	1	Acerta cima e baixo
	F		Faltou
	GH	3	Utilizamos a estratégias de ter a TSEER Rita Carvalho sentada na cadeira. Principalmente por ser uma figura de referência para o GH que lhe dá alguma estabilidade na realização da tarefa.
	GSC		
	ELF	2	Confunde direita e esquerda
	M	3	Direita e esquerda acerta, mas penso que poderá ser derivado a confundir a sua própria lateralidade.
	MC	2	Confunde direita e esquerda.
	S	2	Em “cima” coloca no meio da cadeira, mudando a peça de sítio constantemente
	Sb	2	Lado direito e esquerdo representados sempre no lado esquerdo.
Sequência de acontecimentos			
0. Não coloca os cartões na posição correta;	A	0	Não identifica os locais e escolhe imagens aleatoriamente.

1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal; 3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.	C	0	Não identifica os locais e escolhe imagens aleatoriamente.
	F	0	Não ordena nenhum cartão apesar de identificar todos os locais apresentados
	GH	1	Troca de lugar os dois primeiros locais mas acertas os dois últimos. Muitas pistas verbais.
	GSC	0	Não identifica locais nem utilizando apenas duas pistas (dois cartões) para seleccionar o que lhe é pedido. Não faz o percurso
	ELF	2	Ordena todas as imagens com apenas algumas pistas verbais.
	M		Faltou
	MC	0	Mesmo com muitas pistas verbais e adaptações ao material não ordena nenhum dos cartões
	S	2	Ordena apenas os dois primeiros cartões da sequência. Reconhece todos os locais.
	Sb		Faltou

- **Domínio: Memória**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens; 1. Reconhece 1 imagem; 2. Reconhece 2 imagem 3. Reconhece as 3 imagens	A	0	Erra todas. Aponta a mais perto e vai apontando todas
	C	1	Acerta: quadro cortiça com muito apoio verbal
	F		Faltou
	GH	0	Aponta para todas as imagens aleatoriamente
	GSC		Faltou
	ELF	2	Acerta: porta e quadro cortiça
	M		Faltou
	MC	3	Acerta todas
	S	1	Acerta: quadro cortiça
	Sb	0	Erra todas (aponta a mais perto)
Memória auditiva – memorização de palavras			
0. Não relembra nenhuma das palavras; 1. Relembra 1 palavra; 2. Relembra 2 palavra; 3. Relembra as 3 ou 4 palavras.	A	0	Não repete, mas faz gesto de virar com a mão
	C	0	Não Fez
	F		Faltou
	GH	1	Acerta: direita
	GSC		Faltou
	ELF	2	Acerta: direita e subir
	M	3	Acerta: direita; frente; virar
	MC	2	Acerta: frente e virar

	S	2	Acerta: direita; frente
	Sb	1	Acerta: virar

- Domínio: Linguagem e Comunicação

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação; 1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender; 2. Apresente discurso coerente, mas não fluente; 3. Apresenta discurso coerente e fluente	A	2	A A refere palavras ou pequenas frases de forma isolada. Responde a questões, mas não elabora um discurso.
	C	1	A C não apresenta discurso. Também a sua utilização dos gestos é um pouco debilitada, sendo difícil entender o que esta quer. Ainda assim, leva a pessoa ao local onde se encontra o que pretende. Tem um iPad para comunicação alternativa, mas este não é muito utilizado por ela.
	F	3	O F é apenas preguiçoso, não gostando de se expressar e de exprimir as suas vontades. É necessária muita insistência e, ainda assim, fala muito baixo.
	GH	3	O G apresenta algumas dificuldades na articulação das palavras, sendo necessário algum convívio com este para que se torne mais fácil entendê-lo. Ainda assim, é muito comunicativo, explicando tudo o que precisa de forma coerente.
	GSC	1	O GSN não tem discurso verbal. O uso dos seus gestos também não é muito explícito.

	ELF	3	Tem um discurso arrastado, muito lentificado, apresentando dificuldades de articulação das palavras. É muito expressivo, sendo fácil entendê-lo.
	M	1	Não apresenta discurso fluído, mostrando grandes dificuldades na articulação de palavras. É muito comunicativo e utiliza os gestos para se fazer entender de forma mais fácil. Apresenta ideias claras e coerentes.
	MC	2	Apresenta algumas dificuldades de articulação das palavras. É muito expressiva e comunicativa.
	S	1	Não apresenta discurso verbal. Diz apenas palavras soltas como “não”, “bom dia”. Recorre a gestos e consegue expressar as suas ideias desta forma.
	Sb	2	Tem dificuldades em articular as palavras, aliado a um discurso pouco coerente, restrito e aleatório.
Compreensão			
0. Não compreende instruções/pedidos; 1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais);	A	3	
	C	2	É necessário demonstra a tarefa pretendida, recorrendo aos materiais ou locais necessários de utilizar.
	F	3	
	GH	3	

3. Compreende facilmente	GSC	2	Precisa de um discurso claro e assertivo para que não se perca na quantidade de informação.
	ELF	3	
	M	3	
	MC	3	
	S	3	
	Sb	2	Como utiliza um discurso bastante restrito e básico é necessário utilizar conceitos claros e a demonstração.

Anexo J - Escala de Avaliação do EC

Domínio		Item	Critério de Êxito
Motricidade Global	Equilíbrio Estático	<p><u>Equilíbrio Estático Bipodal:</u></p> <p>a) Permanecer em pé, com os pés juntos, durante 20". O exercício deve ser realizado com os olhos abertos e com as mãos na cintura.</p> <p>b) Permanecer em pé, com os pés juntos, durante 20". O exercício deve ser realizado com os olhos fechados e com as mãos na cintura.</p> <p>São dadas duas tentativas, conta a melhor prestação.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora (Fonseca, 2010)</p>	<p>0. Não se posiciona com os pés juntos</p> <p>1. Mantém-se com os pés juntos durante 20" ou menos, com acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas</p> <p>2. Mantém-se com os pés juntos durante 20", com ligeiras oscilações e reajustamentos posturais</p> <p>3. Mantém-se com os pés juntos durante 20", revelando controlo postural perfeito e segurança gravitacional</p>
		<p><u>Equilíbrio Estático Unipodal:</u></p> <p>a) Permanecer em apoio unipodal, com a perna dominante fletida para trás, durante 10". Os olhos devem permanecer abertos e as mãos na cintura.</p>	<p>0. Não levanta a perna para se colocar em apoio unipedal</p> <p>1. Tenta manter-se em apoio unipedal, mas revela acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas</p>

		<p>b) Permanecer em apoio unipedal, com a perna dominante fletida para trás, durante 10". Os olhos devem permanecer fechados e as mãos na cintura.</p> <p>São dadas duas tentativas, conta a melhor prestação</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora (Fonseca, 2010)</p>	<p>2. Mantém-se em apoio unipedal durante 10", com ligeiras oscilações corporais e reajustamentos posturais</p> <p>3. Mantém-se em apoio unipedal durante 10", com controlo postural perfeito e segurança gravitacional</p>
	Equilíbrio Dinâmico	<p><u>Andar sobre uma Linha/Marcha controlada:</u></p> <p>Colocar-se em cima de uma linha, com o pé preferencial à frente e as mãos na cintura. Deve caminhar sobre a linha tendo de realizar pelo menos 6 passos corretamente.</p> <p>Para uma avaliação complementar, poderá ser pedido ao indivíduo que se desloque para trás, anotando-se o registo nas observações.</p> <p>São dadas duas tentativas, conta a melhor prestação</p>	<p>0. Não realiza nenhum passo corretamente ou realiza 1 apresentando bastante insegurança gravitacional e reequilibrações abruptadas;</p> <p>1. Realiza 1 a 2 passos corretamente, apresentando alguma instabilidade e reequilibrações;</p> <p>2. Realiza 3 a 4 passos corretamente, apresentando reequilibrações momentâneas;</p> <p>3. Realiza 5 ou 6 passos corretamente.</p>

		Adaptado do BOT 2 (Bruininks, 2005)	
	Coordenação Oculo manual	<p><u>Lançamentos:</u></p> <p>a) Lançar uma bola para dentro de um arco. É dada a oportunidade de realizar 1 ensaio e, posteriormente, 3 tentativas.</p> <p>b) Lançar uma bola para dentro de um cesto. É dado 1 ensaios e, posteriormente, 3 tentativas.</p> <p>O cliente deve escolher a mão preferencial em ambas as tarefas.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora (Fonseca, 2010)</p>	<p>0. Não realiza o movimento de lançamento</p> <p>1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso</p> <p>2. Acerta uma vez com sucesso;</p> <p>3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;</p> <p>Neste item é importante ter em atenção aspetos como a preferência manual, a preensão da bola, o estádio de lançamento, a postura, o tónus postural, a velocidade, a força e a integração visuoperceptiva.</p>
		<p><u>Pontapear:</u></p> <p>Pontapear uma bola de ténis de forma a passar dentro de uma baliza com cerca de 25cm de comprimento. A</p>	<p>0. Realiza os 3 chutes sem ter acertado nenhuma das vezes, apresentando evidentes reequilibrações, hesitações e desorganização espaço-temporal.</p>

	Coordenação Oculo podal	<p>distância até à baliza deve ser de 2,50 metros. É permitido apenas um ensaio, seguido de 3 tentativas.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora e Body Skills, (Fonseca, 2010) e (Bruininks, 2005)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Acerta pelo menos 1 chute, apresentando algumas reequilibrações e hesitações no movimento. 2. Acerta 2 chutes dos 3, revelando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor. 3. Acerta 3, demonstrando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor.
	Agilidade	<p><u>Zig-zag:</u></p> <p>Andar por entre 4 cones (a uma distância de 1 metro entre eles), em 8 (zig-zag), e regressar à posição inicial, sem tocar nos cones, tendo de contornar um total de 8 cones. São permitidas 3 tentativas para alcançar o sucesso.</p> <p>O observador deve dar instrução verbal e realizar uma demonstração primeiro.</p> <p>Adaptado do Body Skills, (Bruininks, 2005)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Não contorna nenhum cone; 1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/ verbal. 2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades; 3. Contorna todos os cones, regressando ao início.
Noção de		<p><u>Reconhecimento de segmentos do próprio corpo:</u></p> <p>Identificar, apontando/tocando no seu próprio corpo, as diferentes partes do corpo referidas pelo observador.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial;

	No próprio	<p>Se necessário, o observador poderá realizar uma demonstração, tocando para tal nas partes do corpo do cliente ou realizando a atividade em si próprio, para uma melhor compreensão da instrução.</p> <p>As partes do corpo a ser solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora e Exame Gerontopsicomotor, (Fonseca, 2010) e (Morais, Fiúza, Santos & Lebre, 2011)</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identifica entre 4 e 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.
	No outro	<p><u>Reconhecimento de segmentos no corpo do outro:</u></p> <p>Identificar, apontando/tocando no corpo de outra pessoa, as diferentes partes do corpo verbalizadas pelo observador.</p> <p>Se necessário, a estagiária poderá realizar uma demonstração, tocando para tal nas partes do corpo do cliente ou realizando a atividade em si própria, para uma melhor compreensão da instrução.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 e 7 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 8 a 12 com ajuda verbal; 3. Identifica 13 a 16 sem ajuda.




		<p>As partes do corpo a ser solicitadas são: As partes do corpo a ser solicitadas são: cabeça; testa; queixo; ombros; braços; cotovelos; pulsos; mãos; indicador; polegar; umbigo; pernas; joelhos; calcanhares; tornozelos; pés.</p> <p>Adaptado da Bateria Psicomotora e Exame Gerontopsicomotor, (Fonseca, 2010) e (Morais, Fiúza, Santos & Lebre, 2011)</p>	
--	--	---	--

Anexo K - Quadro de Plano de Sessão do Estudo de Caso

A sessão de ...

E L F



Ritual de Entrada	Atividades	Descanso
		

Anexo L - Resultados de Avaliação Inicial do Estudo de Caso

- **Domínio: Motricidade Global**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Equilíbrio Estático Bipodal – a)			
0. Não se posiciona com os pés juntos 1. Mantém-se com os pés juntos durante 20” ou menos, com acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, com ligeiras oscilações e reajustamentos posturais 3. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, revelando controlo postural perfeito e segurança gravitacional		2	Apresenta algumas reequilibrações mas mantém a posição durante o tempo pretendido.
Equilíbrio Estático Bipodal – b)			
0. Não se posiciona com os pés juntos 1. Mantém-se com os pés juntos durante 20” ou menos, com acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, com ligeiras oscilações e reajustamentos posturais 3. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, revelando controlo postural perfeito e segurança gravitacional		2	Oscilações tornam-se mais frequentes após os 10”
Equilíbrio Estático Unipodal – a)			
0. Não levanta a perna para se colocar em apoio unipodal			

1. Tenta manter-se em apoio unipodal, mas revela acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com ligeiras oscilações corporais e reajustamentos posturais 3. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com controle postural perfeito e segurança gravitacional		1	Máximo 5”. Oscilações constantes
Equilíbrio Estático Unipodal – b)			
0. Não levanta a perna para se colocar em apoio unipodal 1. Tenta manter-se em apoio unipodal, mas revela acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com ligeiras oscilações corporais e reajustamentos posturais; 3. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com controle postural perfeito e segurança gravitacional		1	Máximo 2”. Procura o apoio no técnico. Muitas oscilações e desequilíbrios.
Equilíbrio dinâmico – Marcha controlada			
0. Não realiza nenhum passo corretamente e apresenta bastante insegurança gravitacional e reequilibrações abruptadas; 1. Realiza entre um a três passos corretamente e apresenta alguma instabilidade e reequilibrações; 2. Realiza quatro ou cinco passos corretamente, contudo apresenta reequilibrações momentâneas; 3. Realiza cinco ou mais passos corretamente		3	Com algumas reequilibrações mas realiza todo o percurso.

Coordenação Oculo manual – Lançamentos a)			
0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;		3	Acerta todos os lançamentos. Lançamento por cima. Mão direita.
Coordenação Oculo manual – Lançamentos b)			
0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;		3	Acerta todos os lançamentos. Lançamento por cima. Mão direita.
Coordenação Oculo podal - pontapear			
0. Realiza os 4 chutes sem ter acertado nenhuma das vezes, apresentando evidentes reequilibrações, hesitações e desorganização espaço-temporal. 1. Acerta pelo menos 1 chute, apresentando algumas reequilibrações e hesitações no movimento. 2. Acerta 2 chutes dos 4, revelando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor. 3. Acerta 3 ou 4 chutes, demonstrando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor.		3	Acerta todos os lançamentos. Apresenta algumas reequilibrações no momento de chutar.

Agilidade – zig-zag			
0. Não contorna nenhum cone; 1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/ verbal. 2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades; 3. Contorna todos os cones, regressando ao início.		1	Contorna 2 pinos, o restante percurso faz em linha reta.

- Domínio: Noção de Corpo

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
No próprio corpo			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 e 6 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 7 a 9 com ajuda verbal; 3. Identifica 10 a 12 sem ajuda.		2	<u>Erradas:</u> Cotovelos – ombros Pulsos – tornozelos Testa – peito Queixo – ombro Indicador – costas Polegar – calcanhar Tornozelo – costas Calcanhar - braço
No corpo do outro			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 e 6 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 7 a 9 partes do corpo com ajuda verbal; 3. Identifica 10 a 12 partes do corpo sem ajuda.		2	<u>Erradas:</u> Cotovelos – Tornozelos Pulsos – tornozelos Testa – peito Queixo – barriga

			<p>Indicador – todos os dedos</p> <p>Polegar – todos os dedos</p> <p>Tornozelos – ombros</p> <p>Calcanhares - Pernas</p>
--	--	--	--

- Domínio: EET

Nome Pontos Observações			
Noção de Espaço - Orientação do próprio corpo:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições		3	Identifica todas as posições no seu corpo.
Noção de Espaço - Orientação no corpo do outro:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições		3	Identifica todas as posições, mas houve alguma confusão relativamente à direita e esquerda do objeto. Não sei se tem totalmente a certeza ou se foi um pouco por acaso.

Noção de Tempo - Contextualização temporal			
0. Não sabe a data 1. Sabe o mês, mas não o dia 2. Sabe o dia, mas não o mês 3. Sabe a data completa			
		0	Diz o último número por nós verbalizado (ex. Hoje é segunda ou terça? Terça; Mas hoje é terça ou segunda? Segunda)
Sequência de Acontecimentos			
8. Não coloca os cartões na posição correta; 9. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 10. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal; 11. Ordena todos os cartões de forma autónoma.		2	1ª; 4ª; 2ª; 3ª imagens, por esta ordem.

- Domínio: Memória

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens ou 1 com ajuda parcial; 1. Reconhece 2 imagem 2. Reconhece 3 imagens 3. Reconhece todas as imagens		3	Acerta todas as imagens não apresentando muitas hesitações.
Memória verbal – memorização de palavras			
0. Não identifica nenhum apalavra ou identifica 1 com apoio parcial; 1. Identifica 2 a 3 palavras com ajuda verbal; 2. Identifica 2 a 3 palavras sem ajuda verbal; 3. Identifica todas as palavras sem ajuda		2	Acerta três palavras. Faz repetição de uma das palavras. Acerta: Bola, Baliza, Campo. Falta: Boneco Repete: Baliza

- Domínio: Linguagem e Comunicação

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação; 1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender; 2. Apresente discurso coerente, mas não fluente; 3. Apresenta discurso coerente e fluente		3	Transmite claramente as suas ideias oralmente sendo, por vezes, um pouco difícil de compreender uma vez que o seu discurso é muito lento e algumas vezes de difícil articulação.
Compreensão			
0. Não compreende instruções/pedidos; 1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais); 3. Compreende facilmente		3	Compreende todas as indicações que lhe são dadas. Por vezes não executa de imediato a tarefa pedida oralmente por falta de concentração ou associação a outra ordem. (Exemplo: Se pedido para fazer uma parte do trajeto ao pé coxinho, de seguida passar por

			um local onde é para caminhar normal, o aluno vai continuar a fazer pé coxinho até ser interrompido, questionado e ser pedido que cumpra a instrução corretamente).
--	--	--	---

Anexo M - Resultados de Avaliação Final do Estudo de Caso

- **Domínio: Motricidade Global**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Equilíbrio Estático Bipodal – a)			
0. Não se posiciona com os pés juntos 1. Mantém-se com os pés juntos durante 20” ou menos, com acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, com ligeiras oscilações e reajustamentos posturais 3. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, revelando controlo postural perfeito e segurança gravitacional		2	Aguenta a posição durante 20”.
Equilíbrio Estático Bipodal – b)			
0. Não se posiciona com os pés juntos 1. Mantém-se com os pés juntos durante 20” ou menos, com acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas 2. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, com ligeiras oscilações e reajustamentos posturais		2	Aguenta a posição durante 20”. Com algumas oscilações.

3. Mantém-se com os pés juntos durante 20”, revelando controlo postural perfeito e segurança gravitacional			
Equilíbrio Estático Unipodal – a)			
0. Não levanta a perna para se colocar em apoio unipodal		1	Aguente a posição durante 3” com oscilações.
1. Tenta manter-se em apoio unipodal, mas revela acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas			
2. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com ligeiras oscilações corporais e reajustamentos posturais			
3. Mantém-se em apoio unipodal durante 10”, com controlo postural perfeito e segurança gravitacional			
Equilíbrio Estático Unipodal – b)			
0. Não levanta a perna para se colocar em apoio unipodal		1	Aguente a posição durante 2” com muitas oscilações.
1. Tenta manter-se em apoio unipodal, mas revela acentuadas oscilações corporais e reequilibrações abruptas			

2. Mantém-se em apoio unipodal durante 10", com ligeiras oscilações corporais e reajustamentos posturais;			
3. Mantém-se em apoio unipodal durante 10", com controlo postural perfeito e segurança gravitacional			
Equilíbrio dinâmico – Marcha controlada			
0. Não realiza nenhum passo corretamente e apresenta bastante insegurança gravitacional e reequilibrações abruptadas;		3	Realiza 6 passos corretamente. Mostra algumas oscilações no percurso.
1. Realiza entre um a três passos corretamente e apresenta alguma instabilidade e reequilibrações;			
2. Realiza quatro ou cinco passos corretamente, contudo apresenta reequilibrações momentâneas;			
3. Realiza cinco ou mais passos corretamente			
Coordenação Oculo manual – Lançamentos a)			
0. Não realiza o movimento de lançamento		3	Acerta os 3 lançamentos. Utiliza a mão direita e realiza o movimento de lançar por cima.
1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso			
2. Acerta uma vez com sucesso;			
3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;			
Coordenação Oculo manual – Lançamentos b)			

0. Não realiza o movimento de lançamento 1. Realiza o movimento de lançamento, mas não acerta com sucesso 2. Acerta uma vez com sucesso; 3. Acerta 2 ou 3 vezes com sucesso;		3	Acerta 2 lançamentos. Utiliza a mão direita e realiza o movimento de lançar por cima.
Coordenação Oculo podal - pontapear			
0. Realiza os 4 chutes sem ter acertado nenhuma das vezes, apresentando evidentes reequilibrações, hesitações e desorganização espaço-temporal. 1. Acerta pelo menos 1 chute, apresentando algumas reequilibrações e hesitações no movimento. 2. Acerta 2 chutes dos 4, revelando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor. 3. Acerta 3 ou 4 chutes, demonstrando adequado planeamento motor e autocontrolo visuomotor.		2	Acerta 2 chutes, utilizando o pé direito. Executa o programa motor de forma correta, utilizando o balanço do corpo para exercer força.
Agilidade – zig-zag			
0. Não contorna nenhum cone; 1. Contorna menos de metade dos cones, apresentando grandes dificuldades e necessitando de ajuda física/ verbal. 2. Contorna mais de metade dos cones, apresentando apenas ligeiras dificuldades;		3	Contorna todos os pinos de forma correta, tendo a estagiária recorrido à demonstração pois a disposição dos pinos gerou demasiados estímulos, deixando o ELF distraído.

3. Contorna todos os cones, regressando ao início.			
--	--	--	--

- Domínio: Noção de Corpo

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
No próprio corpo			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 e 6 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 7 a 9 com ajuda verbal; 3. Identifica 10 a 12 sem ajuda.		3	Erra: Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Tornozelo – sobrancelhas Calcanhar - tornozelo
No corpo do outro			
0. Identifica até 3 das partes do corpo solicitadas, com apoio parcial; 1. Identifica entre 4 e 6 partes do corpo com ajuda verbal; 2. Identifica 7 a 9 partes do corpo com ajuda verbal; 3. Identifica 10 a 12 partes do corpo sem ajuda.		3	Erra: Queixo – Bochecha Indicador – todos os dedos Polegar – todos os dedos Tornozelo – sobrancelhas Calcanhar - tornozelo

			Utiliza pista verbal (e.g., onde utilizas pulseiras) para identificar o <u>pulso</u> .
--	--	--	--

- Domínio: EET

Nome Pontos Observações			
Noção de Espaço - Orientação do próprio corpo:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições		3	Identifica corretamente todas as posições relativamente ao seu corpo.
Noção de Espaço - Orientação no corpo do outro:			
0. Identifica 1 das posições; 1. Identifica 2 a 3 das posições; 2. Identifica 4 a 5 das posições; 3. Identifica todas as posições		2	Troca as posições direita e esquerda, utilizando as mesmas direções no outro como para si.

Noção de Tempo - Contextualização temporal			
0. Não sabe a data 1. Sabe o mês, mas não o dia 2. Sabe o dia, mas não o mês 3. Sabe a data completa			
		0	Não identifica corretamente nenhum dos elementos da data, apesar de nomear os meses e os dias da semana.
Sequência de Acontecimentos			
0. Não coloca os cartões na posição correta; 1. Ordena os cartões com grande apoio parcial e pistas verbais; 2. Ordena os cartões apenas com ajuda verbal; 3. Ordena todos os cartões de forma autónoma.		2	1ª; 3ª; 4ª e 2ª. Ordem da sequência executada.

- Domínio: Memória

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Memória visual – memorização de imagens			
0. Não reconhece nenhuma das imagens ou 1 com ajuda parcial; 1. Reconhece 2 imagem 2. Reconhece 3 imagens 3. Reconhece todas as imagens		3	Acerta todas as imagens.
Memória verbal – memorização de palavras			
0. Não identifica nenhum apalavra ou identifica 1 com apoio parcial; 1. Identifica 2 a 3 palavras com ajuda verbal; 2. Identifica 2 a 3 palavras sem ajuda verbal;		2	Relembra todas as palavras, mas troca a ordem das duas últimas. (Cão; flor; boneco; bola – sequência referida)

3. Identifica todas as palavras sem ajuda			
---	--	--	--

- **Domínio: Linguagem e Comunicação**

Critério de êxito	Nome	Pontos	Observações
Expressão			
0. Não apresenta discurso nem tenta estabelecer comunicação; 1. Não apresenta discurso, mas recorre a estratégias para se fazer entender; 2. Apresente discurso coerente, mas não fluente; 3. Apresenta discurso coerente e fluente		3	Transmite claramente as suas ideias oralmente sendo, por vezes, um pouco difícil de compreender uma vez que o seu discurso é muito lento e algumas vezes de difícil articulação.
Compreensão			
0. Não compreende instruções/pedidos; 1. Compreende com recurso a apoio parcial; 2. Compreende com recurso a estratégias (e.g. pistas visuais); 3. Compreende facilmente		3	Compreende todas as indicações que lhe são dadas. Por vezes não executa de imediato a tarefa pedida oralmente por falta de concentração ou associação a outra ordem. (Exemplo: Se pedido para fazer uma parte do trajeto ao pé coxinho, de seguida passar por um local onde é para caminhar normal, o aluno vai continuar a fazer pé coxinho até ser interrompido, questionado e ser pedido que cumpra a instrução corretamente).